



ALFAGUARA

Mario Benedetti

A trégua



ALFAGUARA

Mario Benedetti

A trégua

ALFAGUARA



Mario Benedetti

A trégua

Tradução
Joana Angelica d'Avila Melo

© Mario Benedetti
c/o Guillermo Schavelzon & Asoc. Agencia Literaria
info@schavelzon.com, 1960
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Objetiva Ltda. Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro — RJ — Cep: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Título original
La Tregua

Capa
Marcelo Pereira / Tecnopop

Imagem de Capa
Gueorgui Pinkhassov / Magnum Photos

Revisão
Sonia Peçanha
Lilia Zanetti
Isa Laxe

Conversão para e-book:
Abreu's System Ltda.



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
B398t

Benedetti, Mario
A trégua [recurso eletrônico] / Mario Benedetti ; tradução Joana Angélica d'Avila Melo.
- Rio de Janeiro : Objetiva, 2011.

recurso digital

Tradução de: *La tregua*

Formato: ePUB

Requisitos do sistema:

Modo de acesso:

120p. ISBN 978-85-7962-101-7 (recurso eletrônico)

1. Romance uruguaio. 2. Livros eletrônicos. I. Melo, Joana Angélica d'Avila. II. Título.

11-5174. CDD: 868.993953

CDU: 821.134.2(899)-3

*Minha mão direita é uma andorinha
Minha mão esquerda é um cipreste
Minha cabeça, de frente, é um senhor vivo
E, por trás, é um senhor morto.*

VICENTE HUIDOBRO

Segunda, 11 de fevereiro

Só me faltam seis meses e 28 dias para estar em condições de me aposentar. Deve fazer pelo menos cinco anos que mantenho este cômputo diário do meu saldo de trabalho. Na verdade, preciso tanto assim do ócio? Digo a mim mesmo que não, que não é do ócio que preciso, mas do direito a trabalhar no que eu quiser. Por exemplo? Jardinagem, quem sabe. É bom como descanso ativo para os domingos, para contrabalançar a vida sedentária e também como defesa secreta contra minha futura e garantida artrite. Mas temo não conseguir agüentar isso diariamente. Violão, outra hipótese. Acho que me agradaria. Mas começar a estudar solfejo aos 49 anos deve ser meio desolador. Escrever? Talvez não o fizesse mal; pelo menos, as pessoas costumam gostar das minhas cartas. E depois? Imagino uma notinha bibliográfica sobre “as notáveis qualidades deste autor estreado que beira os 50”, e a mera possibilidade me causa repugnância. Que eu me sinta, até hoje, ingênuo e imaturo (isto é, só com os defeitos da juventude e quase nenhuma de suas virtudes) não significa que tenha o direito de exibir essa ingenuidade e essa imaturidade. Tive uma prima solteirona que, quando preparava uma sobremesa, insistia em mostrá-la a todos, com um sorriso melancólico e pueril que lhe havia ficado preso aos lábios desde a época em que se exibia para o namorado motociclista, o qual depois se matou numa de nossas tantas Curvas da Morte. Ela se vestia de maneira correta, inteiramente de acordo com seus 53; nisso, e no resto, era discreta, equilibrada, mas aquele sorriso reclamava um acompanhamento de lábios frescos, de pele roçagante, de pernas torneadas, de 20 anos. Era um gesto patético, só isso, um gesto que não chegava nunca a parecer ridículo, porque naquele rosto havia também bondade. Quantas palavras, só para dizer que não quero parecer patético.

Sexta, 15 de fevereiro

Para render passavelmente no escritório, preciso me obrigar a não pensar que o ócio está relativamente próximo. Do contrário, meus dedos se crispam e a letra redonda com a qual devo escrever os itens me sai quebrada e deselegante. A letra redonda é um dos meus maiores prestígios como empregado. Além disso, devo confessar que me dá prazer o traçado de algumas letras como o “M” maiúsculo ou o “b” minúsculo, nas quais me permiti algumas inovações. O que eu menos odeio é a parte mecânica, rotineira, do meu trabalho: repassar um lançamento que já redigi milhares de vezes, efetuar um balanço de saldos e constatar que tudo está em ordem, que não há diferenças a buscar. Esse tipo de tarefa não me cansa, porque me permite pensar em outras coisas e até (por que não dizer a mim mesmo?) também sonhar. É como se eu me dividisse em dois entes díspares, contraditórios, independentes, um que sabe de cor seu trabalho, que domina ao máximo as variantes e os meandros dele, que está sempre seguro de onde pisa, e outro sonhador e febril, frustradamente apaixonado, um sujeito triste que, no entanto, teve, tem e terá vocação para a alegria, um distraído a quem não importa por onde corre a pena nem que coisas escreva a tinta azul que em oito meses ficará negra.

Em meu trabalho, o insuportável não é a rotina; é o problema novo, o pedido repentino dessa Diretoria fantasmal que se esconde por trás de atas, disposições e gratificações de fim de ano, a urgência com que se reclama um informe ou um balancete analítico ou uma previsão de recursos. Então, sim, como se trata de algo mais do que rotina, minhas duas metades devem trabalhar para a mesma coisa, eu já não posso pensar no que quiser, e a fadiga se instala nas minhas costas e na nuca, como um emplastro poroso. Que me importa o lucro provável do item Pernos de Pistão no segundo semestre do penúltimo exercício? Que me importa o modo mais prático de conseguir a redução das Despesas Gerais?

Hoje foi um dia feliz; só rotina.

Segunda, 18 de fevereiro

Nenhum dos meus filhos se parece comigo. Em primeiro lugar, todos têm mais energias do que eu, parecem sempre mais decididos, não estão acostumados a duvidar. Esteban é o mais arredo. Ainda não sei a quem se dirige seu ressentimento, mas o certo é que ele parece um ressentido. Creio que tem respeito por mim, mas nunca se sabe. Jaime talvez seja meu preferido, embora quase nunca possamos nos entender. Ele me parece sensível, me parece inteligente, mas não me parece fundamentalmente honesto. É evidente que existe uma barreira entre nós dois. Às vezes acho que ele me odeia, às vezes que me admira. Blanca, pelo menos, tem algo em comum comigo: também é uma triste com vocação de alegre. Quanto ao resto, é por demais ciosa de sua vida própria, impermutável, para compartilhar comigo seus mais árdios problemas. É quem fica mais tempo em casa, e talvez se sinta um pouco escrava da nossa desordem, das nossas dietas, da nossa roupa suja. Suas relações com os irmãos às vezes chegam à beira da histeria, mas ela sabe dominar-se e, mais ainda, sabe dominá-los. Talvez, no fundo, eles se amem bastante, embora isso de amor entre irmãos traga consigo a quota de exasperação mútua que o costume provoca. Não, não se parecem comigo. Nem sequer fisicamente. Esteban e Blanca têm os olhos de Isabel. Jaime herdou dela a testa e a boca. O que Isabel pensaria se pudesse vê-los hoje, preocupados, ativos, maduros? Tenho uma pergunta melhor: o que eu pensaria, se pudesse ver Isabel hoje? A morte é uma experiência aborrecida; para os outros, sobretudo para os outros. Eu deveria me sentir orgulhoso por haver ficado viúvo com três filhos e ter conseguido seguir adiante. Mas não me sinto orgulhoso, e sim cansado. O orgulho é para quando se tem 20 ou 30 anos. Seguir adiante com meus filhos era uma obrigação, o único escape para que a sociedade não me encarasse e me dedicasse o olhar inexorável que se reserva aos pais desalmados. Não havia outra solução, e eu segui adiante. Mas tudo sempre foi por demais obrigatório para que pudesse me sentir feliz.

Terça, 19 de fevereiro

Às quatro da tarde, senti-me de repente insuportavelmente vazio. Tive de pendurar o paletó de lustrina que se usa no escritório e avisar ao Setor de Pessoal que precisava passar pelo Banco República para resolver aquele assunto do capital de giro. Mentira. O que eu não suportava mais era a parede em frente à minha escrivaninha, a horrível parede ocupada por aquela enorme folhinha com um fevereiro dedicado a Goya. O que faz Goya nessa velha casa importadora de autopeças? Não sei o que teria acontecido, se eu tivesse permanecido olhando a folhinha como um imbecil. Talvez gritasse, ou iniciasse uma das minhas costumeiras séries de espirros alérgicos, ou simplesmente submergisse nas esmeradas páginas do Livro-Razão. Porque já aprendi que meus estados de pré-explosão nem sempre conduzem à explosão. Às vezes terminam numa humilhação lúcida, numa aceitação irremediável das circunstâncias e de suas diversas e agravantes pressões. Gosto, no entanto, de me convencer de que não devo me permitir explosões, de que devo freá-las radicalmente, sob pena de perder meu equilíbrio. Então saio como saí hoje, numa encarniçada busca do ar livre, do horizonte, de sei lá quantas coisas mais. Bom, às vezes não chego ao horizonte e me conformo com me acomodar à janela de um café e registrar a passagem de algumas pernas bonitas.

Estou convencido de que, durante o expediente, a cidade é outra. Conheço a Montevideú dos homens com horário, os que entram às oito e meia e saem às 12, os que retornam às duas e meia e vão embora definitivamente às sete. Esses rostos crispados e suarentos, esses passos urgentes e tropeçantes são meus velhos conhecidos. Mas existe a outra cidade, a das frescas moçoilas que no meio da tarde saem recém-banhadinhas, perfumadas, desdenhosas, otimistas, espirituosas; a dos filhinhos da mamãe que acordam ao meio-dia e às seis da tarde ainda trazem impecável o colarinho branco de tricolina importada; a dos velhos que tomam o ônibus até a Aduana e depois retornam sem desembarcar, reduzindo sua módica farra à simples mirada reconfortante com que percorrem a Cidade Velha de suas nostalgias; a das mães jovens que nunca saem de noite e entram no cinema, com cara de culpadas, por volta das três e meia da tarde; a das babás que denigrem suas patroas enquanto as moscas devoram as crianças; a dos aposentados e ociosos vários, enfim, que crêem ganhar o céu jogando migalhas aos pombos da praça. Esses são meus desconhecidos, ao menos por enquanto. Estão instalados muito comodamente na vida, ao passo que eu fico neurastênico diante de uma folhinha com seu fevereiro consagrado a Goya.

Quinta, 21 de fevereiro

Esta tarde, quando eu vinha do escritório, um bêbado me deteve na rua. Não protestou contra o governo, nem disse que ele e eu éramos irmãos, nem tocou em nenhum dos incontáveis temas do pileque universal. Era um bêbado estranho, com uma luz especial nos olhos. Segurou meu braço e disse, quase apoiando-se em mim: “Sabe o que lhe aconteceu? Que você não vai a lugar nenhum.” Outro sujeito que passou nesse instante me fitou com uma alegre dose de compreensão e até me dedicou uma piscadela de solidariedade. Mas já faz quatro horas que estou tranqüilo, como se realmente não me dirigisse a lugar nenhum e só agora o percebesse.

Sexta, 22 de fevereiro

Quando eu me aposentar, creio que não escreverei mais este diário, porque então, sem dúvida, me acontecerão muito menos coisas do que agora, e vou achar insuportável me sentir tão vazio e, ainda por cima, deixar disso um registro por escrito. Quando eu me aposentar, talvez o melhor seja me abandonar ao ócio, a uma espécie de modorra compensatória, a fim de que os nervos, os músculos, a energia aos poucos se relaxem e se acostumem a morrer bem. Mas não. Há momentos em que tenho e mantenho a luxuosa esperança de que o ócio seja algo pleno, rico, a última oportunidade de encontrar a mim mesmo. E isso, sim, valeria a pena anotar.

Sábado, 23 de fevereiro

Hoje almocei sozinho, no Centro. Quando vinha pela Mercedes, cruzei com um sujeito de marrom. Primeiro, ele esboçou uma saudação. Devo tê-lo olhado com curiosidade, porque o homem se deteve e, com alguma vacilação, estendeu-me a mão. Não era uma cara desconhecida. Era algo assim como a caricatura de alguém que eu, em outros tempos, tivesse visto com frequência. Também estendi a minha, murmurando desculpas e de certa forma confessando minha perplexidade. “Martín Santomé?”, perguntou ele, mostrando no sorriso uma dentadura devastada. Claro, Martín Santomé, mas meu desconcerto era cada vez maior. “Não se lembra da rua Brandzen?” Bom, não muito. Faz bem uns trinta anos desde aquela época, e não sou famoso por minha memória. Naturalmente, quando solteiro morei na rua Brandzen, mas, ainda que me moessem de pancada, não poderia dizer como era a fachada da casa, quantas sacadas tinha, quem morava ao lado. “E do café da rua Defensa?” Aí, sim, a névoa se dissipou um pouco e por um instante vi a barriga, com cinturão largo, do galego Álvarez. “Claro, claro!”, exclamei iluminado. “Bem, eu sou Mario Vignale.” Mario Vignale? Não me lembro, juro que não me lembro. Mas não tive coragem de confessar. O sujeito parecia tão entusiasmado com o encontro... Então respondi que sim, que me desculpasse, que eu era um péssimo fisionomista, que na semana passada me encontrara com um primo e não o tinha reconhecido (mentira). Naturalmente, era obrigatório tomarmos um café, de modo que ele me arruinou a sesta do sábado. Duas horas e 15 minutos. Obstinou-se em me reconstituir pormenores, em me convencer de que havia participado da minha vida. “Eu me lembro até da tortilha de alcachofra que sua velha fazia. Sensacional. Eu ia sempre às onze e meia, esperando que ela me convidasse para almoçar.” E soltou uma bruta gargalhada. “Sempre?”, perguntei, ainda desconfiado. Então ele sofreu um acesso de vergonha: “Bom, fui umas três ou quatro vezes.” Afinal, qual era a porção de verdade? “E sua velha, vai bem?” “Morreu há 15 anos.” “Caralho. E seu velho?” “Morreu há dois anos, em Tacuarembó. Estava morando na casa da minha tia Leonor.” “Devia estar idoso.” Claro que ele devia estar idoso. Deus do céu, que chatice. Só então ele formulou a pergunta mais lógica: “E você, acabou se casando com Isabel?” “Sim, e tenho três filhos”, respondi, encurtando o caminho. Ele tem cinco. Que sorte. “E como vai Isabel?

Sempre bonita?” “Morreu”, respondi, fazendo a cara mais imperscrutável do meu repertório. A palavra soou como um disparo e ele — ainda bem — ficou desconcertado. Apressou-se em terminar o terceiro café e, em seguida, olhou o relógio. Há uma espécie de reflexo automático nisso de falar da morte e em seguida olhar o relógio.

Domingo, 24 de fevereiro

Não tenho saída. A conversa com Vignale me deixou uma obsessão: recordar Isabel. Já não se trata de resgatar sua imagem por meio das historinhas familiares, das fotografias, de algum traço de Esteban ou de Blanca. Conheço todos os seus dados, mas não quero sabê-los de segunda mão, e sim recordá-los diretamente, vê-los em todos os detalhes diante de mim, assim como vejo agora minha cara no espelho. E não consigo. Sei que os olhos dela eram verdes, mas não consigo me sentir diante de seu olhar.

Segunda, 25 de fevereiro

Encontro meus filhos muito pouco. Nossos horários nem sempre coincidem, e nossos planos ou nossos interesses, menos ainda. Eles são corretos comigo; mas como, além disso, são terrivelmente reservados, sua correção sempre parece o mero cumprimento de um dever. Esteban, por exemplo, está sempre se contendo para não discutir minhas opiniões. O que nos separa será a simples distância geracional, ou eu poderia fazer algo mais para me comunicar com eles? Em geral, acho-os mais incrédulos do que desatinados, mais fechados do que eu, quando tinha a mesma idade.

Hoje jantamos juntos. Fazia provavelmente uns dois meses que não estávamos todos presentes num jantar familiar. Perguntei, em tom de brincadeira, que acontecimento festejávamos, mas não houve eco. Blanca me olhou e sorriu, como se quisesse me comunicar que compreendia minhas boas intenções, e mais nada. Passei a registrar quais eram as escassas interrupções do consagrado silêncio. Jaime disse que a sopa estava insossa. “O sal está bem aí, a 10 centímetros da sua mão direita”, retrucou Blanca, e acrescentou, ferina: “Quer que eu lhe passe?” A sopa estava insossa. É verdade, mas por que aquilo? Esteban informou que, a partir do próximo semestre, nosso aluguel vai aumentar 80 pesos. Como todos contribuímos, a coisa não é tão grave. Jaime começou a ler o jornal. Acho ofensivo que as pessoas leiam quando comem com a família. Disse isso a ele. Jaime largou o jornal, mas foi o mesmo que se tivesse continuado a ler, porque continuou sisudo, distante. Relatei meu encontro com Vignale, tentando ridicularizá-lo para trazer ao jantar um pouco de animação. Mas Jaime perguntou: “Quem é esse Vignale?” “Mario Vignale.” “Um sujeito meio careca, de bigode?” Ele mesmo. “Conheço. Bela peça”, disse Jaime, “é colega de Ferreira. Tremendo achacador.” No fundo, agrada-me que Vignale seja uma porcaria, assim não tenho escrúpulos em me livrar dele. Mas Blanca perguntou: “Com que então, ele se lembrava de mamãe?” Achei

que Jaime ia dizer alguma coisa, creio que moveu os lábios, mas decidiu ficar calado. “Sorte dele”, acrescentou Blanca, “eu não me lembro.” “Mas eu, sim”, disse Esteban. Como será que ele se lembra? Como eu, com recordações de recordações, ou diretamente, como quem vê o próprio rosto no espelho? Será possível que ele, que só tinha 4 anos, possuía a imagem, e que a mim, em contraposição, a mim, que tenho registradas tantas noites, tantas noites, tantas noites, não reste nada? Fazíamos amor no escuro. Talvez seja por isso. Seguramente, é por isso. Tenho uma memória tátil dessas noites, e esta, sim, é direta. Mas e o dia? Durante o dia, não estávamos no escuro. Eu chegava do trabalho cansado, cheio de problemas, talvez furioso com a injustiça daquela semana, daquele mês.

Às vezes fazíamos contas. Nunca chegava. Talvez olhássemos demais os números, as somas, as sobras, e não tivéssemos tempo de nos olhar. Onde ela estiver, se é que está, que lembrança terá de mim? Afinal, a memória importa alguma coisa? “Às vezes me sinto infeliz, só por não saber do que tenho saudade”, murmurou Blanca, enquanto repartia os pêssegos em calda. Couberam três e meio para cada um.

Quarta, 27 de fevereiro

Hoje entraram para o escritório sete empregados novos: quatro homens e três mulheres. Tinham umas esplêndidas caras de susto, e de vez em quando dirigiam aos veteranos um olhar de respeitosa inveja. A mim, couberam dois pirralhos (um de 18 e outro de 22) e uma moça de 24 anos. Portanto, agora sou totalmente chefe: tenho nada menos que seis funcionários sob minhas ordens. Pela primeira vez, uma mulher. Sempre desconfieí delas em matéria de números. Além disso, outro inconveniente: durante os dias do período menstrual, e até mesmo nos que os antecedem, se normalmente forem espertas, elas ficam meio atarantadas; e se normalmente já forem atarantadas, tornam-se completamente imbecis. Esses “novos” que entraram não parecem ruins. O de 18 anos é o que menos me agrada. Tem um rosto sem força, delicado, e um olhar fugidio e ao mesmo tempo adulator. O outro é um eterno descabelado, mas tem um aspecto simpático e (ao menos por enquanto) uma evidente vontade de trabalhar. A mocinha não parece ter tanta vontade, mas pelo menos compreende o que a gente explica; além disso, tem testa larga e boca grande, dois traços que, em geral, me causam boa impressão. Chamam-se Alfredo Santini, Rodolfo Sierra e Laura Avellaneda. Vou deixar com eles os livros de mercadorias e com ela o Auxiliar de Resultados.

Quinta, 28 de fevereiro

Esta noite conversei com uma Blanca quase desconhecida para mim. Estávamos sozinhos, depois do jantar. Eu lia o jornal e ela jogava paciência. De repente ficou imóvel, com uma carta erguida no alto, e seu olhar era ao mesmo tempo perdido e

melancólico. Vigiei-a durante alguns instantes; em seguida, perguntei em que pensava. Ela então pareceu despertar, dirigiu-me um olhar desolado e, sem conseguir se conter, afundou a cabeça entre as mãos, como se não quisesse que ninguém profanasse seu pranto. Quando uma mulher chora diante de mim, eu me torno indefeso e, ainda por cima, desajeitado. Fico desesperado, não sei como lidar com aquilo. Desta vez, segui um impulso natural: me levantei, me aproximei dela e comeci a lhe acariciar a cabeça, sem dizer palavra. Aos poucos ela foi se acalmando e as convulsões chorosas se espaçaram. Quando, por fim, baixou as mãos, sequei-lhe os olhos e lhe assoei o nariz com a metade não usada do meu lenço. Nesse momento, ela não parecia uma mulher de 23 anos, mas uma menininha, momentaneamente infeliz porque uma de suas bonecas se quebrou ou porque não a levaram ao zoológico. Perguntei se se sentia descontente e ela respondeu que sim. Perguntei o motivo e ela disse que não sabia. Não estranhei muito. Eu mesmo, às vezes, me sinto infeliz sem motivo concreto. Contrariando minha própria experiência, comentei: “Oh, alguma coisa deve haver. Ninguém chora por nada.” Ela então começou a falar atropeladamente, impelida por um desejo repentino de franqueza: “Tenho a horrível sensação de que o tempo passa e eu não faço nada, e nada acontece, e nada me comove até a raiz. Vejo Esteban e vejo Jaime e tenho certeza de que eles também se sentem descontentes. Às vezes (não se aborreça, papai), também olho para você e penso que não gostaria de chegar aos 50 anos e ter sua têmpera, seu equilíbrio, simplesmente porque os considero sem relevo, gastos. Sinto em mim uma grande disponibilidade de energia, e não sei em que empregá-la, não sei o que fazer com ela. Acho que você se resignou a ser opaco, e isso me parece horrível, porque eu sei que você não é opaco. Pelo menos, não era.” Respondi (que outra coisa eu poderia dizer?) que ela estava com a razão, que fizesse o possível para se desligar de nós, de nossa órbita, que me agradava muito vê-la gritar esse inconformismo, que me parecia estar escutando um grito meu, de muitos anos atrás. Ela então sorriu, disse que eu era muito bom e jogou os braços ao meu pescoço, como antes. É uma menininha ainda.

Sexta, 1º de março

O gerente chamou os cinco chefes de seção. Durante três quartos de hora, falou-nos do baixo rendimento do pessoal. Disse que a Diretoria lhe fizera chegar uma observação nesse sentido, e que no futuro não estava disposto a tolerar que, por causa da nossa negligência (como gosta de acentuar “negligência!”), sua posição se visse gratuitamente afetada. Portanto, de agora em diante, etc. etc.

O que será que eles chamam de “baixo rendimento do pessoal”? Eu, pelo menos, posso dizer que meus funcionários trabalham. E não somente os novos, os veteranos também. É certo que Méndez lê romances policiais habilmente acondicionados na gaveta central da sua escrivaninha, enquanto sua mão direita empunha uma caneta sempre atenta à possível entrada de algum hierarca. É certo que Muñoz aproveita suas saídas até a Inspetoria de Rendas para surrupiar à empresa vinte minutos de ócio diante de uma cerveja. É certo que Robledo, quando vai ao banheiro (exatamente às 10h15), leva escondido sob o guarda-pó o suplemento em cores ou a página de esportes. Mas é também certo que o

trabalho está sempre em dia, e que, nas horas em que o trâmite se acelera e a bandeja aérea do Caixa viaja sem cessar, repleta de faturas, todos se afanam e trabalham com verdadeiro sentido de equipe. Cada um, em sua reduzida especialidade, é um entendido, e posso confiar plenamente em que as coisas estão sendo bem-feitas.

Na realidade, sei muito bem qual era o destinatário do aperto do gerente. A “Expedição” trabalha sem vontade e, além disso, executa mal sua tarefa. Todos sabíamos hoje que o sermão era para Suárez, mas então, para que chamar-nos todos? Que direito tem Suárez a que compartilhemos sua culpa exclusiva? Será que o gerente sabe, como todos nós, que Suárez se deita com a filha do presidente? Não é de se jogar fora, essa Lidia Valverde.

Sábado, 2 de março

Ontem à noite, depois de trinta anos, voltei a sonhar com meus encapuzados. Quando eu tinha 4 anos ou até menos, comer era um pesadelo. Então minha avó inventou um método realmente original para que eu engolisse sem maiores problemas a batata amassada. Ela vestia um enorme impermeável do meu tio, colocava o capuz e uns óculos escuros. Com esse aspecto, aterrorizante para mim, vinha bater à minha janela. A empregada, minha mãe, alguma tia, diziam então em coro: “Chegou *don* Policarpo!” *Don* Policarpo era uma espécie de monstro que castigava as crianças que não comiam. Paralisado no meu próprio terror, eu só tinha forças para mover as mandíbulas numa velocidade incrível e assim acabar com o insosso e abundante purê. Era cômodo para todo mundo. Ameaçar-me com *don* Policarpo equivalia a apertar um botão quase mágico. No final, aquilo se tornara uma diversão famosa. Quando chegava uma visita, era trazida até o meu quarto para assistir aos engraçados pormenores do meu pânico. É curioso como às vezes se pode chegar a ser tão inocentemente cruel. Porque, além do susto, havia minhas noites, minhas noites cheias de encapuzados silenciosos, estranha espécie de Policarpós que sempre estavam de costas, rodeados por uma bruma espessa. Sempre apareciam em fila, como que esperando a vez para ingressar no meu medo. Nunca pronunciavam uma só palavra, mas moviam-se pesadamente numa espécie de balanço intermitente, arrastando suas túnicas escuras, todas iguais, pois era isso o que o impermeável do meu tio fizera. Era curioso: em meu sonho, eu sentia menos horror do que na realidade. E, à medida que passavam os anos, o medo ia se transformando em fascinação. Com aquele olhar absorto que a gente costuma ter sob as pálpebras do sonho, eu assistia como que hipnotizado àquela cena cíclica. Às vezes, em outro sonho qualquer, eu tinha uma obscura consciência de que preferiria sonhar com meus Policarpós. E, uma noite, eles vieram pela última vez. Formaram sua fila, balançaram-se, guardaram silêncio e se esfumaram, como de costume. Durante muitos anos dormi com um inevitável desconforto, com uma quase enfermiza sensação de espera. Às vezes adormecia decidido a encontrá-los, mas só conseguia criar a bruma e, em raras ocasiões, sentir as palpitações do meu antigo medo. Só isso. Depois fui perdendo cada vez mais essa esperança e cheguei insensivelmente à época em que comecei a contar aos estranhos o fácil enredo do meu sonho. Também cheguei a esquecê-lo. Até ontem à noite. Ontem à noite, quando eu estava bem no meio de um sonho mais vulgar do que pecaminoso,

todas as imagens se esfumaram e apareceu a bruma, e, no meio da bruma, surgiram todos os meus Policarpus. Sei que me senti indizivelmente feliz e horrorizado. Até agora, se me esforçar um pouco, posso reconstituir algo daquela emoção. Os Policarpus, os indeformáveis, eternos, inócuos Policarpus da minha infância, balançaram-se e, de repente, fizeram algo totalmente imprevisto. Pela primeira vez, viraram-se, só por um momento, e todos eles tinham o rosto da minha avó.

Terça, 12 de março

É bom ter uma funcionária que seja inteligente. Hoje, para testar Avellaneda, expliquei-lhe de uma só vez tudo o que se refere à Controladoria Fiscal. Enquanto eu falava, ela foi fazendo anotações. Quando concluí, comentou: “Veja, senhor, acho que entendi bastante, mas tenho dúvidas sobre alguns pontos.” Dúvidas sobre alguns pontos... Méndez, que cuidava disso antes dela, precisou de nada menos que quatro anos para dissipá-las... Depois, coloquei-a para trabalhar na mesa que fica à minha direita. De vez em quando, dava-lhe uma olhada. Ela tem belas pernas. Ainda não trabalha automaticamente, e por isso se cansa. E também é inquieta, nervosa. Acho que minha hierarquia (pobre inexperiente!) a coíbe um pouco. Quando diz: “Senhor Santomé”, sempre pestaneja. Não é uma formosura. Bom, sorri passavelmente. Já é alguma coisa.

Quarta, 13 de março

Esta tarde, quando cheguei do Centro, Jaime e Esteban estavam gritando na cozinha. Consegui ouvir que Esteban dizia ao irmão algo sobre “aqueles seus amigos podres”. Quando escutaram meus passos, eles se calaram e procuraram falar com naturalidade. Mas Jaime tinha os lábios apertados, e os olhos de Esteban brilhavam. “O que houve?”, perguntei. Jaime deu de ombros e o outro disse: “Nada que lhe interesse.” Que vontade de lhe acertar um soco na boca. É isso o meu filho, esse rosto duro, que nada nem ninguém abrandará jamais. Nada que me interesse. Fui até a geladeira, peguei a garrafa de leite e a manteiga. Estava me sentindo indigno, envergonhado. Não era possível que ele me dissesse: “Nada que lhe interesse” e eu ficasse tão tranqüilo, sem lhe fazer nada, sem lhe dizer nada. Servi-me um copo grande. Não era possível que ele me gritasse com o mesmo tom que eu devia empregar com ele e que, no entanto, não empregava. Nada que me interesse. Cada gole de leite me doía nas têmporas. De repente, virei-me e o agarrei pelo braço. “Mais respeito com seu pai, entendeu? Mais respeito.” Era uma idiotice dizer isso àquela altura, quando o momento já passara. O braço estava tenso, duro, como se repentinamente se tivesse transformado em aço. Ou em chumbo. Minha nuca doeu quando levantei a cabeça para fitá-lo nos olhos. Era o mínimo que eu podia fazer. Não, ele não estava assustado. Simplesmente, sacudiu o braço até se soltar, moveu as asas do nariz e disse: “Quando é que você vai crescer?”, antes de sair batendo a porta.

Minha cara não devia estar muito tranqüila quando me virei para encarar Jaime. Ele continuava encostado à parede. Sorriu com espontaneidade e limitou-se a comentar: “Que mau gênio, velho, que mau gênio!” É incrível, mas, nesse preciso instante, senti que minha raiva congelava. “É que também seu irmão...”, falei, sem convicção. “Deixe-o”, respondeu Jaime, “a esta altura nenhum de nós tem remédio.”

Sexta, 15 de março

Mario Vignale foi me ver no escritório. Quer que eu vá à sua casa na semana que vem. Diz que encontrou fotos antigas de todos nós. Não as trouxe, o cretino. Sem dúvida, constituem o preço da minha aceitação. Aceitei, claro. Quem não é atraído pelo próprio passado?

Sábado, 16 de março

Esta manhã, o novo — Santini — tentou se confessar comigo. Não sei o que tem a minha cara para convidar sempre à confiança. As pessoas me olham, me sorriem, algumas até chegam a fazer a careta que precede o soluço; depois se dedicam a abrir o coração. E, francamente, há corações que não me atraem. São incríveis a cômoda impudícia, o tom de mistério com que alguns tipos segredam acerca de si mesmos. “Porque eu, sabe, senhor?, eu sou órfão”, foi logo dizendo Santini, para me obrigar à piedade. “Prazer, e eu sou viúvo”, respondi com um gesto ritual, destinado a destruir aquela cara-de-pau. Mas minha viuvez o comove muito menos do que sua própria orfandade.

“Tenho uma irmãzinha, sabe?” Enquanto falava, de pé junto à minha escrivaninha, ele tamborilava os dedos, frágeis e delgados, sobre a capa do meu Livro Diário. “Você não pode deixar quieta essa mão?”, gritei, mas ele sorriu docemente antes de obedecer. No pulso, usa uma corrente de ouro, com uma medalhinha. “Minha irmãzinha tem 17 anos, sabe?” O “sabe?” é uma espécie de tique. “Não me diga. E ela vai bem?” Era minha defesa desesperada, antes de que se rompessem os diques do seu último arremedo de escrúpulo e eu me visse definitivamente inundado pela sua vida íntima. “O senhor não me leva a sério”, disse ele, apertando os lábios, e afastou-se muito ofendido para sua mesa. Não trabalha muito depressa. Demorou duas horas para me fazer o resumo de fevereiro.

Domingo, 17 de março

Se eu algum dia me suicidar, será num domingo. É o dia mais desalentador, o mais sem

graça. Quem me dera ficar na cama até tarde, pelo menos até as nove ou as dez, mas às seis e meia acordo sozinho e já não consigo pregar o olho. Às vezes penso o que farei quando toda a minha vida for domingo. Quem sabe? Vai ver que me acostumo a despertar às dez horas. Fui almoçar no Centro, porque os rapazes saíram para o fim de semana fora, cada um para seu lado. Comi sozinho. Nem sequer tive forças para entabular com o garçom o fácil e ritualístico intercâmbio de opiniões sobre o calor e os turistas. Duas mesas adiante, havia outro solitário. Tinha o cenho franzido, partia os pãezinhos a socos. Duas ou três vezes olhei para ele, e numa oportunidade seus olhos cruzaram com os meus. Tive a impressão de que ali havia ódio. O que haveria para ele nos meus olhos? Deve ser uma regra geral, isso de nós, os solitários, não simpatizarmos uns com os outros. Ou será que, simplesmente, somos antipáticos?

Voltei para casa, dormi a sesta e me levantei pesado, de mau humor. Tomei uns mates, mas estavam amargos, e me aborreci. Então me vesti e fui outra vez ao Centro. Desta vez me meti num café; consegui uma mesa junto à janela. Em um lapso de uma hora e 15, passaram exatamente 35 mulheres interessantes. Para me entreter, fiz uma estatística sobre o que mais me agradava em cada uma. Anotei tudo no guardanapo de papel. Este é o resultado. De duas, gostei da cara; de quatro, do cabelo; de seis, do busto; de oito, das pernas; de 15, do traseiro. Ampla vitória dos traseiros.

Segunda, 18 de março

Ontem Esteban voltou à meia-noite, Jaime à meia-noite e meia, Blanca à uma da manhã. Escutei todos, captei minuciosamente cada ruído, cada passo, cada palavrão murmurado. Acho que Jaime veio um pouco bêbado. Pelo menos, tropeçava nos móveis e por quase meia hora manteve aberta a torneira da pia. Os xingamentos, no entanto, eram de Esteban, que nunca bebe. Quando Blanca chegou, Esteban disse a ela alguma coisa lá do seu quarto, e ela o mandou ir cuidar da própria vida. Depois, silêncio. Três horas de silêncio. A insônia é a peste dos meus fins de semana. Quando eu me aposentar, será que não vou dormir nunca?

Hoje de manhã, falei somente com Blanca. Disse que não me agradava que ela chegasse àquela hora. Ela não é insolente, de modo que não merecia meus resmungos. Mas acima disso está o dever, o dever de pai e mãe. Eu deveria ser os dois ao mesmo tempo, e creio que não sou nada. Senti que passava dos limites quando me ouvi perguntar, em tom de admoestação: “O que você andou fazendo? Aonde foi?” Ela então, enquanto passava manteiga na torrada, respondeu: “Por que você se sente obrigado a bancar o mau? Há duas coisas das quais temos certeza: que temos carinho um pelo outro e que eu não estou fazendo nada errado.” Fiquei derrotado. Ainda assim acrescentei, só mesmo para salvar as aparências: “Tudo depende do que você entende por errado.”

Terça, 19 de março

Trabalhei a tarde inteira com Avellaneda. Busca de diferenças. A coisa mais aborrecida que existe. Sete centavos. Mas, na realidade, compunha-se de duas diferenças contrárias: uma de 18 centavos e outra de 25. A pobrezinha ainda não pegou bem a coisa. Num trabalho de estrito automatismo, como este, ela se cansa tanto quanto em qualquer outro que a obrigue a pensar e a buscar soluções próprias. Estou tão habituado a esse tipo de busca que às vezes a prefiro a outra espécie de trabalho. Hoje, por exemplo, enquanto ela me cantava os números e eu ticava os itens da soma, exercitei-me em ir contando as pintas do seu antebraço esquerdo. Dividem-se em duas categorias: cinco pintas pequenas e três grandes, uma das quais avultadinha. Quando ela terminou de me cantar novembro, sugeri, só para ver qual era sua reação: “Mande cauterizar esta pinta. Geralmente não acontece nada, mas, num caso em cem, pode ser perigoso.” Ela corou e não sabia onde colocar o braço. Disse: “Obrigada, senhor”, mas continuou me ditando terrivelmente encabulada. Quando chegamos a janeiro, comecei eu a ditar, e ela ia ticando. Num determinado instante, tive consciência de que algo estranho estava acontecendo e levantei a vista no meio de uma cifra. Ela estava olhando minha mão. Em busca de pintas? Talvez. Sorri e, outra vez, ela morreu de vergonha. Pobre Avellaneda. Não sabe que eu sou a correção em pessoa e que nunca, jamais me aproveitaria de uma das minhas funcionárias.

Quinta, 21 de março

Jantar na casa de Vignale. O ambiente é asfixiante, escuro, carregado. Na sala de estar há duas poltronas, de um indefinido estilo internacional, que na realidade parecem dois anões peludos. Afundei numa delas. Do assento subia um calor que me chegava até o peito. Veio receber-me uma cachorrinha desbotada, com cara de solteirona. Olhou-me sem me farejar, depois ergueu uma das patas e cometeu o clássico delito de lesa-tapete. A mancha ficou ali, sobre uma cabeça de pavão, que era a vedete naquele desenho algo assombroso. Mas havia tantas manchas no tapete que, afinal, alguém podia chegar a crer que elas faziam parte da decoração.

A família de Vignale é numerosa, barulhenta, cansativa. Inclui a mulher dele, a sogra, o sogro, o cunhado, a concunhada e — horror dos horrores — os cinco filhos. Estes poderiam ser definidos mais ou menos como monstrosinhos. No físico são normais, excessivamente normais, corados e saudáveis. Sua monstruosidade está no fato de serem tão incômodos. O maior tem 13 anos (Vignale se casou já maduro) e o menor, 6. Movem-se constantemente, constantemente fazem barulho, constantemente discutem aos gritos. A pessoa tem a sensação de que eles estão lhe subindo pelas costas, pelos ombros, de que sempre estão prestes a lhe meter um dedo no ouvido ou a lhe puxar o cabelo. Nunca chegam a tanto, mas o efeito é o mesmo, e tem-se consciência de que na casa de Vignale fica-se à mercê dessa matilha. Os adultos da família se refugiaram numa invejável atitude de abstenção, mas sem excluir tapas perdidos que de repente cruzam o ar e se instalam no nariz, ou na têmpora, ou no olho de um daqueles anjinhos. O método da mãe, por exemplo, poderia ser definido assim: tolerar toda postura ou insolência do filho que incomode os outros, aí incluídas as visitas, mas castigar todo gesto ou palavra do filho que a incomode pessoalmente. O ponto culminante do jantar ocorreu à sobremesa.

Um dos meninos quis dar testemunho de que o arroz-doce não o agradava. Testemunho este que consistiu em derramar integralmente sua porção sobre a calça do irmãozinho caçula. O gesto foi festejado com generoso ruído, mas o choro do danificado superou todas as minhas previsões e não cabe em nenhuma descrição.

Depois do jantar, as crianças desapareceram, não sei se dispostas a ir para a cama ou a preparar um coquetel de veneno para amanhã cedo. “Que meninos!”, comentou a sogra de Vignale, “o que acontece é que eles têm vida.” “A infância é isto: vida pura”, foi o adequado remate do genro. Respondendo a uma inexistente averiguação da minha parte, a concunhada me assinalou: “Nós não temos filhos.” “E já estamos casados há sete anos”, disse o marido, com uma risada aparentemente maliciosa. “Eu, por mim, teria”, esclareceu a mulher, “mas este aqui se compraz em evitá-los.” Foi Vignale quem nos resgatou a todos de semelhante divagação ginecológica e anticonceptiva, para referir-se ao que constituía a atração máxima da noite: a exibição das célebres fotos de museu. Ele as guardava num envelope verde, fabricado caseiramente com papel de presente, sobre o qual havia escrito com letras de forma: “Fotografias de Martín Santomé.” Evidentemente, o envelope era velho, mas a legenda, bastante recente. Na primeira foto, apareciam quatro pessoas em frente à casa da rua Brandzen. Não foi necessário que Vignale me dissesse nada: ao ver a fotografia, minha memória pareceu sofrer um solavanco e mostrou reconhecer aquela imagem amarelenta que havia sido sépia. Quem estava na porta eram minha mãe, uma vizinha que depois foi embora para a Espanha, meu pai e eu mesmo. Meu aspecto era incredivelmente desajeitado e ridículo. “Esta foto, foi você quem tirou?”, perguntei a Vignale. “Está maluco? Eu nunca tive coragem para empunhar uma máquina fotográfica ou um revólver. Quem tirou esta foto foi Falero. Lembra-se de Falero?” Vagamente. Por exemplo, que o pai tinha uma livraria e que ele lhe roubava revistas pornográficas, cuidando em seguida de divulgar entre nós esse aspecto fundamental da cultura francesa. “Veja esta outra”, disse Vignale, ansioso. Ali também estava eu, junto do *Bronco*. O *Bronco* (disso, sim, eu me lembro) era um imbecil que sempre se grudava a nós, festejava todas as nossas brincadeiras, até as mais aborrecidas, e não nos largava de jeito nenhum.

Eu não me lembrava do seu nome, mas tinha certeza de que aquele era o *Bronco*. A mesma expressão abobalhada, a mesma carne fofa, o mesmo cabelo gomalinado. Soltei uma gargalhada, uma das minhas melhores gargalhadas deste ano. “De que você está rindo?”, perguntou Vignale. “Do *Bronco*. Veja só que figura.” Então Vignale baixou os olhos, deu uma relanceada envergonhada pelos rostos da mulher, dos sogros, do cunhado, da concunhada, e disse com voz abafada: “Achei que você não se lembrava desse apelido. Nunca gostei de que me chamassem assim.” Aquilo me pegou totalmente de surpresa. Fiquei sem saber o que fazer e o que dizer. Com que então, Mario Vignale e o *Bronco* eram a mesma pessoa? Olhei para ele, voltei a olhar, e confirmei que ele era estúpido, chato e abobalhado. Mas, evidentemente, tratava-se de outra estupidez, de outra chatices, de outra bobeira. Não eram as do *Bronco* de antigamente, não podiam ser. Agora, têm algo de irremediável. Acho que balbuciei: “Ora, mas ninguém dizia isso com más intenções. Lembre-se de que Prado era chamado de o *Coelho*.” “Quem dera que me tivessem chamado de o *Coelho*”, disse, em tom compungido, o *Bronco* Vignale. E paramos de ver fotografias.

Sexta, 22 de março

Corri 20 metros para alcançar o ônibus e fiquei arrebatado. Quando me sentei, achei que ia desmaiar. Na tarefa de despir o paletó, de desabotoar o colarinho e de me mexer um pouco para respirar melhor, rocei duas ou três vezes o braço da minha companheira de assento. Era um braço morno, não muito magro. No roçar, senti o toque felpudo do pêlo, mas não conseguia identificar se se tratava do meu, do dela ou do de ambos. Abri o jornal e comecei a ler. Ela, por sua vez, lia um folheto turístico sobre a Áustria. Aos poucos, fui respirando melhor, mas ainda tive palpitações por todo um quarto de hora. O braço dela se mexeu três ou quatro vezes, mas não parecia querer se separar totalmente do meu. Ia e voltava. Às vezes, o toque se limitava a uma tênue sensação de proximidade na extremidade dos meus pêlos. Olhei várias vezes para a rua e, de passagem, fiz a ficha da mulher. Rosto anguloso, lábios finos, cabelo comprido, pouca pintura, mãos largas, não muito expressivas. De repente o folheto dela caiu e eu me agachei para apanhá-lo. Naturalmente, dei uma olhada nas pernas. Passáveis, com um pequeno curativo no tornozelo. Ela não agradeceu. Na altura da Sierra, começou seus preparativos para descer. Guardou o folheto, ajeitou o cabelo, segurou a carteira e pediu licença. “Eu também vou descer”, informei, obedecendo a uma inspiração. Ela começou a caminhar rapidamente pela Pablo de María, mas em quatro passadas consegui alcançá-la. Caminhamos um junto do outro, ao longo de uma quadra e meia. Eu ainda estava formulando mentalmente minha frase inicial de abordagem quando ela virou a cabeça para mim e disse: “Se vai falar comigo, decida logo.”

Domingo, 24 de março

Pensando bem, que caso estranho, o da sexta-feira. Não nos dissemos os nomes nem os telefones nem nada pessoal. No entanto, eu juraria que para aquela mulher o sexo não é um gênero de primeira necessidade. Ela mais parecia estar exasperada por alguma coisa, como se sua entrega a mim fosse sua curiosa vingança contra não sei o quê. Devo confessar que esta é a primeira vez em que conquisto uma mulher somente com o cotovelo, e também a primeira vez em que, tão logo se vê no motel, uma mulher se despe tão rapidamente e em plena luz. A agressiva desenvoltura com que se deitou na cama, o que provava? Ela tanto fez para deixar em evidência sua completa nudez que eu quase acreditei ser aquela a primeira vez em que se encontrava pelada diante de um homem. Mas não era nova. E mesmo com sua cara séria, sua boca sem pintura, suas mãos inexpressivas, deu um jeito de sentir prazer. No momento que considerou oportuno, suplicou que eu lhe dissesse sacanagens. Não é minha especialidade, mas acho que a deixei satisfeita.

Segunda, 25 de março

Emprego público para Esteban. É o resultado do seu trabalho no clube. Não sei se me alegro com essa nomeação para chefe. Ele, que vem de fora, passa por cima de todos os que agora serão seus subordinados. Imagino que lhe tornarão a vida impossível. E com razão.

Quarta, 27 de março

Hoje fiquei até 11 da noite no escritório. Uma gauchada do gerente. Ele me chamou às 18h15 para dizer que precisava daquela porcaria para amanhã, na primeira hora. Era um trabalho para três pessoas. Avellaneda, pobrezinha, ofereceu-se para ficar. Mas eu tive pena.

Também ficaram três na Expedição. Na realidade, era a única coisa verdadeiramente necessária. Mas, claro, o gerente não iria fazer o macho da Valverde trabalhar extra sem lhe amenizar o castigo com o trabalho extra de algum inocente. Desta vez, o inocente fui eu. Paciência. Estou desejando que a Valverde se encha desse cafetão.

Fico horrivelmente deprimido por trabalhar fora de hora. Todo o escritório silencioso, sem público, com as escrivainhas grudentas, atulhadas de pastas e classificadores. O conjunto dá uma impressão de lixo, de desperdício. E, no meio desse silêncio e dessa escuridão, três sujeitos aqui e três ali, trabalhando sem vontade, arrastando o cansaço das oito horas prévias.

Robledo e Santini me ditavam as cifras, eu escrevia à máquina. Às oito horas da noite, minhas costas começaram a doer, perto do ombro esquerdo. Às nove, a dor pouco me importava; continuei escrevendo como um autômato as roucas cifras que eles me ditavam. Quando terminamos, ninguém falou. Os da Expedição já haviam saído. Fomos os três até a Plaza, paguei-lhes um café no balcão do Sorocabana e nos despedimos. Acho que me guardaram um pouco de rancor porque eu os escolhi.

Quinta, 28 de março

Falei longamente com Esteban. Expus minhas dúvidas sobre a justiça de sua nomeação. Eu não pretendia que ele renunciasse; por Deus, sei que isso já não se usa. Simplesmente, gostaria de ouvi-lo dizer que se sentia constrangido. De modo algum. “Não é o caso, velho, você continua vivendo em outra época.” Assim me disse. “Hoje em dia, ninguém se ofende se vier um sujeito qualquer e o ultrapassar no quadro de pessoal. E sabe por que ninguém se ofende? Porque todos fariam o mesmo, se tivessem a oportunidade. Tenho certeza de que não vão olhar para mim com bronca, mas sim com inveja.”

Eu disse a ele... Bem, que importa o que eu disse?

Sexta, 29 de março

Que vento asqueroso, custou-me uma trabalhadeira chegar pela Cidadela da Colonia até a Plaza. De uma moça, o vento levantou a saia. De um padre, levantou a batina. Jesus, que panoramas tão diferentes! Às vezes penso o que teria acontecido se eu tivesse me metido a padre. Provavelmente, nada. Tenho uma frase que pronuncio quatro ou cinco vezes por ano: “Há duas profissões para as quais estou certo de não ter a mínima vocação: militar e sacerdote.” Mas acho que digo isso por vício, sem a menor convicção.

Cheguei à minha casa despenteado, com a garganta ardendo e os olhos cheios de terra. Tomei banho, troquei de roupa e me instalei atrás da janela para beber mate. Senti-me protegido. E também profundamente egoísta. Via passarem homens, mulheres, velhos, crianças, todos lutando contra o vento, e agora também contra a chuva. No entanto, não tive vontade de abrir a porta e chamá-los para que se refugiassem na minha casa e me acompanhassem num mate quente. E não porque não me tenha ocorrido fazer isso. A idéia me passou pela cabeça, mas me senti profundamente ridículo e comeci a imaginar as caras de desconcerto que as pessoas fariam, mesmo no meio do vento e da chuva.

O que seria de mim, num dia como hoje, se vinte ou trinta anos atrás eu tivesse decidido ser padre? Sim, já sei, o vento me levantaria a batina, e minha calça de homem vulgar e simplório ficaria a descoberto. Mas e no resto? Eu teria ganhado ou perdido? Não teria filhos (acho que seria um padre correto, cem por cento casto), não teria escritório, não teria horário, não teria aposentadoria. Teria Deus, isto sim, e teria religião. Mas será que não os tenho? Francamente, não sei se creio em Deus. Às vezes, imagino que, no caso de existir Deus, esta dúvida não o desgostaria. Na realidade, os elementos que ele (ou Ele?) mesmo nos deu (raciocínio, sensibilidade, intuição) não são em absoluto suficientes para nos garantir nem sua existência nem sua não-existência. Graças a um impulso do coração, posso acreditar em Deus e acertar, ou não acreditar em Deus e também acertar. E então? Talvez Deus tenha uma face de crupiê e eu seja apenas um pobre-diabo que joga no vermelho quando dá preto, e vice-versa.

Sábado, 30 de março

Robledo ainda está de tromba comigo, por causa do trabalho extra da última quarta-feira. Pobre sujeito. Segundo me contou Muñoz hoje de manhã, a noiva de Robledo é assustadoramente ciumenta. Na quarta, ele deveria encontrar-se com ela às oito, e, como eu o escolhi para ficar, não pôde ir. Avisou-a por telefone, mas não houve jeito. A outra, desconfiada, já lhe comunicou que não quer saber mais dele. Diz Muñoz que o consola dizendo que é sempre melhor tomar conhecimento desses inconvenientes antes do casamento, mas Robledo está com uma cara amarradíssima. Hoje eu o chamei e expliquei que não sabia daquilo da noiva. Perguntei por que não me falou, e ele então me fitou com uns olhos que soltavam fâscas e murmurou: “O senhor bem que sabia. Já estou cheio dessas gracinhas.” Espirrou, de puro nervoso, e acrescentou em seguida, com um amplo gesto de decepção: “Que eles, que não são flor que se cheire, me perguntem essas peças, eu

compreendo. Mas que o senhor, um homem todo sério, se preste a imitá-los, francamente me decepciona um pouco. Eu nunca lhe disse, mas tinha o senhor em bom conceito.” Seria um pouco violento se eu saísse em defesa do seu bom conceito sobre a minha pessoa, de modo que concluí, sem ironia: “Olhe, se você achar que é verdade, acredite, se não achar, paciência. Eu não sabia de nada. Portanto, ponto final e vá trabalhar, se não quiser que eu também me decepcione.”

Domingo, 31 de março

Esta tarde, quando eu saía do California, vi de longe a tal do ônibus, a “mulher do cotovelo”. Vinha com um indivíduo corpulento, com aspecto de desportista e dois dedos de testa. Quando ele ria, dava vontade de refletir sobre as imprevisíveis variantes da imbecilidade humana. Ela também ria, jogando a cabeça para trás e apertando-se dengosamente contra ele. Passaram diante de mim e ela me viu no meio de uma gargalhada, mas não a interrompeu. Se me reconheceu ou não, eu não poderia assegurar. Fosse como fosse, disse ao centroavante: “Ai, querido”, e com um movimento vigoroso e coquete encostou a cabeça na gravata com girafas. Depois, dobraram na Ejido. Grande interrogação. O que tem a ver essa lambisgóia com aquela que na outra tarde se despiu em tempo recorde?

Segunda, 1º de abril

Hoje me mandaram, para que eu o atendesse, o “judeu que vem pedir emprego”. A cada dois ou três meses, ele aparece por aqui. O gerente não sabe como livrar-se da situação. Trata-se de um tipo alto, sardento, de uns 50 anos; fala horrivelmente o espanhol e talvez o escreva pior ainda. Em sua cantilena de sempre, informa que sua especialidade é correspondência em três ou quatro idiomas, taquígrafia em alemão, contabilidade de custos. Puxa do bolso uma carta em estado de absoluta deterioração, na qual o chefe de pessoal de não sei qual instituto de La Paz, Bolívia, certifica que o senhor Franz Heinrich Wolff prestou serviços inteiramente satisfatórios e se afastou por sua própria vontade. No entanto, a expressão do sujeito fica o mais longe possível de toda vontade, própria ou alheia. Já conhecemos de cor todos os seus tiques, todos os seus argumentos, toda a sua resignação. Porque ele sempre insiste em que o submetam a um teste, mas, quando o mandamos escrever à máquina, a carta sempre lhe sai mal; às poucas perguntas que lhe formulamos, responde sempre com tranquilos silêncios. Não consigo imaginar de que vive. Seu aspecto é ao mesmo tempo limpo e miserável. Ele parece estar inexoravelmente convencido do seu fracasso; não se concede a mínima possibilidade de ter êxito, mas sim a obrigação de ser obstinado, sem se importar muito com todas as negativas que deve enfrentar. Eu não saberia dizer exatamente se o espetáculo é patético, repugnante ou sublime, mas creio que nunca poderei esquecer a cara (serena? ressentida?) com que o

homem sempre recebe o resultado negativo do teste, nem a semi-reverência com que se despede. Já o vi algumas vezes na rua, caminhando devagar ou simplesmente observando o rio de gente que passa e que talvez lhe inspire alguma reflexão. Acho que jamais conseguirá sorrir. Seu olhar poderia ser o de um louco, ou o de um sábio, ou o de um simulador, ou o de alguém que sofreu muito. Mas o certo é que, a cada vez em que o vejo, tenho uma sensação de desconforto. Como se eu fosse, em parte, culpado pelo seu estado, pela sua miséria, e — o pior de tudo — como se ele soubesse que eu sou culpado. Uma idiotice, bem sei. Não posso lhe arrumar emprego no escritório onde trabalho; além disso, ele não serve.

E então? Talvez eu saiba que há outras formas de ajudar um semelhante. Mas quais? Conselhos, por exemplo? Não quero nem imaginar a cara com que ele os receberia. Hoje, depois de lhe dizer um não pela décima vez, senti que me vinha um surto de pena e decidi lhe estender a mão com uma nota de 10 pesos. Ele me deixou com a mão estendida, me olhou fixamente (um olhar bastante complicado, embora eu creia que, nele, o ingrediente principal era, por sua vez, a pena) e me disse, com aquele desagradável sotaque de erres que soam como gês: “O senhor não compgeende.” O que está rigorosamente certo. Não compreendo e pronto. Não quero mais pensar nisso tudo.

Terça, 2 de abril

Encontro meus filhos muito pouco. Especialmente Jaime. É curioso, porque é precisamente Jaime que eu gostaria de encontrar com mais frequência. Dos três, é o único que tem senso de humor. Não sei qual é o valor da simpatia nas relações entre pais e filhos; o fato é que, dos três, Jaime é o que me parece mais simpático. Mas, em compensação, é também o menos transparente.

Hoje eu o vi, mas ele não me viu. Uma experiência curiosa. Eu estava na Convención com Colonia, despedindo-me de Muñoz, que me havia acompanhado até lá. Jaime passou pela calçada em frente. Ia com outros dois, que tinham algo desagradável no porte ou no vestir; não me lembro bem, porque atentei especialmente para Jaime. Não sei o que ele ia dizendo aos outros, mas estes riam com grande estardalhaço. Ele ia sério, mas sua expressão era de satisfação, ou não, quem sabe provinha da convicção de sua superioridade, do claro domínio que naquele momento ele exercia sobre seus acompanhantes.

À noite, comentei: “Hoje vi você passando pela Colonia, junto com outros dois.” Tive a impressão de que ele corava. Talvez me tenha equivocado. “Um colega de escritório e o primo dele”, respondeu. “Parece que você os divertia muito”, acrescentei. “Ah, aqueles lá riam de qualquer bobagem.”

Então, creio que pela primeira vez em sua vida, ele me fez uma pergunta pessoal, uma pergunta que se referia às minhas próprias preocupações. “E... para quando você calcula que estará pronta sua aposentadoria?” Jaime perguntando sobre minha aposentadoria! Respondi que Esteban havia pedido a um amigo que cuidasse disso. Mas o amigo também não pode cuidar muito. É inevitável que, antes de mais nada, eu complete 50 anos. “E como você se sente?”, perguntou. Eu ri e me limitei a dar de ombros. Não falei

nada, por duas razões. Primeira, que ainda não sei o que farei com meu ócio. Segunda, que fiquei comovido com esse interesse repentino. Um bom dia, este de hoje.

Quinta, 4 de abril

Mais uma vez, precisamos ficar até tarde. Agora, a culpa foi nossa: tivemos de procurar uma diferença. Um problemão, escolher as pessoas. O pobre Robledo me fitava desafiador, mas não o escolhi; prefiro que ele pense que me mantém dominado. Santini tinha um aniversário. Muñoz anda com uma unha encravada que o deixa de péssimo humor, Sierra não vem há dois dias. Por fim, restaram Méndez e Avellaneda. Às 19h45, Méndez se aproximou, muito misterioso, e me perguntou até que horas iríamos. Respondi que pelo menos até as nove. Então, mais misterioso ainda e tomando as máximas precauções para que Avellaneda não o escutasse, ele me confessou que às nove tinha um programa e que primeiro queria ir para casa, a fim de tomar banho, fazer a barba, trocar de roupa etc. Ainda o fiz sofrer um pouco. Perguntei: “É bonita?” “Um poema, chefe.” Eles bem sabem que a única arma para me conquistar é serem francos. E capricham na franqueza. Claro que o liberei.

Pobre Avellaneda. Assim que nos vimos sozinhos naquele lugar enorme, ficou mais nervosa do que de costume. Quando me passou uma planilha e vi que sua mão tremia, perguntei à queima-roupa: “Meu aspecto é muito ameaçador? Não fique assim, Avellaneda.” Ela riu, e a partir desse momento trabalhou mais tranqüila. É um problema, falar com ela. Sempre tenho de estar a meio caminho entre a severidade e a confiança. Três ou quatro vezes, olhei-a de esguelha. Vê-se que é uma boa moça. Tem traços definidos, de gente leal. Quando se atrapalha um pouco com o trabalho, inevitavelmente se despeniteia, e isso lhe cai bem. Só às 9h10 encontramos a diferença. Perguntei se ela queria que eu a acompanhasse. “Não, senhor Santomé, de modo algum.” Mas, enquanto caminhávamos até a Plaza, falamos do trabalho. Também não aceitou um café. Perguntei onde ela morava e com quem. Pai e mãe. Namorado? Fora do escritório, devo lhe inspirar menos respeito, porque respondeu afirmativamente e em tom normal. “E quando teremos noivado?”, perguntei, como é de praxe nesses casos. “Ah, faz só um ano que nos vemos.” Acho que, depois de me confessar que tinha namorado, sentiu-se mais protegida e interpretou minhas perguntas como um interesse quase paternal. Reuniu toda a sua coragem para averiguar se eu era casado, se tinha filhos etc. Ante a informação sobre minha viuvez, ficou muito séria, e creio que hesitou entre mudar rapidamente de assunto ou acompanhar meu pesar com vinte anos de atraso. Triunfou a cordura, e ela passou a me falar do namorado. Havia acabado de me contar que ele trabalhava no Município quando apareceu seu trólebus. Apertou minha mão e tudo, que exagero.

Sexta, 5 de abril

Carta de Aníbal. Aborreceu-se em São Paulo e retorna no fim do mês. Para mim, é uma boa notícia. Tenho poucos amigos, e Aníbal é o melhor. Pelo menos, é o único com quem posso falar de certos assuntos sem me sentir ridículo. Algum dia, teremos de investigar em que se baseia nossa afinidade. Ele é católico, eu não sou nada. Ele é mulherengo, eu me limito ao indispensável. Ele é ativo, criativo, categórico; eu sou rotineiro e indeciso. O certo é que, muitas vezes, ele me impele a tomar uma decisão; outras, sou eu que o contendo com alguma das minhas dúvidas. Quando minha mãe morreu — em agosto fará 15 anos —, eu estava uma ruína. Só me sustentava uma fervorosa raiva contra Deus, os parentes, o próximo. A cada vez em que recordo o velório interminável, sinto asco. Os assistentes se dividiam em duas classes: os que começavam a chorar desde a porta e depois me sacudiam entre seus braços, e os que chegavam só para cumprimentar, apertavam minha mão com enjoativa compunção e, dali a dez minutos, estavam contando piadas obscenas. Então Aníbal chegou, aproximou-se, nem sequer me estendeu a mão e começou a falar com naturalidade: de mim, de si mesmo, de sua família, até de minha mãe. Essa naturalidade foi uma espécie de bálsamo, de verdadeiro consolo; eu a interpretei como a melhor homenagem que alguém podia fazer à minha mãe, assim como a mim mesmo em meu afeto pela minha mãe. É apenas um detalhe, um episódio quase insignificante, isso eu compreendo bem, mas aconteceu num desses momentos em que a dor nos deixa exageradamente receptivos.

Sábado, 6 de abril

Sonho descabelado. Eu acabava de atravessar, de pijama, o Parque de los Aliados. De repente, na calçada de uma casa luxuosa, de dois andares, vi Avellaneda. Aproximei-me sem vacilar. Ela usava um vestidinho liso, sem enfeites nem cinto, diretamente sobre a pele. Estava sentada num banquinho de cozinha, junto de um eucalipto, e descascava batatas. De repente, tive consciência de que já era noite e me aproximei dizendo: “Que cheiro gostoso de campo!” Ao que parece, meu argumento foi decisivo, porque imediatamente me dediquei a possuí-la, sem que houvesse qualquer resistência de sua parte.

Esta manhã, quando Avellaneda apareceu com um vestidinho liso, sem enfeites nem cinto, não consegui me agüentar e disse: “Que cheiro gostoso de campo!” Ela me olhou com autêntico pânico, exatamente como se olha um louco ou um bêbado. Para piorar, tentei explicar que estava falando sozinho. Não a convenci, e, ao meio-dia, quando foi embora, ela ainda me vigiava com certa prevenção. Mais uma prova de que é possível ser mais convincente nos sonhos do que na realidade.

Domingo, 7 de abril

Quase todos os domingos, almoço e janto sozinho, e inevitavelmente fico melancólico.

“O que fiz da minha vida?” é uma pergunta que soa a Gardel ou a Suplemento Feminino ou a artigo do *Reader's Digest*. Não importa. Hoje, domingo, sinto-me além do irrisório e posso me fazer perguntas desse tipo. Em minha história particular, não se operaram mudanças irracionais, guinadas insólitas e repentinas. O mais insólito foi a morte de Isabel. Residirá nessa morte a verdadeira chave do que eu considero minha frustração? Não creio. E mais: quanto mais me investigo, mais me convenço de que essa morte prematura foi uma desgraça, digamos, com sorte. (Deus do céu, como isto soa vulgar e mesquinho. Eu mesmo me horrorizo.) Quero dizer que, no momento em que Isabel desapareceu, eu tinha 28 anos e ela 25. Estávamos, portanto, em pleno auge do desejo. Creio que meu desejo físico mais veemente me foi inspirado por ela. Talvez seja por isso que, apesar da minha incapacidade de reconstituir (com minhas próprias imagens, e não com fotografias ou recordações de recordações) o rosto de Isabel, eu consiga, em contraposição, voltar a sentir em minhas mãos, sempre que necessitar, o contato particular de sua cintura, de seu ventre, de suas panturrilhas, dos seus seios. Por que as palmas das minhas mãos têm uma memória mais fiel do que a minha memória? De tudo isso, posso extrair uma consequência: que, se Isabel tivesse vivido os anos suficientes para que seu corpo se afrouxasse (Isabel tinha isto de bom: sua pele lisa e elástica em todos os pontos) e, por conseguinte, minha capacidade de desejá-la também se afrouxasse, não posso garantir o que teria sido do nosso vínculo exemplar. Porque toda a nossa harmonia, que era certa, dependia inexoravelmente da cama, da nossa cama. Não quero dizer com isso que durante o dia nos comportássemos como cão e gato; pelo contrário, em nossa vida cotidiana usava-se uma boa dose de concórdia. Mas qual era o freio para as explosões, para os excessos? Simplesmente, o gozo das noites, sua presença protetora em meio à insipidez dos dias. Se alguma vez o ódio nos tentava e começávamos a apertar os lábios, voltava aos nossos olhos o atrativo da noite, passada ou futura, e então, inevitavelmente, envolvia-nos uma onda de ternura que apacava todo impulso de rancor. Disso tenho certeza. Meu casamento foi uma coisa boa, uma alegre temporada. Mas e o resto? Porque existe a opinião que alguém pode ter de si mesmo, algo que, incredivelmente, pouco tem a ver com vaidade. Refiro-me à opinião cem por cento sincera, aquela que a pessoa não se atreveria a confessar nem ao espelho diante do qual faz a barba. Recordo que houve uma época (entre meus 16 e 20 anos, mais ou menos) em que tive uma boa, quase diria excelente opinião de mim mesmo. Sentia-me com ânimo para começar e levar a cabo “algo grande”, para ser útil a muitos, para endireitar as coisas. Não se pode afirmar que minha atitude fosse cretinamente egocêntrica. Embora eu quisesse receber a aceitação e até o aplauso alheios, creio que meu primeiro objetivo não era usar os outros, mas ser-lhes útil. Bem sei que isso não é caridade pura e cristã; mas tampouco me importa muito o sentido cristão da caridade. Recordo que eu não pretendia ajudar os necessitados, ou os malucos, ou os miseráveis (acredito cada vez menos na ajuda caoticamente distribuída). Minha intenção era mais modesta: simplesmente, ser útil aos meus iguais, a quem tivesse um direito mais compreensível a precisar de mim.

A verdade é que essa excelente opinião sobre mim mesmo decaiu bastante. Hoje me sinto vulgar e, sob alguns aspectos, indefeso. Eu suportaria melhor meu estilo de vida se não tivesse consciência de que (só mentalmente, claro) estou acima dessa vulgaridade. Saber que tenho em mim mesmo, ou tive, elementos suficientes para galgar outra possibilidade, saber que sou superior, não muito, à minha esgotada profissão, às minhas poucas

diversões, ao meu ritmo de diálogo: saber tudo isso, sem dúvida, não contribui para minha tranquilidade, antes faz com que eu me sinta mais frustrado, mais inepto a me sobrepor às circunstâncias. O pior de tudo é que não aconteceram coisas terríveis que me cercassem (bom, a morte de Isabel é algo forte, mas não posso chamá-la de terrível; afinal, existe algo mais natural do que ir embora deste mundo?), que freassem meus melhores impulsos, que impedissem meu desenvolvimento, que me atassem a uma rotina anestésica. Eu mesmo fabriquei minha rotina, mas pelo caminho mais simples: a acumulação. A segurança de me saber capaz para algo melhor me deu o controle da postergação, que no fim das contas é uma arma terrível e suicida. Daí que minha rotina jamais tenha tido caráter nem definição; foi sempre provisória, sempre constituiu um rumo precário, a ser seguido apenas enquanto durava a postergação, apenas para agüentar o dever da jornada durante esse período de preparação que por certo eu considerava imprescindível, antes de me lançar definitivamente à concretização do meu destino. Que tolice, não? O resultado é que agora não tenho vícios importantes (fumo pouco, só por enfado tomo uma caninha de vez em quando), mas creio que já não poderia deixar de me postergar: este é meu vício, aliás incurável. Porque se agora mesmo eu decidisse me assegurar, numa espécie de juramento tardio: “Vou ser exatamente o que eu quis ser”, de nada adiantaria. Primeiro, porque me sinto com escassas forças para jogá-las numa mudança de vida, e depois porque, agora, que validade tem para mim aquilo que eu quis ser? Seria algo como lançar-me conscientemente a uma senilidade prematura. O que desejo hoje é muito mais modesto do que aquilo que desejava trinta anos atrás, e, sobretudo, importa-me bem menos obtê-lo. Aposentadoria, por exemplo. É uma aspiração, naturalmente, mas é uma aspiração em declínio. Sei que vai chegar, sei que virá sozinha, sei que não será preciso que eu proponha nada. Assim é fácil, assim vale a pena entregar-se e tomar decisões.

Terça, 9 de abril

Esta manhã me telefonou o *Bronco* Vignale. Mandei dizer que não estava, mas à tarde, quando ele voltou a telefonar, senti-me obrigado a atender. Nisso, sou categórico: se tenho esta relação (não me atrevo a chamá-la de amizade), é talvez porque a mereço. Ele quer ir à minha casa. “Algo confidencial, velho. Não posso contar por telefone, nem posso trazê-lo à minha casa para isso.” Combinamos para quinta-feira à noite. Ele irá depois do jantar.

Quarta, 10 de abril

Avellaneda tem algo que me atrai. Isso é evidente, mas o que é?

Quinta, 11 de abril

Falta meia hora para o jantar. Vignale vem esta noite. Só estaremos Blanca e eu. Os rapazes desapareceram, assim que souberam da visita. Não os censuro. Eu também fugiria.

Em Blanca operou-se uma mudança. Suas faces estão coradas, e não artificialmente; continuam coradas mesmo depois que ela lava o rosto. Às vezes, ela se esquece de que estou em casa e começa a cantar. Tem pouca voz, mas a maneja com prazer. Gosto de ouvi-la. O que será que passa pela cabeça dos meus filhos? Estarão no momento das aspirações em ascensão?

Sexta, 12 de abril

Ontem Vignale chegou às 11 e foi embora às duas da manhã. Seu problema cabe em poucas palavras: a concunhada se apaixonou por ele. Vale a pena transcrever, ainda que só aproximadamente, a versão de Vignale: “Não esqueça que eles moram conosco há seis anos. Seis anos não são quatro dias. Não vou lhe dizer que até agora eu nunca havia prestado atenção na Elvira. Você já constatou que ela está muito bem. E, se a visse em traje de banho, ficaria de queixo caído. Mas uma coisa é olhar e outra, aproveitar, meu chapa. O que você queria? Minha patroa já está um pouco passada e, além disso, esgotada pelo trabalho da casa e com as crianças. Evidente que, depois de 15 anos de casado, não dá para vê-la e imediatamente me encher de paixão. Ainda por cima, ela tem uns períodos menstruais que duram bem uma quinzena, então fica muito difícil que minha vontade chegue a coincidir com sua disponibilidade. A verdade é que com frequência eu ando faminto e devoro com os olhos as panturrilhas da Elvira, que, para piorar, dentro de casa anda sempre de *short*. O fato é que ela interpretou mal os meus olhares; bom, na realidade interpretou bem, mas não era para tanto. A pura verdade é que, se eu soubesse que a Elvira gostava de mim, nem a teria observado, porque o que menos quero é armar confusão dentro do meu próprio lar, que para mim sempre foi sagrado. Primeiro foram uns olhares, e eu me fazendo de desentendido. Mas um dia destes ela cruzou as pernas bem na minha frente, de *short*, assim sem mais nem menos, e não tive remédio a não ser dizer: “Tome cuidado.” Ela respondeu: “Não quero tomar cuidado”, e aí, meu amigo, acabou-se. Depois me disse que eu não era nenhum cego, que eu bem sabia que não lhe era indiferente etc. etc. Embora certo de que isso de nada adiantaria, lembrei-lhe a existência do marido, ou seja, meu cunhado, e sabe o que me respondeu? “Quem? Aquele retardado?” E aí está o pior: ela tem razão, Francisco é um retardado. É isso que me esfria um pouco os escrúpulos. E você, o que faria no meu lugar?”

Eu, no lugar dele, não teria problemas: primeiro, não me casaria com a idiota da sua mulher, e segundo, não me sentiria atraído em absoluto pela carne mole da outra veterana. Mas só pude dizer chavões: “Tenha cuidado. Depois você não vai conseguir se livrar dela, lembre-se disso. Se quiser arruinar toda a sua situação familiar, vá em frente;

mas, se essa situação lhe importar mais do que tudo, então não se arrisque.”
Ele foi embora compungido, preocupado, indeciso. Seja como for, acho que a testa de Francisco corre perigo.

Domingo, 14 de abril

Esta manhã tomei um ônibus e desci na Agraciada com 19 de Abril. Há anos não andava por aqueles lados. Alimentei a ilusão de estar visitando uma cidade desconhecida. Só agora me dei conta de que me acostumei a viver em ruas sem árvores. E como podem ser irremediavelmente frias!

Uma das coisas mais agradáveis da vida: ver como o sol se filtra por entre as folhas. Boa manhã, esta de hoje. Mas à tarde dormi uma sesta de quatro horas e me levantei de mau humor.

Terça, 16 de abril

Continuo sem descobrir o que me atrai em Avellaneda. Hoje, estive estudando-a. Ela se movimentou bem, recolhe harmoniosamente o cabelo, sobre as faces tem uma leve penugem, como a de um pêssego. O que será que faz com o namorado? Ou melhor, o que será que o namorado faz com ela? Bancam o caszinho decente ou se atacam como qualquer um? Pergunta-chave para um interessado: inveja?

Quarta, 17 de abril

Diz Esteban que, se eu quiser a aposentadoria no fim do ano, a coisa tem de ser iniciada agora. Diz que vai me ajudar a movimentá-la, mas que, mesmo assim, levará tempo. Ajudar a movimentá-la talvez signifique molhar a mão de alguém. Eu não gostaria. Sei que o mais indigno é o outro, mas eu tampouco seria inocente. A teoria de Esteban é que convém agir no estilo que o ambiente exige. O que é simplesmente honrado num ambiente pode ser simplesmente imbecil em outro. Ele tem alguma razão, mas me desalenta que ele tenha razão.

Quinta, 18 de abril

Veio o inspetor: amável, bigodudo. Ninguém pensaria que ele fosse tão exigente. Começou pedindo dados do último balanço e acabou solicitando uma discriminação de itens que figura no inventário inicial. Fiquei carregando velhos e escalavrados livros desde a manhã até a última hora da tarde. O inspetor era um primor: sorria, pedia desculpas, dizia: “Mil agradecimentos.” Um encanto, o sujeito. Por que não morre? No início fui acumulando minha raiva, respondendo entredentes, xingando mentalmente. Depois, no lugar da bronca entrou outra sensação. Comecei a me sentir velho. Aqueles dados iniciais de 1929, eu os escrevera; aqueles lançamentos e contral lançamentos que figuravam no rascunho do Livro Diário, eu os escrevera; aqueles transportes a lápis no Livro-Caixa, eu os escrevera. Nessa época, não passava de um auxiliar, mas já me mandavam fazer coisas importantes, embora a módica glória fosse só do chefe, exatamente como agora ganho minha módica glória pelas coisas importantes que Muñoz e Robledo fazem. Sinto-me um pouco como o Heródoto da empresa, o registrador e o escriba de sua história, a testemunha sobrevivente. Vinte e cinco anos. Cinco lustros. Ou um quarto de século. Não. Parece muito mais assustador dizer, pura e simplesmente, 25 anos, e como minha letra foi mudando! Em 1929, eu tinha uma caligrafia escarranchada: os “r” minúsculos não se inclinavam para o mesmo lado que os “d”, os “b” ou os “h”, como se não tivesse soprado para todos o mesmo vento. Em 1939, as metades inferiores dos “f”, dos “g” e dos “j” pareciam uma espécie de franjas indecisas, sem caráter nem vontade. Em 1945, começou a era das maiúsculas, meu capricho em adorná-las com amplas curvas, espetaculares e inúteis. O “M” e o “H” eram grandes aranhas, com teia e tudo. Agora minha letra se tornou sintética, regular, disciplinada, clara. O que prova, apenas, que sou um simulador, já que eu mesmo me tornei complicado, irregular, caótico, impuro. De repente, quando o inspetor me pediu um dado correspondente a 1930, reconheci minha caligrafia, minha caligrafia de uma etapa especial. Com a mesma letra que usei para escrever: “Relação de salários pagos ao pessoal no mês de agosto de 1930”, com essa mesma letra e nesse mesmo ano, eu tinha escrito duas vezes por semana: “Querida Isabel”, porque Isabel morava então em Melo, e eu lhe escrevia pontualmente às terças e sextas. Essa, portanto, havia sido minha letra de noivo. Sorri, arrastado pelas recordações, e o inspetor sorriu comigo. Depois me pediu outra discriminação de itens.

Sábado, 20 de abril

Estarei ressequido? Sentimentalmente, digo.

Segunda, 22 de abril

Novas confissões de Santini. Outra vez, referentes à irmãzinha de 17 anos. Conta que, quando os pais não estão em casa, ela vai ao quarto dele e dança quase nua na sua frente. “Tem um maiô daqueles de duas peças, sabe? Bom, quando vem dançar no meu quarto,

tira a parte de cima.” “E você, o que faz?” “Eu... fico nervoso.” Respondi que, se ele apenas ficava nervoso, não havia perigo. “Mas, senhor, isso é imoral”, disse, agitando o pulso com a correntinha e a medalha. “E ela, que razões lhe dá para ir dançar na sua frente com tão pouca roupa?” “Pois é, senhor, alega que eu não gosto de mulheres e que vai me curar.” “E isso é verdade?” “Bem, mesmo que fosse... ela não tem por que fazer isso... por ela mesma... eu acho.” Então me resignei a fazer a pergunta que ele estava buscando havia tempo: “E de homens, você gosta?” Ele sacudiu outra vez a correntinha e a medalha. Disse: “Mas isso é imoral, senhor”, me deu uma piscadela a meio caminho entre o travesso e o asqueroso e, antes que eu pudesse acrescentar alguma coisa, perguntou: “Ou será que o senhor não acha?” Peguei-o fazendo cera e lhe passei um trabalho daqueles bem maçantes. Pelo menos por dez dias, ele não vai poder nem levantar a cabeça. Era só o que me faltava: um maricas na seção. Parece que é do tipo “com escrúpulos”. Que tratante. Seja como for, uma coisa é certa: a irmãzinha não é nenhuma santa.

Quarta, 24 de abril

Hoje, como em todos os 24 de abril, jantamos juntos. Bom motivo: aniversário de Esteban. Acho que todos nos sentimos um pouco obrigados a nos mostrar alegres. Nem mesmo Esteban parecia aborrecido; fez algumas brincadeiras, agüentou firme nossos abraços.

O cardápio preparado por Blanca foi o ponto mais alto da noite. Naturalmente, isso também predispõe ao bom humor. Não é de todo absurdo que um frango à portuguesa me deixe mais otimista do que uma tortilha de batatas. Nunca terá ocorrido a nenhum sociólogo efetuar uma cuidadosa análise sobre a influência das digestões na cultura, na economia e na política uruguaias? Como comemos, meu Deus! Na alegria, na dor, no assombro, no desalento. Nossa sensibilidade é primordialmente digestiva. Nossa inata vocação de democratas se apóia num velho postulado: “Todos precisamos comer.” Nossos crentes só em parte se importam com que Deus lhes perdoe suas ofensas, mas em contraposição pedem de joelhos, com lágrimas nos olhos, que não lhes falte o pão nosso de cada dia. E esse Pão Nosso não é — tenho certeza — um mero símbolo: é um pão alemão comprado a quilo.

Bom, comemos bem, tomamos um bom clarete, festejamos Esteban. No fim do jantar, quando mexíamos lentamente o café, Blanca soltou uma notícia: está namorando. Jaime a envolveu num olhar estranho, indefinido (o que é Jaime? quem é Jaime? o que quer Jaime?). Esteban perguntou alegremente o nome do “infeliz”. Já eu, creio que fiquei contente e o deixei desaparecer. “E quando conheceremos essa preciosidade?”, perguntei. “Veja bem, papai, Diego não vai fazer aquelas visitas protocolares de segunda, quarta e sexta. Nós nos encontramos em qualquer lugar, no Centro, na casa dele, aqui.” Quando disse “na casa dele”, devemos ter franzido nossos cenhos, porque ela se apressou a acrescentar: “Ele mora com a mãe, num apartamento. Não tenham medo.” “E a mãe nunca sai?”, perguntou Esteban, já um pouco azedo. “Não seja impertinente”, disse Blanca, e em seguida me lançou a pergunta: “Papai, quero saber se você confia em

mim. É a única opinião que me importa. Você confia em mim?” Quando me fazem uma pergunta assim, à queima-roupa, só existe uma coisa que eu posso responder. Minha filha sabe disso. “Claro que confio”, disse eu. Esteban se limitou a registrar sua incredulidade com um sonoro pigarro. Jaime continuou calado.

Sexta, 26 de abril

O gerente convocou outra reunião de chefes. Suárez não estava, por sorte pegou uma gripe. Martínez aproveitou a ocasião para dizer algumas verdades. Saiu-se bem. Admiro sua energia. A mim, no fundo, nada disto importa: o escritório, os títulos, as hierarquias e outras besteiras. Nunca me senti atraído pelas hierarquias. Meu lema secreto: “Quanto menos hierarquias, menos responsabilidade.” A verdade é que a gente vive melhor sem grandes cargos. Quanto a Martínez, está certo o que ele faz. De todos os chefes, os únicos que poderiam aspirar a uma subgerência (cargo a ser preenchido no fim do ano) seríamos, por ordem de antiguidade: eu, Martínez e Suárez. De mim Martínez não tem o que temer, porque sabe que vou me aposentar. Em contraposição, tem medo de Suárez (e com razão), porque este, desde que anda com a Valverde, teve notáveis progressos: de ajudante do caixa passou a Oficial 1º em meados do ano passado, de Oficial 1º a Chefe de Expedição, há menos de quatro meses. Martínez sabe perfeitamente que a única forma de se defender de Suárez é desacreditá-lo totalmente. Claro que, para isso, não precisa expressar demais sua imaginação, já que Suárez, em matéria de cumprimento das funções, é uma calamidade. Sabe-se imune, sabe-se odiado, mas o escrúpulo nunca foi sua especialidade.

Só vendo a cara do gerente quando o outro soltou seu rancor. Martínez lhe perguntou diretamente se “o senhor Gerente não sabia se algum outro membro da Diretoria tinha alguma filha disponível que quisesse dormir com chefes de seção”, acrescentando que ele estava “às ordens”. O gerente perguntou o que ele pretendia com isso, se queria ser suspenso. “De modo algum”, esclareceu Martínez, “o que eu busco é uma promoção. E já entendi que o procedimento é esse.” O gerente dava pena. O homem sabe que Martínez tem razão, mas sabe também que não pode fazer nada. Pelo menos por enquanto, Suárez é intocável.

Domingo, 28 de abril

Aníbal chegou. Fui recebê-lo no Aeroporto. Está mais magro, mais velho, mais gasto. De todo modo, foi uma alegria vê-lo de novo. Conversamos muito pouco, porque as três irmãs estavam lá, e nunca me dei bem com aquelas megeras. Combinamos nos ver um destes dias; ele vai me telefonar para o escritório.

Segunda, 29 de abril

A seção hoje estava um deserto. Faltaram três. Além disso, Muñoz foi resolver umas coisas na rua, e Robledo teve de revisar as fichas com o setor de Vendas. Ainda bem que, a esta altura do mês, não há muito trabalho. O alvoroço vem sempre depois do dia 1º. Aproveitei a solidão e a escassez de trabalho para conversar um pouquinho com Avellaneda. Faz alguns dias que a tenho notado apagada, quase triste. Isto, sim, a tristeza lhe cai bem. Afina seus traços, torna seus olhos melancólicos e a deixa mais jovem ainda. Gosto de Avellaneda, creio que já escrevi isso alguma vez. Perguntei o que estava acontecendo. Ela se aproximou da minha mesa, sorriu (como sorri bem!) e não falou nada. “Já faz alguns dias que a noto apagada, quase triste”, disse eu, e, para que meu comentário tivesse o mesmo conjunto de palavras que meu pensamento, acrescentei: “Isto, sim, a tristeza lhe cai bem.” Ela não o tomou como um galanteio. Apenas mostrou certa alegria nos olhos melancólicos e disse: “É muito bondoso, senhor Santomé.” Por que o “senhor Santomé”, meu Deus? A primeira parte havia soado tão bem... O “senhor Santomé” me recordou meus quase 50 anos, apagou inexoravelmente minha animação, e só me restaram forças para perguntar, em tom fingidamente paternal: “O namorado?” A pobre Avellaneda ficou com os olhos cheios de lágrimas, sacudiu a cabeça num gesto que parecia uma afirmação, balbuciou um “com licença” e saiu correndo para o banheiro. Fiquei um tempinho sem saber o que fazer diante dos meus papéis; creio que estava comovido. Senti-me agitado, como há muito não me sentia. E não era o nervosismo comum de alguém que vê uma mulher chorando ou prestes a chorar. Minha agitação era minha, só minha; a agitação de assistir à minha própria comoção. De repente, fez-se a luz em meu próprio cérebro: Então, não estou ressequido! Quando Avellaneda retornou, já sem lágrimas e um pouco encabulada, eu ainda desfrutava egoisticamente da minha recente descoberta. Não estou ressequido, não estou ressequido. Então olhei-a com gratidão, e como, nesse momento, Muñoz e Robledo estavam voltando, nós dois nos pusemos a trabalhar como que obedecendo a um acordo secreto.

Terça, 30 de abril

Vamos ver: o que me está acontecendo? O dia inteiro, transitou pela minha cabeça, como se se tratasse de um *slogan* recorrente, a única frase: “Com que então, ela brigou com o namorado.” E, em seguida, meu ritmo respiratório se alegrava. No mesmo dia em que descubro que não estou ressequido, sinto-me, em contraposição, intranquilizadamente egoísta. Bom, creio que, apesar de tudo, isto significa um passo à frente.

Quarta, 1º de maio

O Dia do Trabalho mais aborrecido da história universal. Para piorar: chuvoso, prematuramente invernal. As ruas sem gente, sem ônibus, sem nada. E eu no meu quarto, na minha cama conjugal de um só, neste escuro e pesado silêncio das sete e meia. Quem dera já fossem nove da manhã e eu estivesse à minha escrivaninha, de vez em quando olhando para a esquerda e encontrando aquela figurinha triste, concentrada, indefesa.

Quinta, 2 de maio

Preferi não falar com Avellaneda. Primeiro, porque não quero assustá-la; segundo, porque não sei realmente o que lhe dizer. Antes, tenho de descobrir com precisão o que me está acontecendo. Não é possível que, na minha idade, apareça de repente esta moça, que nem sequer é definitivamente linda, e se torne o centro da minha atenção. Sinto-me nervoso como um adolescente, é verdade, mas, quando vejo minha pele que começa a se afrouxar, quando vejo estas rugas dos meus olhos, estas varizes dos meus tornozelos, quando sinto de manhã minha tosse de velho, absolutamente necessária para que meus brônquios iniciem sua jornada, então já não me sinto adolescente, mas ridículo.

Todo o mecanismo dos meus sentimentos ficou retido há vinte anos, quando Isabel morreu. Primeiro foi dor, depois indiferença, mais tarde liberdade, ultimamente tédio. Longo, deserto, invariável tédio. Ah, durante todas essas etapas o sexo continuou ativo. Mas a técnica foi a das bicadas aqui e ali. Hoje um programa no ônibus, amanhã a contadora que veio para a inspeção, depois de amanhã a moça do caixa de Edgardo Lamas, S.A. Nunca duas vezes com a mesma. Uma espécie de resistência inconsciente a me comprometer, a enquadrar o futuro numa relação normal, de base permanente. Por que tudo isso? O que eu estava defendendo? A imagem de Isabel? Não creio. Não me senti vítima desse compromisso trágico, que, aliás, nunca subscrevi. Minha liberdade? Pode ser. Minha liberdade é outro nome para minha inércia. Dormir hoje com uma, amanhã com outra; bom, quero dizer, basta uma vez por semana. O que a natureza pede, e mais nada; é o mesmo que comer, o mesmo que tomar banho, o mesmo que fazer as necessidades. Com Isabel era diferente, porque havia uma espécie de comunhão e, quando fazíamos amor, parecia que cada duro osso meu correspondia a um brando côncavo dela, que cada impulso meu se encontrava matematicamente com seu eco receptor. Sob medida. O mesmo que quando a gente se acostuma a dançar com a mesma pessoa. No começo, a cada movimento corresponde uma réplica; depois, a réplica corresponde a cada pensamento. Quem pensa é um só, mas são os dois corpos que fazem a figura.

Sábado, 4 de maio

Aníbal me telefonou. Amanhã nos veremos.

Avellaneda faltou ao escritório. Jaime me pediu dinheiro. Nunca havia feito isso. Perguntei para quê. “Não posso nem quero dizer. Se quiser, me empreste, se não quiser, guarde. Para mim, dá exatamente no mesmo.” “No mesmo?” “Sim, no mesmo, porque, se tenho de pagar esse preço invasivo de lhe abrir minha vida íntima, meu coração, meus intestinos etc., prefiro conseguir o dinheiro em qualquer outro lugar, onde só me cobrem juros.” Dei o dinheiro, claro, mas por que tanta violência? Uma mera pergunta não é um preço invasivo. O pior de tudo, o que mais raiva me dá, é que geralmente faço essas perguntas por pura distração, pois o que menos quero é me meter nas zonas privadas dos outros, e muito menos nas dos meus filhos. Mas tanto Jaime como Esteban estão sempre numa disposição de pré-conflito no que se refere a mim. Eles já são uns tremendos marmanjos; por isso então, que se arranjem como puderem.

Domingo, 5 de maio

Aníbal não é mais o mesmo. Sempre tive a secreta impressão de que ele ia ser jovem até a eternidade. Mas parece que a eternidade chegou, porque já não o acho jovem. Ele decaiu fisicamente (está magro, os ossos aparecem mais, a roupa lhe fica grande, o bigode está como que desfiado), mas não é só isso. Desde o tom de sua voz, que me parece muito mais opaco do que na minha lembrança, até o movimento das mãos, que perderam vivacidade; desde seu olhar, que no primeiro momento me pareceu lânguido, mas depois me dei conta de que era só desencantado, até seus temas de conversa, que antes eram cintilantes e agora são incrivelmente sem brilho, tudo se resume a uma só comprovação: Aníbal perdeu sua alegria de viver.

Não falou quase nada de si mesmo, isto é, falou apenas superficialmente de si mesmo. Juntou algum dinheiro, parece. Quer se estabelecer aqui com um negócio, mas ainda não decidiu em que ramo. De todo modo, continua se interessando pela política.

Não é meu forte. Percebi isso quando ele começou a fazer perguntas cada vez mais incisivas, como se buscasse explicações para coisas que não consegue compreender. Percebi que aqueles assuntozinhos que a gente às vezes menciona em conversas de escritório ou de café, ou sobre os quais pensa vagamente, de relance, quando lê o jornal durante o desjejum, percebi que sobre esses temas eu não tinha uma verdadeira opinião formada. Aníbal insistiu e creio que fui me afirmando, à medida que lhe respondia. Perguntou se eu achava que tudo estava melhor ou pior do que cinco anos atrás, quando ele saiu daqui. “Pior”, responderam minhas células, por unanimidade. Mas depois tive de me explicar. Ufa, que trabalho.

Porque, na realidade, o suborno sempre existiu, a acomodação também, os corruptos, também. O que está pior, então? Depois de muito espremer meu cérebro, cheguei à convicção de que o que está pior é a resignação. Os rebeldes passaram a ser semi-rebeldes, os semi-rebeldes, a resignados. Acho que, nesta luminosa Montevédu, os dois partidos que mais progrediram nestes últimos tempos são o dos maricas e o dos resignados. “Não se pode fazer nada”, dizem as pessoas. Antes, só dava suborno quem queria conseguir algo ilícito. Vá lá. Mas, agora, também dá suborno quem quer

conseguir algo lícito. E isso significa afrouxamento total.

Mas a resignação não é toda a verdade. No princípio foi a resignação; depois, o abandono do escrúpulo; mais tarde, a conivência. Foi um ex-resignado que pronunciou a célebre frase: “Se os de cima roubam, eu também quero.” Naturalmente, o ex-resignado tem uma desculpa para sua desonestidade: é a única forma de os outros não levarem vantagem sobre ele. Diz que se viu obrigado a entrar no jogo, porque, do contrário, seu dinheiro valia cada vez menos e eram mais numerosos os caminhos corretos que se lhe fechavam. Continua mantendo um ódio vingativo e latente contra aqueles pioneiros que o obrigaram a seguir esse rumo. Talvez seja esse, afinal, o mais hipócrita, já que nada faz para safar-se. Talvez seja também o mais ladrão, porque sabe perfeitamente que ninguém morre de honestidade.

O que é não estar acostumado a pensar nisso tudo! Aníbal foi embora de madrugada e eu fiquei tão inquieto que não quis pensar em Avellaneda.

Terça, 7 de maio

Há dois procedimentos para abordar Avellaneda: *a)* a franqueza, dizer-lhe aproximadamente: “Gosto da senhorita, vamos ver o que acontece”; *b)* o fingimento, dizer-lhe aproximadamente: “Veja bem, menina, tenho minha experiência, posso ser seu pai, escute meus conselhos.” Embora pareça incrível, talvez me convenha o segundo. Com o primeiro, arrisco muito, e, além disso, tudo ainda está bastante imaturo, acho que, até agora, ela vê em mim um chefe razoavelmente amável e mais nada. No entanto, não é tão jovenzinha assim. Vinte e quatro anos não são 14. Vá ver que é das que preferem os tipos maduros. Mesmo assim, o namorado era um garoto. Bom, pelo menos com ele assim foi. Sem dúvida, agora, por reação, ela se inclina para o outro extremo. E no outro extremo posso estar eu, senhor maduro, experiente, grisalho, repousado, 49 anos, sem maiores achaques, bom salário. Os três filhos eu não incluo em minha ficha; não ajudam. Seja como for, ela sabe que os tenho.

Pois muito bem (e para falar nos termos de comadre de subúrbio), quais são minhas intenções? A verdade é que não me inclino a pensar em algo permanente, do tipo “até que a morte nos separe” (escrevi Morte e já apareceu Isabel, mas Isabel era outra coisa, acho que em Avellaneda o lado sexual me importa menos, ou talvez o sexual importe menos aos 49 anos do que aos 28), mas tampouco me inclino a ficar sem Avellaneda. O ideal, bem sei, seria ter Avellaneda sem obrigação de permanência. Mas isso já é pedir muito. No entanto, pode-se tentar.

Sem ter falado com ela, não posso saber nada. Tudo são fantasias que faço. É certo que, a esta altura, sinto-me um tanto cansado dos encontros às escuras, dos encontros em motéis. Há sempre uma atmosfera fria e uma sensação de imediatéz, de coisa urgente, que perverte qualquer tipo de diálogo que eu mantenha com qualquer tipo de mulher. Até o momento de me deitar com ela, seja quem for, o importante é me deitar com ela; depois de feito o amor, o importante é irmos embora, voltar cada um à sua cama particular, ignorar-nos para sempre. Em tantos e tantos anos desse jogo, não recorro uma só conversa reconfortante, uma só frase comovedora (minha ou alheia), dessas que estão

destinadas a reaparecer depois, sabe-se lá em que instante confuso, para extinguir alguma vacilação, para impelir-nos a tomar uma atitude que exija uma dose mínima de coragem. Bom, isso não é totalmente certo. Num motel da rua Rivera, deve fazer uns seis ou sete anos, uma mulher me disse esta frase singular: “Você faz amor com cara de empregado.”

Quarta, 8 de maio

Vignale outra vez. Esperava por mim na saída do escritório. Não tive outro remédio a não ser aceitar um trago, como prólogo inevitável a uma hora de confidências.

Ele está radiante. Ao que parece, a concunhada teve êxito em sua ofensiva amorosa, e agora os dois estão em pleno idílio. “Tem um tesão em mim que parece mentira”, disse, acariciando a gravata muito juvenil, creme com losanginhos azuis, que sem dúvida significava uma evidente evolução com respeito às muito enrugadas, de um obscuro marrom indefinido, que ele usava em sua época de marido no seco, de marido fiel. “Um mulherão, rapaz, e com fome atrasada.”

Imagino a fome atrasada da robusta Elvira, e não quero nem pensar no que será do pobre Vignale daqui a seis meses. Mas agora ele irradia felicidade por todos os poros. Acredita sinceramente que foi sua estampa de varão que a seduziu. Não percebe que, diante da “fome atrasada” da outra (o pobre Francisco não há de desmentir, seguramente, sua cara beatífica de capão), ele representava apenas o homem que estava mais à mão, a possibilidade de colocar-se em dia.

“E sua mulher?”, perguntei, com ar de consciência vigilante. “Tranquílíssima. Sabe o que ela me disse um dia destes? Que ultimamente eu andava muito melhor de gênio. E tem razão. Até meu fígado está funcionando bem.”

Quinta, 9 de maio

No escritório, não posso falar com ela. Tem de ser em outro lugar. Estou estudando seu itinerário. Com frequência, ela fica para comer no Centro. Almoça com uma amiga, uma gorda que trabalha na London París. Mas depois se separam e ela vai tomar alguma coisa num café da Venticinco com Misiones. Tem de ser um encontro casual. É o melhor.

Sexta, 10 de maio

Conheci Diego, meu futuro genro. Primeira impressão: gostei. Ele tem decisão no olhar, fala com uma espécie de orgulho que (assim me parece) não é gratuito, ou seja, apóia-se em algo de sua propriedade. Tratou-me com respeito, mas sem me adular. Em

toda a sua atitude havia algo que me agradou, e creio que agradou também à minha vaidade. Ele estava bem predisposto em relação a mim, isso foi evidente, e essa boa predisposição, de que outra fonte pode vir senão de suas conversas com Blanca? Eu seria verdadeiramente feliz, ao menos neste particular, se soubesse que minha filha tem de mim uma boa impressão. É curioso; não me importa, por exemplo, a opinião que mereço de Esteban. Em contraposição, importa-me, e bastante, sem dúvida, a que mereço de Jaime e Blanca. Talvez a rebuscada razão consista em que, embora os três representem muito para mim, embora eu veja refletidos nos três muitos dos meus impulsos e das minhas inibições, noto em Esteban, além disso, uma espécie de ojeriza, uma variante de ódio que ele não se atreve a confessar nem a si mesmo. Não sei o que veio primeiro, se sua repulsa ou a minha, mas o certo é que eu também não gosto dele como dos outros, sempre me senti longe desse filho que nunca pára em casa, que me dirige a palavra como que por obrigação, e que faz todos nós nos sentirmos como “estranhos” em “sua família”, a qual se compõe dele e somente dele. Jaime tampouco se sente muito inclinado a comunicar-se comigo, mas, em seu caso, não noto esse tipo de repulsa incontrolável. Jaime, no fundo, é um solitário sem conserto, e os outros, todos os outros, acabam pagando o pato.

Voltando a Diego: agrada-me que o jovem tenha caráter, vai fazer bem a Blanca. É um ano mais novo do que ela, mas parece ser quatro ou cinco mais velho. O essencial é que ela se sinta protegida; por sua vez, Blanca é leal, não vai decepcioná-lo. Gosto disso de eles saírem juntos e sozinhos, sem prima ou irmãzinha acompanhante. A camaradagem é uma linda etapa, insubstituível, irrecuperável. Isso eu nunca perdorei à mãe de Isabel; durante o noivado, ela sempre se grudava em nós como um emplastro, vigiava-nos tão estreita e zelosamente que qualquer um, mesmo que fosse o cúmulo da pureza, iria sentir-se obrigado a convocar todos os pensamentos pecaminosos dos quais dispusesse. Até naquelas ocasiões — raríssimas, claro — em que ela não estava presente, não nos sentíamos sozinhos; tínhamos certeza de que uma espécie de fantasma com xale registrava todos os nossos movimentos. Se alguma vez nos beijávamos, ficávamos tão tensos, tão atentos a captar qualquer indício premonitório de sua aparição em qualquer dos pontos cardeais da sala de estar, que o beijo acabava sendo sempre um contato meramente instantâneo, com pouco de sexo e menos ainda de ternura, e, ao contrário, muito de susto, de curto-circuito, de nervo ferido. Ela ainda vive; uma tarde destas, eu a vi lá pela Sarandi, espigada, resoluta, inextinguível, acompanhando a caçula de suas seis moças e um desgraçado com cara de noivo sob custódia. A menina e o candidato não iam de braços dados, havia entre eles um espaço de pelo menos 20 centímetros. Via-se que a velha ainda não abriu mão do seu famoso lema: “Braço dado, só casado.”

Mas voltei a me afastar do tema Diego. Ele diz que trabalha num escritório, mas só temporariamente. “Não posso me conformar com a perspectiva de me ver sempre ali, confinado, engolindo cheiro de velho em cima dos livros. Tenho certeza de que vou ser e fazer outra coisa, não sei se melhor ou pior do que isso que faço, mas outra coisa.” Houve uma época em que eu também pensava assim. No entanto, no entanto... Esse rapaz parece mais decidido do que eu.

Em algum momento, eu a ouvi dizer que nos sábados ao meio-dia se encontra com uma prima na Dieciocho com Paraguay. Tenho de falar com ela. Fiquei uma hora nessa esquina, mas ela não veio. Não quero marcar; tem de ser casual.

Domingo, 12 de maio

Também a ouvi dizer que aos domingos vai à feira. Tenho de lhe falar, então fui à feira. Duas ou três vezes, achei que era ela. De repente, na aglomeração, eu via entre muitas cabeças um pedaço de pescoço ou um penteado ou um ombro que pareciam os seus, mas depois a figura se completava e até o pedaço afim passava a se integrar com o resto e perdia a semelhança. Às vezes, uma mulher vista por trás tinha seu mesmo passo, seus quadris, sua nuca. Mas de repente se voltava, e o parecido se transformava em absurdo. A única coisa que não engana (assim, como traço isolado) é o olhar. Em nenhum lugar encontrei seus olhos. No entanto (só agora isso me ocorre), não sei como são, de que cor. Retornei cansado, aturdido, chateado, aborrecido. Embora exista outra palavra mais certa: retornei solitário.

Segunda, 13 de maio

São verdes. Às vezes, cinza-azulados. Eu a observava, talvez com excessiva atenção, e ela então me perguntou: “O que eu tenho, senhor?” Ridículo, isso de me tratar por “senhor”. “Uma nodozinha no rosto”, respondi, como um covarde. Ela passou o indicador pela face (um gesto seu bastante característico, que lhe estica o olho para baixo, não lhe cai bem) e perguntou de novo: “E agora?” “Agora ficou impecável”, respondi, com um pouco menos de covardia. Ela corou, e consegui acrescentar: “Agora não está só impecável: agora está linda.” Acho que ela percebeu. Acho que agora sabe que vem acontecendo alguma coisa. Ou terá interpretado minha atitude como uma atenção paternal? Detesto me sentir paternal.

Quarta, 15 de maio

Estive no café da Veinticinco com Misiones. Das 12h30 até as duas. Fiz uma experiência. “Tenho de lhe falar”, pensei, “portanto ela tem de aparecer.” Comecei a “vê-la” em cada mulher que se aproximava pela Veinticinco. Àquela altura, não me importava tanto o fato de não conseguir reconhecer, nesta ou naquela figura, um só detalhe que me lembrasse a dela. Eu a “via” do mesmo jeito. Uma espécie de jogo mágico (ou idiota, tudo depende do ponto de vista). Somente quando a mulher se encontrava a poucos passos era que eu

efetuava um brusco retrocesso mental e deixava de vê-la, substituí-a a imagem desejada pela indesejável realidade. Até que, de repente, fez-se o milagre. Uma moça apareceu na esquina e, de imediato, nela eu vi Avellaneda, a imagem de Avellaneda. Mas, quando quis efetuar o esperado retrocesso, ocorreu que a realidade também era Avellaneda. Que salto, meu Deus. Achei que meu coração se havia instalado nas minhas têmporas. Ela estava a dois passos, junto à minha janela. Eu disse: “Como vai? O que anda fazendo?” O tom era natural, quase rotineiro. Ela olhou surpreendida, creio que agradavelmente surpreendida, tomara que agradavelmente surpreendida. “Ah, senhor Santomé, me deu um susto.” Um só gesto displicente da minha mão direita, acompanhando um convite sem ênfase: “Um café?” “Não, não posso, que pena. Meu pai está me esperando no Banco, para resolver umas coisas.” É o segundo café que ela me rejeita, mas desta vez disse: “Que pena.” Se não o tivesse dito, creio que eu jogaria um copo contra o piso, ou morderia meu lábio inferior, ou cravaria as unhas nas palmas. Não, mentira, pura conversa; eu não faria nada. No máximo, ficaria desalentado e vazio, com a perna cruzada, os dentes apertados e os olhos me doendo de tanto fitar a mesma xícara. Mas ela disse: “Que pena”, e, antes de afastar-se, ainda perguntou: “O senhor está sempre aqui, a esta hora?” “Claro”, menti. “Então, transferimos o convite para outro dia.” “Bem, não se esqueça”, insistiu, e ela se foi. Uns cinco minutos depois, veio o garçom, trouxe outro café e disse, olhando para a rua: “Que solzinho agradável, hem? A gente se sente como novo. Dá vontade de cantar e tudo.” Só então eu me ouvi. Inconscientemente, como um velho gramofone no qual alguém põe um disco e depois se esquece, eu tinha chegado, sem me dar conta, à segunda estrofe de *Mi Bandera*.¹

Quinta, 16 de maio

“Sabe com quem eu me encontrei?”, disse ao telefone a voz de Vignale. Meu silêncio foi, sem dúvida, tão provocador que ele não conseguiu esperar nem três segundos para responder à sua própria adivinhação: “Com Escayola, imagine.” Imaginei. Escayola? Coisa estranha, ouvir de novo esse sobrenome, um sobrenome antigo, daqueles que já não aparecem. “Não diga, e como vai ele?”

“Parece um golfinho: pesa 98 quilos.” Bom, o fato é que Escayola soube que Vignale me encontrara e — naturalmente — um jantar consta do programa.

Escayola também é da época da rua Brandzen. Mas deste eu me lembro, sim. Era um adolescente magricela, alto, nervoso: para tudo, tinha pronto um comentário brincalhão e, em geral, sua conversa era hilariante. No café do galego Álvarez, Escayola era a estrela. Evidentemente, estávamos todos predispostos ao riso; porque Escayola dizia qualquer coisa (não precisava ser muito engraçada) e todos nós já nos cutucávamos. Recordo que às vezes ríamos aos gritos, segurando a barriga. Creio que o segredo estava no fato de ele se fazer de pândego com grande seriedade: uma espécie de Buster Keaton. Vai ser bom vê-lo de novo.

Sexta, 17 de maio

Finalmente aconteceu. Eu estava no café, sentado junto à janela. Desta vez não esperava nada, não estava vigiando. Acho que fazia contas, na vã tentativa de equilibrar os gastos com a renda deste maio tranqüilo, verdadeiramente outonal, pletórico de dívidas. Ergui os olhos e ela estava ali. Como uma aparição ou um fantasma ou simplesmente — e muito melhor — como Avellaneda. “Vim cobrar o café daquele dia”, disse. Eu me levantei, tropecei na cadeira, minha colherinha de café resvalou da mesa com um escândalo que mais parecia provir de uma concha de sopa. Os garçons olharam. Ela se sentou. Recolhi a colherinha, mas, antes de conseguir me sentar, enganchei o paletó naquele maldito rebordo que as cadeiras têm no espaldar. Em meu ensaio geral dessa desejada entrevista, não havia levado em conta uma encenação tão movimentada. “Parece que eu o assustei”, disse ela, rindo com franqueza. “Bem, um pouco, sim”, confessei, e isso me salvou. Estava recuperada a naturalidade. Falamos do escritório, de alguns colegas, contei-lhe vários episódios de tempos idos. Ela ria. Usava um casquinho verde-escuro sobre uma blusa branca. Estava despenteada, mas só na metade direita, como se uma ventania a tivesse atingido apenas desse lado. Eu a avisei. Ela puxou da carteira um espelhinho, olhou-se, divertiu-se um pouquinho com esse aspecto que lhe parecia ridículo. Agradou-me que seu bom humor lhe permitisse zombar de si mesma. Então, comeci: “Sabe que a senhorita é a culpada de uma das crises mais importantes da minha vida?” Ela perguntou: “Econômicas?”, e ainda ria. Respondi: “Não, sentimental”, e ela ficou séria. “Caramba”, disse, e esperou a continuação. E eu continuei: “Veja, Avellaneda, é bem possível que o que vou dizer lhe pareça uma loucura. Se for assim, fale-me e pronto. Mas não quero fazer rodeios: acho que estou apaixonado pela senhorita.” Esperei uns instantes. Nem uma palavra. Ela olhava fixamente a carteira. Acho que se ruborizou um pouco. Não tentei identificar se o rubor era radiante ou envergonhado. Então prossegui: “Na minha idade e na sua idade, o mais lógico seria que eu calasse a boca; mas creio que, de todo modo, era uma homenagem que eu lhe devia. Não vou exigir nada. Se a senhorita, agora ou amanhã ou seja lá quando for, me disser basta, não se fala mais do assunto e continuamos amigos. Não tema por seu trabalho no escritório, pela tranqüilidade em seu trabalho; eu sei me comportar, não se preocupe.” Esperei outra vez. Ela estava ali, indefesa, ou melhor, defendida por mim contra mim mesmo. Qualquer coisa que ela dissesse, qualquer atitude que assumisse, significaria: “Esta é a cor do seu futuro.” Por fim, não consegui esperar mais e perguntei: “E então?” Sorri um pouco forçadamente e acrescentei, com uma voz trêmula que desmentia o gracejo que a frase pretendia ser: “Tem algo a declarar?” Ela parou de olhar a carteira. Quando levantou os olhos, pressenti que o pior momento havia passado. “Eu já sabia”, respondeu. “Por isso vim tomar café.”

Sábado, 18 de maio

Ontem, quando escrevi o que ela me disse, não prossegui. Não prossegui porque quis

que assim terminasse o dia, embora fosse o dia escrito por mim, com esse latejo de esperança. Ela não disse: “Basta.” Mas não somente não disse “Basta”, como também disse: “Por isso vim tomar café.” Depois me pediu um dia, umas horas pelo menos, para pensar. “Eu sabia, mas ainda assim é uma surpresa; preciso me recuperar.” Amanhã, domingo, almoçaremos no Centro. Como vai ser? Na realidade, meu discurso preparado incluía uma longa explicação que nem cheguei a iniciar. É verdade que não me sentia muito seguro de que isso fosse o mais conveniente. Também tinha aventado a possibilidade de me oferecer para aconselhá-la, de pôr à sua disposição a experiência dos meus anos. No entanto, quando saí dos meus cálculos e dei com ela na minha frente, e me atrapalhei todo com aqueles gestos inábeis e descontrolados, vislumbrei, pelo menos, que a única saída para escapar satisfatoriamente do ridículo era dizer o que me datsse a inspiração do momento e mais nada, esquecendo os discursos preparados e as emboscadas prévias. Não estou arrependido de ter seguido o impulso. O discurso me saiu breve e — sobretudo — simples, e creio que a simplicidade pode ser uma adequada carta de triunfo diante dela. Quer pensar, tudo bem. Mas eu me digo: se sabia que eu sentia o que sinto, como é que não tinha uma opinião formada, como é que pode vacilar quanto à sua atitude a assumir? As explicações podem ser várias: por exemplo, que na realidade ela pretenda pronunciar o terrível “basta”, mas achou muito cruel dizer isso assim, à queima-roupa. Outra explicação: que ela tenha sabido (saber, neste caso, significa intuir) o que eu sentia, o que eu sinto, mas, apesar disso, não tenha acreditado que eu chegasse a expressá-lo em palavras, numa proposição concreta. Daí a vacilação. Só que ela veio “por isso” tomar café. O que quer dizer? Que desejava que eu formulasse a pergunta e, por conseguinte, a dúvida? Quando alguém deseja que lhe formulem uma pergunta desse tipo, em geral é para responder afirmativamente. Mas também ela pode ter desejado que eu afinal fizesse a pergunta, para não continuar esperando, tensa e pouco à vontade, e estar em condições, de uma vez por todas, de dizer que não e recuperar o equilíbrio. Além disso, há o namorado, o ex-namorado. O que se passa com ele? Não nos fatos (os fatos, evidentemente, indicam o fim da relação), mas nela mesma. Serei eu, em suma, o impulso que faltava, o empurrãozinho que sua dúvida esperava para fazê-la decidir voltar para ele? E também há a diferença de idade, minha condição de viúvo, meus três filhos etc. E falta decidir que tipo de relação eu verdadeiramente gostaria de manter com ela. Este último aspecto é mais complicado do que parece. Se este diário tivesse um leitor que não fosse eu mesmo, eu deveria encerrar o dia no estilo dos romances de folhetim: “Se quiser saber quais são as respostas a estas perguntas cruciais, leia nosso próximo número.”

Domingo, 19 de maio

Esperei-a na Mercedes com Ríó Branco. Ela chegou com apenas dez minutos de atraso. Seu *tailleurzinho* dos domingos a melhora muito, embora seja provável que eu estivesse especialmente preparado para achá-la melhor, cada vez melhor. Hoje, sim, estava nervosa. O *tailleurzinho* era um bom augúrio (queria impressionar bem); os nervos, não. Presenti que, por baixo da pintura, suas faces e seus lábios estavam pálidos. No

restaurante, escolheu uma mesa do fundo, quase escondida. “Não quer que a vejam comigo. Mau augúrio”, pensei. Assim que se sentou, abriu a carteira, puxou o espelhinho e se olhou. “Examinando sua aparência. Bom sinal.” Desta vez houve um quarto de hora (enquanto pedíamos o fiambre, o vinho, enquanto passávamos manteiga sobre o pão preto) no qual o tema foram generalidades. De repente, ela disse: “Por favor, não me crive esses olhares de expectativa.” “Não tenho outros”, respondi, como um idiota. “O senhor quer saber minha resposta”, acrescentou, “e minha resposta é outra pergunta.” “Pergunte”, disse eu. “O que significa isso de estar apaixonado por mim?” Nunca me havia ocorrido que essa pergunta existisse, mas ali estava, ao meu alcance. “Por favor, Avellaneda, não me faça parecer mais ridículo ainda. Quer que eu lhe especifique, como um adolescente, em que consiste estar apaixonado?” “Não, de modo algum.” “E então?” Na realidade, eu não estava bancando o bobo; no fundo, sabia muito bem o que ela tentava me dizer. “Bem”, continuou, “o senhor não quer parecer ridículo, mas não vê inconveniente em que eu pareça ridícula. Bem sabe o que quero dizer. Estar apaixonado pode significar, sobretudo no jargão masculino, muitas coisas diferentes.” “Tem razão. Então, escolha a melhor dessas muitas coisas. Era a isso que eu me referia ontem, quando lhe disse essa frase.” Não era um diálogo de amor, que esperança. O ritmo oral parecia corresponder a uma conversação entre comerciantes, ou entre professores, ou entre políticos, ou entre quaisquer pessoas dotadas de contenção e equilíbrio. “Preste atenção”, prossegui, um pouco mais animado, “existe o que se chama de realidade e existe o que se chama de aparências.” “Ah, sei”, disse ela, sem decidir entre parecer zombeteira ou não. “Eu gosto da senhorita nisso que se chama de realidade, mas os problemas surgem quando penso nisso que se chama de aparências.” “Que problemas?”, perguntou, desta vez creio que verdadeiramente intrigada. “Não me faça dizer que eu poderia ser seu pai, ou que a senhorita tem a idade de algum dos meus filhos. Não me faça dizer isso, porque essa é a chave de todos os problemas e também porque aí, sim, eu vou me sentir um pouco desgraçado.” Ela não respondeu nada. Fez bem. Era o menos arriscado. “Compreende, então?”, perguntei, sem esperar resposta. “Minha pretensão, além da muito explicável de me sentir feliz ou o mais próximo disso, é tentar que a senhorita o seja também. E essa é a dificuldade. A senhorita tem todas as condições para contribuir para minha felicidade, mas eu tenho muito poucas para contribuir para a sua. E não creia que estou bancando o santo. Em outra posição (melhor dizendo, em outras idades), o mais correto seria que eu lhe oferecesse um namoro sério, muito sério, talvez sério demais, com uma clara perspectiva de casamento ao alcance da mão. Mas, se eu agora lhe oferecesse algo semelhante, calculo que seria muito egoísta, porque só pensaria em mim, e o que mais quero agora não é pensar em mim, mas na senhorita. Não posso esquecer — e não esqueça também — que daqui a dez anos eu estarei com 60. ‘Não chega a ser um velho’, poderá dizer um otimista ou um adulator, mas essa atenuação importa muito pouco. Quero que minha honestidade fique a salvo, quando lhe digo que nem agora nem dentro de alguns meses poderei reunir forças suficientes para falar de casamento. Porém — há sempre um porém —, de que falar então? Sei que, por mais que a senhorita entenda, é difícil que admita outra perspectiva. Porque é evidente que existe outra perspectiva. Nessa outra perspectiva há espaço para o amor, mas não para o casamento.” Ela ergueu os olhos, mas não interrogativamente. Talvez quisesse apenas ver minha cara quando eu disse isso. Mas, a essa altura, eu já estava decidido a não parar. “A essa outra perspectiva, a imaginação popular, que costuma ser pobre em denominações, dá o nome

de aventura ou programa, e é bastante lógico que a senhorita se assuste um pouco. Para falar a verdade, eu também estou assustado, simplesmente por temer que a senhorita creia que estou lhe propondo uma aventura. Eu talvez não me afastasse nem um milímetro do meu centro de sinceridade se lhe dissesse que o que estou buscando denodadamente é um acordo, uma espécie de combinação entre meu amor e sua liberdade. Já sei, já sei. A senhorita está pensando que a realidade é precisamente o contrário; que o que eu estou buscando é justamente seu amor e minha liberdade. Tem todo o direito de pensar assim, mas reconheça que eu, por minha vez, tenho todo o direito de jogar tudo numa carta única. E essa carta única é a confiança que a senhorita possa ter em mim.” Nesse momento, estávamos esperando a sobremesa. O garçom trouxe finalmente os manjares do céu e eu aproveitei para pedir a conta. Imediatamente depois do último bocado, Avellaneda limpou fortemente a boca com o guardanapo e me fitou sorrindo. O sorriso lhe formava uma espécie de risquinhos nas comissuras dos lábios. “Eu gosto do senhor”, disse.

Segunda, 20 de maio

O plano traçado é a absoluta liberdade. Conhecer-nos e ver o que acontece, deixar que o tempo corra e reavaliar. Não há travas. Não há compromissos. Ela é esplêndida.

Terça, 21 de maio

“O tônico lhe faz bem”, disse-me Blanca ao meio-dia. “Você está animado, mais contente.”

Sexta, 24 de maio

É uma espécie de jogo, agora, no escritório. O jogo do Chefe e da Auxiliar. A regra é não fugirmos do ritmo, do trato normal, da rotina. Às nove da manhã, eu distribuo o trabalho: a Muñoz, a Robledo, a Avellaneda, a Santini. Avellaneda é mais uma na lista, só uma entre todos esses que estendem a mão diante da minha mesa para que eu lhes entregue as planilhas. Ali estão a mão de Muñoz, comprida, rugosa, com unhas tipo garra; a mão de Robledo, curta, quase quadrada; a mão de Santini, de dedos finos, com dois anéis; e ao lado, a mão dela, com dedos semelhantes aos de Santini, só que femininos em vez de afeminados. Já lhe avisei que, a cada vez em que se aproxima com os outros e estende sua mão, eu deposito (mentalmente, claro) um beijo cavalheiresco sobre aqueles nozinhos delicados, sensíveis. Ela diz que não se nota isso em minha cara de

pedra. Às vezes faz um teste, procura me contagiar com sua vontade incontrolável de rir, mas eu me mantenho firme. Tão firme que, esta tarde, Muñoz se aproximou de mim e perguntou se estava me acontecendo alguma coisa, porque vinha me notando um pouco preocupado já fazia uns dias. “É pelo balanço que se aproxima? Fique tranquilo, chefe. Os livros podem ser atualizados rapidamente. Em outros anos, estivemos muito mais atrasados.” Que me importa o balanço? Quase dei uma risada na cara dele. Mas é preciso dissimular. “Acha que vai dar tempo, Muñoz? Olhe que depois vêm os prazos do imposto de renda, e aqueles chatos rejeitam três ou quatro vezes as declarações, e, claro, começamos a nos atolar em trabalho. Temos de correr, Muñoz, não esqueça que este é meu último balanço e quero que ele saia perfeito. Diga isso aos rapazes, hein?”

Domingo, 26 de maio

Hoje jantei com Vignale e Escayola. Ainda estou impressionado. Nunca senti a passagem do tempo com tanto rigor quanto hoje, quando encontrei Escayola depois de quase trinta anos sem vê-lo, sem saber nada dele. O adolescente alto, nervoso, piadista, transformou-se num monstro pançudo, com um impressionante cangote, uns lábios carnudos e moles, uma careca com manchas que parecem de café respingado, e umas bolsas horrorosas que lhe pendem abaixo dos olhos e se sacodem quando ele ri. Porque agora Escayola ri. Quando morava na rua Brandzen, a eficácia de suas pilhérias residia precisamente em que ele as contava muito sério. Todos morriamos de rir, mas ele permanecia impassível. No jantar de hoje, fez algumas brincadeiras, contou uma piada grossa que eu já sabia desde meus tempos de colégio, narrou uma ou outra historinha presumivelmente picante, extraída de sua atividade como corretor da Bolsa. O máximo que consegui foi que eu sorrisse moderadamente e que Vignale (realmente um bobalhão) soltasse uma gargalhada tão artificial que mais parecia um pigarro. Não consegui me conter e disse a Escayola: “Afora esses seus alguns quilos a mais, o que eu mais estranho agora é essa sua risada. Antes, você soltava o gracejo mais pesado do mundo com uma cara de velório que era sensacional.” Pelos seus olhos perpassou uma fálsea de raiva, ou talvez de impotência, e em seguida ele começou a me explicar: “Sabe o que aconteceu? Eu sempre fazia as brincadeiras com grande seriedade, tem razão, que boa memória a sua! Mas um dia me dei conta de que estava ficando sem assunto. Eu não gostava de repetir histórias alheias. Você sabe que eu era um criador. A piada que eu contava, ninguém a ouvira antes. Eu as inventava e às vezes inventava verdadeiras séries de piadas com um personagem central, como os dos quadrinhos, e aquilo me abastecia por duas ou três semanas. Pois bem, quando percebi que não achava assunto (não sei o que me aconteceu; vai ver que minha cachola se esvaziou), não quis me retirar a tempo, como um bom desportista, e então comecei a repetir piadas alheias. No começo eu as selecionava, mas logo se esgotou também a seleção, e então acrescentei qualquer coisa ao meu repertório. E as pessoas, os rapazes (eu sempre tive minha turma), começaram a não rir, a não achar graça em nada do que eu dizia. Tinham razão, mas nem nesse momento me retirei. Inventei outro recurso: rir eu mesmo, à medida que contava, a fim de impressionar meu ouvinte e convencê-lo de que a pilhéria era efetivamente muito boa.

No começo, me acompanhavam no riso, mas logo aprenderam a se sentir fraudados, a saber que meu riso não era exatamente um prenúncio de comicidade garantida. Também nesse caso tinham razão, mas eu já não pude deixar de rir. E aqui estou, como você vê, transformado num chato. Quer um conselho? Se quiser conservar minha amizade, fale-me de coisas trágicas.”

Terça, 28 de maio

Quase todos os dias ela vai tomar o cafezinho comigo. O tom geral da conversa é sempre o da amizade. No máximo, de amizade e algo mais. Porém vou fazendo progressos nesse “algo mais”. Por exemplo, às vezes falamos do Nosso Assunto. Nosso Assunto é esse vínculo indefinido que agora nos une. Mas, quando o mencionamos, é sempre de fora. Explico: dizemos, por exemplo, que “no escritório ninguém ainda se deu conta do Nosso Assunto”, ou que esta ou aquela coisa aconteceu antes de Nosso Assunto começar. Mas, afinal, o que é o Nosso Assunto? Por enquanto, pelo menos, é uma espécie de cumplicidade diante dos outros, um segredo compartilhado, um pacto unilateral. Naturalmente, isto não é uma aventura, nem um programa, nem — menos ainda — um namoro. No entanto, é algo mais do que uma amizade. O pior (ou o melhor?) é que ela está muito à vontade nessa indefinição. Fala-me com toda a confiança, com todo o humor, acho até que com carinho. Tem uma visão muito pessoal e bastante irônica do que a rodeia. Não gosta de ouvir fuxicos sobre o escritório, mas tem todos eles bem catalogados. Às vezes, no café, olha ao redor e solta um comentário certo, preciso, perfeito. Hoje, por exemplo, havia uma mesa com quatro ou cinco mulheres, todas em torno dos 30 ou 35 anos. Ela as olhou detidamente e depois me perguntou: “São escritvãs, não é?” De fato, eram escritvãs. Conheço algumas, pelo menos de vista, há anos. “A senhorita as conhece?”, perguntei. “Não, nunca as tinha visto.” “Mas então, como acertou?” “Não sei; sempre consigo reconhecer as mulheres que são escritvãs. Elas têm traços e hábitos muito especiais, que não se repetem em outras profissionais. Ou pintam os lábios com um só risco duro, como quem escreve numa lousa, ou sofrem de um eterno pigarro, de tanto lerem escrituras, ou não sabem segurar suas carteiras, de tanto carregarem pastas. Falam freiando-se, como se não quisessem dizer nada que vá contrariar os códigos, e o senhor nunca as verá olharem-se num espelho. Observe aquela, a segunda da esquerda: tem umas panturrilhas de vice-campeã atlética. E a que está ao lado tem cara de não saber fazer nem um ovo frito. Elas me dão aflição, e no senhor?” Não, a mim elas não dão aflição (e mais, lembro-me de uma escritvã que é proprietária do busto mais atraente deste universo e arredores), mas me diverte escutá-la quando se entusiasma pró ou contra alguma coisa. As pobres escritvãs, masculinizadas, enérgicas, musculosas, continuaram tagarelando, totalmente alheias à demolidora crítica que, à distância de uma mesa, ia acrescentando novos reparos ao seu aspecto, à sua postura, à sua atitude, à sua conversa.

Quinta, 30 de maio

Bela peça, o amigo de Esteban. Vai me cobrar 50 por cento do prêmio-aposentadoria. Mas me assegura que não terei de trabalhar nem um só dia além do necessário. A tentação é grande. Bom, era grande. Porque já caí. Depois de baixar para 40 por cento, recomendou-me aceitar, antes de que ele se arrependesse, e disse que não fazia isso com ninguém, que jamais cobrava menos de 50 por cento, que eu podia perguntar por aí, “porque na minha profissão há muitos abusados e gente sem escrúpulos”, que fazia para mim esse preço especial por ser eu o pai de Esteban. “Gosto desse moleque como de um irmão. Durante quatro anos, jogamos bilhar todas as noites. Isso aproxima, meu senhor.” Eu me lembrava de Aníbal, de nossas conversas do domingo 5, quando lhe dizia: “Agora, também dá suborno quem quer conseguir algo lícito. E isso significa afrouxamento total.”

Sexta, 31 de maio

O dia 31 de maio era o aniversário de Isabel. Como está longe! Uma vez, num aniversário, comprei para ela uma boneca. Era uma boneca alemã, que movia os olhos e andava. Levei-a para casa numa caixa comprida, de papelão duríssimo. Coloquei-a sobre a cama e pedi a Isabel que adivinhasse. “Uma boneca”, disse ela. Nunca lhe perdoei isso. Nenhum dos rapazes se lembrou: pelo menos, não me falaram nada. Afastaram-se paulatinamente do culto de sua mãe. Acho que Blanca é a única que na realidade tem saudade dela, a única que a menciona com naturalidade. Serei o culpado? Nos primeiros tempos, eu não falava muito de Isabel, só porque me era doloroso. Agora, tampouco falo muito dela, porque tenho medo de me equivocar, de falar de outra pessoa que não tenha tido nada a ver com minha mulher. Algum dia Avellaneda me esquecerá assim? Eis o mistério: antes de começar a esquecer, ela tem de lembrar, de começar a lembrar.

Domingo, 2 de junho

O tempo se vai. Às vezes, penso que precisaria viver apressado, tirar o máximo partido destes anos que restam. Hoje em dia, qualquer um pode me dizer, depois de esquadrihar minhas rugas: “Mas o senhor ainda é um homem jovem!” Ainda. Quantos anos me restam de “ainda”? Penso nisso e me dá pressa, tenho a angustiante sensação de que a vida me foge, como se minhas veias se tivessem aberto e eu não pudesse deter meu sangue. Porque a vida são muitas coisas (trabalho, dinheiro, sorte, amizade, saúde, complicações), mas ninguém vai me negar que, quando pensamos nessa palavra, Vida, quando dizemos, por exemplo, que “nos agarramos à vida”, estamos assimilando-a a

outra palavra mais concreta, mais atraente, mais seguramente importante: estamos assimilando-a ao Prazer. Penso no prazer (qualquer forma de prazer) e tenho certeza de que isso é vida. Daí a pressa, a trágica pressa destes 50 anos que me pisam os calcanhares. Ainda me restam, assim espero, uns quantos anos de amizade, de saúde passável, de afãs rotineiros, de expectativa ante a sorte, mas quantos me restam de prazer? Eu tinha 20 anos e era jovem; tinha 30 e era jovem; tinha 40 e era jovem. Agora tenho 50 anos e sou “ainda jovem”. “Ainda” significa: está acabando.

E esse é o lado absurdo da nossa combinação: dissemos que iríamos encarar tudo com calma, que deixaríamos o tempo correr, que depois reavaliaríamos a situação. Mas o tempo corre, queiramos ou não, o tempo corre e a deixa a cada dia mais apetecível, mais madura, mais fresca, mais mulher, e a mim, em contraposição, me ameaça a cada dia com me tornar mais achacadiço, mais gasto, menos valente, menos vital. Temos de nos apressar em direção ao encontro, porque, em nosso caso, o futuro é um inevitável desencontro. Todos os seus Mais correspondem aos meus Menos. Todos os seus Menos correspondem aos meus Mais. Compreendo que, para uma mulher jovem, pode ser um atrativo saber que aquele sujeito viveu, que há muito ele substituiu a inocência pela experiência, que ele pensa com a cabeça bem firme sobre os ombros. É possível que isso seja um atrativo, mas como é breve! Porque a experiência é boa quando vem de mãos dadas com o vigor; depois, quando o vigor se vai, a gente passa a ser uma decorosa peça de museu, cujo único valor é ser uma recordação do que se foi. A experiência e o vigor coexistem por muito pouco tempo. Eu estou agora nesse pouco tempo. Mas não é uma sorte invejável.

Terça, 4 de junho

Sensacional. A Valverde brigou com Suárez. O escritório inteiro está convulsionado. A cara de Martínez era um hino. Para ele essa ruptura significa, numa palavra, a subgerência. Suárez não veio de manhã. À tarde, chegou com uma equimose na testa e cara de velório. O gerente o chamou e lhe deu quatro gritos. Isso quer dizer que não se trata de um simples boato, mas de uma versão realmente oficial e autorizada.

Sexta, 7 de junho

Até agora tínhamos ido duas vezes ao cinema, mas depois ela ia embora sozinha. Hoje, porém, eu a acompanhei até sua casa. Ela havia estado muito cordial, muito companheira. No meio do filme, quando Alida Vállí sofre tanto com o imbecil do Farley Granger, senti de repente que sua mão se apoiava no meu braço. Creio que foi um movimento reflexo, mas o fato é que, depois, ela não a retirou. Há dentro de mim um senhor que não quer forçar os acontecimentos, mas também há outro senhor que pensa obsessivamente na pressa.

Desembarcamos na 8 de Octubre e caminhamos as três quadras. Estava escuro, mas era a clara obscuridade da noite, só isso. A UTE,² a velha e matreira UTE, me presenteava com um apagão. Ela ia caminhando afastada de mim, mais ou menos um metro. Mas, quando nos aproximamos de uma esquina (uma esquina com botequim, com mesa de truco iluminada a vela), alguém separou lentamente a própria sombra da sombra de uma árvore. O metro de distância se esfumou e, antes que eu me desse conta, ela estava me dando o braço. O dono da sombra era um bêbado, um bêbado inofensivo e indefeso que murmurava: “Vivam os pobres de espírito e o Partido Nacional!” Senti que ela sufocava um risinho e afrouxava a tensão dos dedos. Sua casa fica no 368 de uma rua com nome e sobrenome, algo como Ramón P. Gutiérrez ou Eduardo Z. Domínguez, não me lembro. Tem saguão e sacadas. A porta estava fechada, mas ela me contou que também há um portão com algo que pretende ser um vitral. “Dizem que o dono quis imitar os vitrais de Notre-Dame, mas eu lhe asseguro que há um São Sebastião que parece Gardel.”

Não abriu logo. Recostou-se maciamente contra a porta. Imaginei que a maçaneta de bronze devia estar roçando sua coluna vertebral. Ela, porém, não se queixava. Então disse: “O senhor é muito bom. Quero dizer, comporta-se muito bem.” E eu, que me conheço, menti como um santo: “Claro que sou muito bom. Mas não estou certo de estar me comportando bem.” “Não seja convencido”, disse ela, “não lhe ensinaram, quando era criança, que quando a gente se comporta bem não deve afirmar isso?” Era o momento, e ela o esperava: “Quando eu era criança, me ensinaram que a gente ganha um prêmio, quando se comporta bem. Será que não o mereço?” Houve um instante de silêncio. Eu não lhe via o rosto porque a folhagem de um maldito pinheiro municipal interceptava a luz da lua. “Sim, merece”, ouvi-a dizer. Então seus dois braços emergiram no escuro e se apoiaram nos meus ombros. Ela deve ter visto esses preparativos em algum filme argentino. Mas o beijo que se seguiu, não o viu em nenhum filme, tenho certeza. Gosto dos seus lábios, quero dizer, do sabor, do modo como se colam, como se entreabrem, como fogem. Naturalmente, não é a primeira vez que ela beija. E daí? Afinal, é um alívio voltar a beijar na boca, e com confiança, e com carinho. Não sei como, não sei que movimento estranho fizemos, mas o certo é que, de repente, senti que a maçaneta de bronze estava afundando na minha coluna vertebral. Fiquei bem uma meia hora na porta do 368. Que avanço, Senhor. Nem ela nem eu o dissemos, mas depois desta jornada há uma coisa que ficou estabelecida. Amanhã pensarei. Agora estou cansado. Também poderia dizer: feliz. Mas estou por demais alerta para me sentir totalmente feliz. Alerta ante mim mesmo, ante a sorte, ante esse único futuro tangível que se chama amanhã. Alerta, ou seja: desconfiado.

Domingo, 9 de junho

Talvez eu seja um maníaco da equidistância. Em cada problema que se apresenta, nunca me sinto atraído pelas soluções extremas. É possível que essa seja a raiz da minha frustração. Uma coisa é evidente: se, por um lado, as atitudes extremas provocam entusiasmo, arrastam os outros, são indícios de vigor, por outro, as atitudes equilibradas

são em geral incômodas, às vezes desagradáveis, e quase nunca parecem heróicas. Em geral, precisa-se de bastante coragem (um tipo muito especial de coragem) para manter-se em equilíbrio, mas não se pode evitar que aos outros isso pareça uma demonstração de covardia. O equilíbrio é tedioso, ainda por cima. E o tédio, hoje em dia, é uma grande desvantagem que em geral as pessoas não perdoam.

Tudo isso, a propósito de quê? Ah, sim. A equidistância que eu agora busco tem a ver (o que não tem a ver com ela, em minha vida atual?) com Avellaneda. Não quero prejudicá-la nem quero me prejudicar (primeira equidistância); não quero que nosso vínculo arraste consigo a absurda situação de um namoro voltado para o casamento, e tampouco que adquira o matiz de um *programa* vulgar e grosseiro (segunda equidistância); não quero que o futuro me condene a ser um velho desprezado por uma mulher na plenitude dos seus sentidos, e tampouco que, por temor a esse futuro, eu fique à margem de um presente como este, tão atraente e insubstituível (terceira equidistância); não quero (quarta e última equidistância) que fiquemos circulando de motel em motel, e tampouco que fundemos um Lar com maiúscula.

Soluções? Primeira: alugar um apartamentinho. Sem abandonar minha casa, claro. Bom, primeira e acabou-se. Não há outra.

Segunda, 10 de junho

Frio e vento. Que peste. E pensar que, quando tinha 15 anos, eu gostava do inverno! Agora, começo a espirrar e não paro mais. Às vezes, tenho a sensação de que, em vez de nariz, tenho um tomate maduro, com aquela madureza dos tomates dez segundos antes de começarem a apodrecer. Quando me vejo por volta do 35º espirro, não consigo evitar sentir-me em inferioridade de condições em relação ao resto do gênero humano. Admiro o nariz dos santos, aqueles narizes afilados e livres que a gente vê, por exemplo, nos santos de El Greco. Admiro o nariz dos santos, porque estes (é evidente) jamais ficavam resfriados, jamais eram arrasados por estes espirros em cadeia. Jamais. Se tivessem espirrado em seqüências de vinte ou trinta explosões consecutivas, eles não poderiam evitar entregar-se devotamente às blasfêmias orais e intelectuais. E quem blasfema — mesmo no mais simplificado dos seus maus pensamentos — está fechando para si mesmo o caminho da Glória.

Terça, 11 de junho

Não contei a ela, mas me lancei à busca de um apartamento. Tenho um, ideal, metido na cabeça. Desgraçadamente, para os ideais não há liquidações, eles sempre saem caros.

Sexta, 14 de junho

Deve fazer mais ou menos um mês que não mantenho com Jaime ou com Esteban uma conversa que ultrapasse cinco minutos. Eles entram resmungando, trancam-se em seus quartos, comem em silêncio enquanto lêem o jornal, saem praguejando e voltam de madrugada. Blanca, ao contrário, está amável, tagarela, feliz. Diego eu vejo pouco, reconheço sua presença na face de Blanca. Não me enganei: é um bom sujeito. Sei que Esteban tem outro arranjo. Conseguiram para ele, no clube. Tenho a impressão, no entanto, de que começa a se arrepender de ter-se deixado apanhar por completo. Algum dia, vai explodir, já percebo, e mandará tudo para o inferno. Tomara que seja logo. Não gosto de vê-lo metido numa situação que aparentemente contraria suas velhas convicções. Não gosto de que ele vire um cínico, um desses falsos cínicos que, quando chega a hora da reprimenda, têm uma desculpa: “É o único modo de progredir, de ser alguma coisa.” Jaime, sim, trabalha e o faz bem; no emprego, gostam dele. Mas seu problema é outro. O pior é que não sei em que consiste. Ele está sempre nervoso, insatisfeito. Aparentemente, tem caráter, mas às vezes não sei bem se é caráter ou se é capricho. Não gosto dos seus amigos. Têm algo de janotas, vêm de Pocitos e, no fundo, talvez o desprezem. Aproveitam-se dele, porque Jaime é hábil, manualmente hábil, e sempre está fazendo algo que eles lhe pediram. Grátis, como seria de esperar. Nenhum deles trabalha, são filhinhos de papai. Às vezes, escuto-os protestar: “Rapaz, que droga esse seu batente. Nunca se pode contar com você.” Dizem *batente* como quem faz uma proeza, como um salvacionista que se aproxima de um mendigo bêbado e, cheio de asco e piedade, toca-o com a ponta do sapato; dizem *batente* como se, depois de dizê-lo, tivessem de desinfetar-se.

Sábado, 15 de junho

Encontrei um apartamento. Bastante parecido com o ideal e incrivelmente barato. Seja como for, terei de apertar o orçamento, mas espero que dê. Fica a cinco quadras da Dieciocho com Andes. Além disso, tem a vantagem de que posso mobiliá-lo com alguns centavos. Modo de dizer. Não terei outro remédio a não ser esgotar o saldo de \$ 2.465,79 que tenho no Hipotecario. Esta noite vou sair com ela. Não pretendo lhe dizer nada.

Domingo, 16 de junho

Mas disse. Estávamos percorrendo as três quadras da 8 de Octubre até a casa dela, desta vez sem apagão. Creio que gaguejei, invoquei nosso plano de absoluta liberdade, de nos conhecermos e ver o que acontece, de deixar correr o tempo e reavaliar. Tenho certeza de

que gaguejei. Faz um mês que ela apareceu na Veinticinco com Misiones para cobrar seu café. “Quero propor uma coisa a você”, disse eu. Trato-a por você desde a sexta-feira 7, ao passo que ela continua com “o senhor”. Pensei que ia responder: “Já sei”, o que significaria um grande alívio para mim. Mas não. Deixou-me arcar com todo o peso da proposta. Desta vez não adivinhou ou não quis adivinhar. Nunca fui especialista em prolegômenos, de modo que me limitei ao indispensável: “Aluguei um apartamento. Para nós.” Foi uma pena que não houvesse apagão, porque nesse caso eu não teria visto seu olhar. Era triste, talvez. Sei lá. Nunca estive muito seguro sobre o que as mulheres querem dizer quando me olham. Às vezes, acho que me interrogam e, algum tempo depois, percebo que na realidade estavam me respondendo. Entre nós estacionou por um momento uma palavra como uma nuvem, como uma nuvem que começou a se mover. Ambos pensamos na palavra casamento, ambos compreendemos que a nuvem se afastava, que amanhã o céu estaria despojado. “Sem me consultar?”, perguntou ela. Com a cabeça, respondi que sim. Para falar a verdade, eu tinha um nó na garganta. “Está bem”, disse ela, tentando sorrir, “convém me tratar desse jeito, pelo método das situações criadas.” Estávamos no saguão. A porta estava aberta, porque era muito mais cedo do que no outro dia. Havia luzes aqui e ali. Não havia lugar para o mistério. Só essa outra coisa que se chama silêncio. Comecei a compreender que minha proposta não era um êxito completo. Mas, aos 50 anos, já não se pode aspirar a êxitos completos. E se ela tivesse dito que não? Por essa falta de negativa eu estava pagando um preço, e esse preço era a situação incômoda, o momento desagradável, quase penoso, de vê-la calada diante de mim, um pouco dobrada em seu casquinho escuro, com uma cara de estar dizendo adeus a várias coisas. Não me beijou. Eu também não tomei a iniciativa. Seu rosto estava tenso, endurecido. De repente, sem aviso prévio, pareceu que todas as cordas se afrouxavam, como se ela tivesse renunciado a uma máscara insuportável, e assim como estava, olhando para cima, com a nuca apoiada na porta, começou a chorar. E não era o famoso pranto de felicidade. Era aquele pranto que sobrevém quando a gente se sente opacamente desgraçada. Quando alguém se sente brilhantemente desgraçado, então, sim, vale a pena chorar com acompanhamento de tremores, convulsões, e, sobretudo, com público. Mas quando, além de desgraçada, a pessoa se sente opaca, quando não resta lugar para a rebeldia, o sacrifício ou o heroísmo, então é preciso chorar sem ruído, porque ninguém pode ajudar e porque se tem consciência de que isso passa e, por fim, se retoma o equilíbrio, a normalidade. Assim era o pranto dela. Nesse particular, ninguém me engana. “Posso ajudá-la?”, perguntei ainda assim, “posso remediar isto de algum modo?” Perguntas inúteis. Saquei mais uma, lá do fundo das minhas dúvidas: “O que houve? Você quer que nos casemos?” Mas a nuvem estava longe. “Não”, respondeu. “Estou chorando porque é tudo uma lástima.” E é verdade. Tudo é uma lástima: que não houvesse apagão, que eu tenha 50 anos, que ela seja boa moça, que meus três filhos, que seu antigo namorado, que o apartamento... Puxei meu lenço e enxuguei-lhe os olhos. “Já passou tudo?”, perguntei. “Sim, passou tudo.” Era mentira, mas ambos compreendíamos que ela fazia bem ao mentir. Com o olhar ainda convescente, acrescentou: “Você não deve acreditar que eu sou sempre tão tonta assim.” “Você”, disse ela; tenho certeza. Portanto, também mudou o tratamento.

Quinta, 20 de junho

Faz quatro dias que não escrevo nada. Entre as providências para alugar o apartamento, a aceitação da fiança, o saque dos \$ 2.465,79, a compra de alguns móveis, andei tremendamente agitado. Amanhã me entregam o apartamento. No sábado à tarde, me levam as coisas.

Sexta, 21 de junho

Demitiram Suárez. É incrível, mas demitiram. O pessoal fomentou alegremente o boato de que a Valverde havia pressionado para que o liquidassem. O surpreendente é que a causa da demissão não podia ser mais tola. A Expedição mandou duas encomendas equivocadas. Suárez nem sequer soube dessas remessas, seguramente efetuadas por um daqueles rapazes novos e paspalhões que têm a seu encargo a tarefa de empacotar. Num passado não muito distante, Suárez fez várias besteiras e ninguém lhe disse nada. Evidentemente, de três ou quatro dias para cá, o gerente tinha ordens para defenestrar esse amante em desgraça; mas Suárez, que farejava o que estava para vir, andou comportando-se como um menino exemplar. Chegava na hora, até houve dias em que trabalhou alguma horinha extra; estava amável, humilde, disciplinado. No entanto, de nada lhe valeu. Se não tivesse ocorrido essa falha na Expedição, tenho certeza de que o demitiriam do mesmo jeito, por fumar demais ou por não ter engraxado os sapatos. Algum malvado sustenta, por outro lado, que os pacotes foram remetidos com destino errôneo por ordem expressa e confidencial da Gerência. Não me surpreenderia nem um pouco.

Quando comunicaram a notícia a Suárez, dava pena vê-lo. Foi ao Caixa, recebeu sua indenização, voltou à escrivaninha e começou a esvaziar as gavetas, em silêncio, sem que ninguém se aproximasse para lhe perguntar o que estava acontecendo, ou para lhe dar algum conselho, ou para lhe oferecer ajuda. Em apenas meia hora, havia passado a ser um indesejável. Quanto a mim, faz anos que não falo com ele (desde o dia em que me dei conta de que ele extraía dados confidenciais da Contabilidade para transmiti-los a um dos diretores e envenená-lo contra os outros), mas juro que hoje me deu vontade de me aproximar e dizer-lhe alguma palavra de simpatia, de consolo. Não o fiz porque o sujeito é uma imundície e não o merecia, mas não pude evitar sentir um pouco de nojo ante essa mudança total e repentina (da qual participaram desde o presidente da Diretoria até o último dos auxiliares), baseada pura e exclusivamente na suspensão das relações entre Suárez e a filha de Valverde. Pode parecer insólito, mas o clima desta empresa comercial depende, em grande parte, de um orgasmo privado.

Sábado, 22 de junho

Não fui ao escritório. Aproveitando o caos jubiloso de ontem, pedi ao gerente a correspondente autorização para faltar esta manhã. Foi-me concedida com sorrisos e até com o comentário estimulante e risonho de que não sabia como poderiam se arranjar sem o homem-chave do escritório. Será que querem me empurrar a filha de Valverde? Bah.

Recebi os móveis no apartamento e trabalhei como um escravo. Ficou bom. Nada raivosamente moderno. Não me agradam essas cadeiras funcionais, com aquelas pernas ridiculamente instáveis, que desmoram só de a gente olhar para elas com rancor. Não me agradam esses espaldares que sempre parecem feitos sob medida para outro usuário. Não me agradam esses abajures que sempre iluminam o que a gente não tem interesse em ver ou em mostrar, por exemplo: teias de aranha, baratas, fusíveis.

Creio que é a primeira vez em que decoro um ambiente ao meu gosto. Quando me casei, minha família nos presenteou com o dormitório, e a família de Isabel deu a sala de jantar. Um e outra brigavam furiosamente entre si, mas não importava. Depois, vinha minha sogra e decretava: “Vocês precisam de um quadrozinho na sala de estar.” Dispensável dizer duas vezes. Na manhã seguinte, aparecia uma natureza-morta, com salsichões, queijo duro, um melão, pão caseiro, garrafas de cerveja, enfim, algo que me tirava o apetite por um semestre. Outras vezes, geralmente por ocasião de algum aniversário, certo tio nos mandava gaiotas para pendurar na parede do dormitório ou duas maiólicas com uns pajenzinhos maricas que eram quase repugnantes. Depois que Isabel morreu, e à medida que o tempo, minhas distrações e o serviço doméstico foram acabando com as naturezas-mortas, as gaiotas e os pajenzinhos, Jaime foi enchendo a casa com umas frescuras mal-acabadas que exigem uma explicação periódica. Às vezes os vejo, a ele e aos seus amigos, extasiados ante uma jarra que tem asas, recortes de jornais, uma porta e testículos, e os ouço comentar: “Que reprodução bárbara!” Não entendo nem quero entender, porque na verdade a admiração deles tem cara de hipócrita! Um dia, perguntei: “E por que não trazem alguma vez uma estampa com algo de Gauguin, de Monet, de Renoir? Por acaso são ruins?” Então Danielito Gómez Ferrando, um pentelho que se deita todos os dias às cinco da manhã, porque “as horas da noite são as mais autênticas”, um delicado que não pisa num restaurante depois de ver ali alguém que use palitos, esse, justamente esse, me retrucou: “Mas, senhor, nós estamos com o Abstrato.” Ele, em contraposição, não é nada abstrato com sua carinha sem sobrancelhas e sua eterna expressão de gatinha prenhe.

Domingo, 23 de junho

Abri a porta e me afastei um pouco para deixá-la passar. Ela entrou com passinhos curtos, olhando tudo com extrema atenção, como se quisesse ir absorvendo lentamente a luz, o clima, o cheiro. Passou a mão pela mesa extensível e depois pelo estofamento do sofá. Nem olhou para o quarto. Sentou-se, quis sorrir e não conseguiu. Pareceu-me que suas pernas tremiam. Olhou as reproduções da parede: “Botticelli”, disse, equivocando-se. Era Filippo Lippi, mas haverá tempo para esclarecer. Começou a perguntar sobre qualidades, sobre preços, sobre lojas de móveis. “Gostei”, disse, três ou quatro vezes.

Eram sete da noite; o sol poente transformava em alaranjado o papel creme das paredes. Sentei-me ao seu lado e ela ficou rígida. Nem havia largado a carteira. Eu a pedi. “Esquece que não é visita, mas a dona da casa?” Então, fazendo um esforço, ela soltou um pouco o cabelo, tirou o casaco do *tailleur* e esticou nervosamente as pernas. “O que foi?”, perguntei. “Está assustada?” “Tenho cara de estar?”, respondeu, perguntando. “Francamente, sim.” “Pode ser. Mas não é por você nem por mim.” “Já sei, você está assustada só pelo Momento.” Pareceu-me que ela se tranqüilizava. Uma coisa era certa. Não estava fazendo gênero. Sua atitude não era a mesma daquelas caixeiros que aceitam ir para o motel mas que, no exato momento em que o táxi pára, ficam histéricas e chamam a mamãe aos gritos. Não, em Avellaneda nada é teatro. Ela estava confusa e eu não queria — talvez não me conviesse — indagar demais sobre as causas dessa confusão. “O que acontece é que preciso me acostumar à idéia”, disse, talvez para me consolar. Havia percebido que eu estava um pouco desalentado. “A gente sempre imagina essas coisas de um modo um pouco diferente do que depois vem a ser. Mas devo reconhecer e lhe agradecer uma coisa. Isto que você preparou não diverge muito de tudo o que eu tinha pensado.” “Desde quando?” “Desde que freqüentava o Liceu e estava apaixonada pelo professor de matemática.” A mesa estava posta, com aqueles pratos lisos, amarelos, que a empregada do bazar tinha escolhido para mim. (Não é totalmente verdadeiro, eu também gostei deles.) Servi o fambre, cumprí com toda a dignidade o papel de anfitrião. Ela aprovava tudo, mas a tensão não lhe permitia desfrutar de nada. Quando chegou o momento de abrir o champanhe, já não estava pálida. “Até que hora você pode ficar?”, perguntei. “Até tarde.” “E sua mãe?” “Minha mãe sabe do nosso assunto.”

Golpe baixo, evidentemente. Assim não vale. Eu me senti como se estivesse nu, com aquela desesperada nudez dos sonhos, quando o sujeito passeia de cuecas pela Sarandí, e as pessoas se divertem de uma calçada a outra. “E isso, por quê?”, atrevi-me a perguntar. “Minha mãe sabe tudo sobre mim.” “E seu pai?” “Meu pai vive fora do mundo. É alfaiate. Horrível. Nunca lhe encomende um terno. Ele faz todos na medida do mesmo manequim. Mas, além disso, é teósofo. E anarquista. Nunca pergunta nada. Toda segunda-feira, reúne-se com seus amigos teósofos e analisa Elena Blavatsky até a madrugada; às quintas, seus amigos anarquistas vão à nossa casa e discutem aos berros sobre Bakunin e sobre Kropotkin. No mais, é um homem afável, pacífico, que às vezes me encara com uma doce paciência e me diz coisas muito úteis, das mais úteis que já escutei na vida.” Gosto muito de que ela fale dos seus, mas hoje gostei especialmente. Aquilo me pareceu um bom presságio para a inauguração de nossa iminente intimidade. “E sua mãe, o que diz de mim?” Meu trauma psíquico provém da mãe de Isabel. “De você? Nada. Só de mim.” Terminou com o champanhe que restava na taça e limpou os lábios com o guardanapo de papel. Já não lhe restava nada de pintura. “Diz que eu sou uma exagerada, que não tenho serenidade.” “Em relação ao nosso assunto ou em relação a tudo?” “A tudo. A teoria dela, a grande teoria da sua vida, a que a mantém em forma, é que a felicidade, a verdadeira felicidade, é um estado muito menos angelical e até bem menos agradável do que tudo o que a gente sempre tende a sonhar. Ela diz que, em geral, as pessoas acabam se sentindo desgraçadas só por terem acreditado que a felicidade era uma permanente sensação de indefinível bem-estar, de êxtase gozoso, de festival perpétuo. Não, diz ela, a felicidade é bastante menos (ou talvez bastante mais, só que, de todo modo, é outra coisa), e o fato é que, na verdade, muitos desses supostos desgraçados são felizes, mas não se dão conta, não o admitem, porque acreditam estar

muito longe do bem-estar máximo. É algo semelhante ao que acontece com os desiludidos da Gruta Azul. A que eles imaginaram é uma gruta de fadas, não sabiam muito bem como era, só que era uma gruta de fadas, e, ao chegarem lá, constatam que todo o milagre consiste em meter as mãos na água e ver que elas ficaram levemente azuis e luminosas.” Evidentemente, Avellaneda gosta de relatar as reflexões da mãe. Acho que as diz como uma convicção que lhe é inalcançável, mas também como uma convicção que ela desejaria fervorosamente possuir. “E você, como se sente?”, perguntei, “como se visse suas mãos levemente azuis e luminosas?” A interrupção trouxe-a de volta à terra, ao momento especial que era este Hoje. Respondeu: “Ainda não as introduzi na água”, mas em seguida ruborizou-se. Porque, claro, a frase podia ser entendida como um convite, até por uma urgência que ela não havia querido formular. A culpa não foi minha, mas nisso esteve minha repentina desvantagem. Ela se levantou, encostou-se à parede e me perguntou, num tonzinho que pretendia ser simpático mas que, na realidade, era obviamente inibido: “Posso lhe pedir um primeiro favor?” “Pode”, respondi, já temeroso. “Você me deixa ir embora, assim, sem nada mais? Hoje, só por hoje. Prometo que amanhã tudo irá bem.” Eu me senti decepcionado, imbecil, compreensivo. “Claro que deixo. Era só o que faltava.” Mas como faltava. Claro que faltava.

Segunda, 24 de junho

Esteban está doente. Diz o médico que pode ser algo sério. Esperemos que não. Pleurite ou algo pulmonar. Não sabe. Quando os médicos saberão? Após o almoço, entrei no quarto para ver como ele estava. Encontrei-o lendo, com o rádio ligado. Quando me viu entrar, fechou o livro, depois de dobrar o canto superior da página onde estava. Desligou o rádio. Como se dissesse: “Bom, acabou-se minha vida privada.” Fingi não perceber. Eu não sabia do que falar. Nunca sei do que falar com Esteban. Seja qual for o tema que abordemos, fatalmente acabamos discutindo. Ele me perguntou como ia minha aposentadoria. Acho que segue bem. Na realidade, não pode ser muito complicada. Faz tempo que regularizei todo o meu itinerário, que paguei as contribuições atrasadas, que atualizei minha ficha. “Segundo seu amigo, o assunto não será demorado.” O tema Minha Aposentadoria é um dos mais freqüentados por mim e Esteban. Há uma espécie de acordo tácito em mantê-lo sempre em dia. No entanto, hoje fiz uma tentativa: “Bom, conte um pouco como vão suas coisas. Quase nunca conversamos.” “É verdade. Deve ser porque tanto você quanto eu andamos sempre muito ocupados.” “Deve ser. Mas enfim, você tem de fato muito o que fazer na repartição?” Pergunta idiota, à toa. A resposta foi a previsível, mas eu não a tinha previsto: “O que você quer dizer? Que nós, funcionários públicos, somos todos uns desocupados? É isso o que você quer dizer? Claro, só vocês, os ilustres empregados do comércio, têm o privilégio de ser eficazes e trabalhadores.” Sentí-me duplamente enraivecido, porque a culpa era minha. “Escute aqui, não seja tolo. Eu não quis dizer isso, nem sequer pensei. Você está suscetível como uma solteirona. Ou então tem um enorme telhado de vidro.” Inesperadamente, ele não disse nada ofensivo. Deve ser porque a febre o debilitou. Mais ainda, chegou a desculpar-se: “Pode ser que você tenha razão. Sempre ando de mau humor. Sei lá. Como se me sentisse incomodado

comigo mesmo.” Como confiança, e partindo de Esteban, era quase um exagero. Mas, como autocrítica, creio que está muito perto da verdade. Há muito tempo tenho a impressão de que o passo de Esteban não acompanha o de sua consciência. “O que você diria, se eu deixasse o emprego público?” “Agora?” “Bem, agora, não. Quando eu ficar bom, se ficar. Disse o médico que isto pode durar alguns meses.” “E a que se deve este rompante?” “Não me pergunte demais. Não consigo entender que eu queira mudar?” “Consigo, sim. E fico muito contente. Minha única preocupação é que, se você precisar de uma licença por enfermidade, é mais fácil consegui-la no seu trabalho atual.” “E você, foi demitido quando teve tifo? Não foi, certo? E faltou bem uns seis meses.” Na realidade, eu o contrariava pelo puro prazer de ouvi-lo afirmar-se. “O principal, agora, é que você fique bom. Depois a gente vê.” Então, ele se lançou a um longo retrato de si mesmo, de suas limitações, de suas esperanças. Tão longo que cheguei ao escritório às 15h15, e tive de me desculpar com o gerente. Eu estava impaciente, mas não me sentia com direito a interromper Esteban. Era a primeira vez em que ele se confiava comigo. Eu não podia decepcioná-lo. Depois, foi minha vez de falar. Dei alguns conselhos, mas muito amplos, sem fronteiras. Não queria assustá-lo. E creio que não o assustei. Quando saí, dei-lhe uma palmada no joelho que avultava sob a manta. E ele me dedicou um sorriso. Deus meu, parecia a cara de um estranho. Será possível? Por outro lado, um estranho cheio de simpatia. E é meu filho. Que bom. Tive de ficar no escritório até tarde e, em consequência, de adiar o início da minha “lua-de-mel”.

Terça, 25 de junho

Uma barbaridade de trabalho. Fica para amanhã.

Quarta, 26 de junho

Tive de trabalhar até dez da noite. Estou literalmente arrebitado.

Quinta, 27 de junho

Creio que hoje deve ter sido o último dia de sufoco. Nunca vi um pedido de informes tão complicado e tão inútil. E o balanço já vem aí. Esteban passou sem febre. Ainda bem.

Sexta, 28 de junho

Finalmente. Às sete e meia, saí do escritório e fui para o apartamento. Ela havia chegado antes, abri-la-o com sua chave e se instalara. Quando cheguei, recebeu-me alegremente, sem inibições, outra vez com um beijo. Comemos. Conversamos. Rimos. Fizemos amor. Tudo correu tão bem que não vale a pena escrevê-lo. Estou rezando: “Tomara que dure”, e, para pressionar Deus, vou bater na madeira com os nós dos dedos.

Sábado, 29 de junho

Parece que isso de Esteban não é muito sério. A radiografia e as análises desmentiram o médico e seu mau agouro. Esse sujeito gosta de aterrorizar, de anunciar pelo menos a proximidade de graves complicações, de perigos indefinidos e implacáveis. Depois, se a realidade não for assim tão tremenda, sobrevém uma grande sensação de alívio, e comumente o alívio familiar é o melhor clima possível para pagar sem aborrecimento, até com gratidão, uma conta abusivamente alta. Quando a gente pergunta ao doutor, humildemente, quase com vergonha, sentindo claramente o vexame de tocar num tema tão vulgar e grosseiro diante de quem sacrifica sua vida e seu tempo pela saúde do próximo: “Quanto é, doutor?”, ele sempre diz, acompanhando suas palavras com um generoso e compreensivo gesto de desagrado: “Por favor, amigo, mais tarde falaremos disso. E não se apresse, que comigo o senhor nunca terá problemas.” Em seguida, para resgatar a dignidade humana do fundo deste poço sórdido, faz uma pausa e passa a ditar regras sobre o caldinho que o convalescente tomará amanhã. Depois, quando finalmente chega a hora de falar disso, vem a conta inchada, sozinha, pelo correio, e você fica meio estupefato ante a cifra, talvez porque nesse momento não está presente o sorriso afável, paternal, franciscano, daquele austero mártir da ciência.

Domingo, 30 de junho

Um dia inteiro para nós, do desjejum em diante. Vim ansioso por verificar, por comprovar tudo. O que aconteceu na sexta-feira foi uma coisa única, mas torrencial. Tudo passou tão rápido, tão natural, foi tão feliz, que não pude tomar nem uma só anotação mental. Quando se está no próprio foco da vida, é impossível refletir. E eu quero refletir, medir o mais aproximadamente possível esta coisa estranha que me está acontecendo, reconhecer meus próprios sinais, compensar minha falta de juventude com meu excesso de consciência. E entre os detalhes que quero verificar está o tom de sua voz, os matizes de sua voz, desde a extrema sinceridade até a ingênua dissimulação; está seu corpo, que eu praticamente não vi, não pude descobrir, porque preferi pagar deliberadamente esse preço em troca de sentir que a tensão se afrouxava, que seus nervos

cediam lugar aos sentidos; preferi que o escuro fosse realmente impenetrável, à prova de toda fresta iluminada, para sentir que seus estremecimentos de vergonha, de medo, que sei eu, se transformassem paulatinamente em outros estremecimentos, mais quentes, mais normais, mais próprios da entrega. Hoje ela me disse: “Estou feliz por tudo ter acontecido”, e pelo impulso das palavras, pela luz dos olhos, parecia referir-se a um exame, a um parto, a um ataque, a qualquer coisa de maior risco e responsabilidade do que à simples, corrente, cotidiana operação de deitarem-se juntos um homem e sua mulher, muito mais simples, corrente e cotidiana do que a de deitarem-se juntos um homem e *uma* mulher. “Até lhe diria que me sinto sem culpa, limpa de pecado.” Devo ter feito um gesto de impaciência, porque, em seguida, ela esclareceu: “Eu sei que isso você não pode entender, é algo que não entra na cabeça masculina. Para vocês, fazer amor é uma espécie de trâmite normal, de obrigação quase higiênica, raras vezes um assunto de consciência. É invejável como podem separar esse detalhe que se chama sexo de todas as outras coisas essenciais, de todas as outras zonas da vida. Vocês mesmos inventaram isso de que o sexo é tudo na mulher. Inventaram e depois desfiguraram, transformaram-no em uma caricatura do que isso verdadeiramente significa. Quando o dizem, pensam na mulher como uma gozadora vocacional, impenitente. O sexo é tudo na mulher, ou seja: a vida inteira da mulher, com seus enfeites, com sua arte de enganar, com seu verniz de cultura, com suas lágrimas prontas, com todo o seu equipamento de sedução para agarrar o homem e transformá-lo no provedor de sua vida sexual, de sua exigência sexual, de seu rito sexual.” Estava entusiasmada e até parecia aborrecida comigo. Olhava-me com uma ironia tão segura, que parecia a depositária de toda a dignidade feminina deste mundo. “E nada disso é certo?”, perguntei, só para provocá-la, porque ela ficava muito bonita em sua atitude agressiva. “Algo disso é certo, às vezes é certo. Sei que há mulheres que são isso e nada mais. Mas há outras, a maioria, que não são isso, e outras mais que, embora o sejam, são também outra coisa, um ser humano complicado, egocêntrico, extremamente sensível. Talvez seja certo que o ego feminino é sinônimo de sexo, mas é preciso compreender que a mulher identifica o sexo com a consciência. Aí podem estar a maior culpa, a melhor felicidade, o problema mais árduo. Para vocês, é muito diferente. Compare, se quiser, o caso de uma solteirona e o de um solteirão, que aparentemente poderiam ser encarados como parentes afins, como dois frustrados paralelos. Quais são as reações de uma e de outro?” Ela tomou fôlego e continuou. “Enquanto a solteirona se torna mal-humorada, cada vez menos feminina, maníaca, histérica, incompleta, o solteirão se volta para o exterior, torna-se esfuziante, ruidoso, velho saliente. Os dois padecem de solidão, mas para o solteirão isso é só um problema de assistência doméstica, de cama individual; para a solteirona, a solidão é uma paulada na nuca.” Foi muito inoportuno da minha parte, mas nesse momento eu ri. Ela se freou em seu discurso e me olhou com curiosidade. “Achei engraçado ouvir você defender as solteironas”, expliquei. “Além disso, vê-la tão preocupada com formular sua teoria me agrada e me assombra. Você deve ter herdado isso de sua mãe. Ela tem lá sua própria teoria da felicidade; você também tem a sua, que talvez pudesse ser denominada ‘Sobre as vinculações entre o sexo e a consciência na mulher média’. Mas agora me diga, de onde você tirou que os homens pensam desse modo, que foram os homens a inventar esse saudável despropósito de que o sexo é tudo na mulher?” Ela fez uma cara de quem sentia vergonha, de quem se sabia encurralada: “Sei lá. Alguém me disse. Não sou uma erudita. Mas, se não foi um homem quem o inventou, mereceria tê-lo inventado.” Agora, sim, eu

voltava a reconhecê-la, nessa saída de menininha que se vê descoberta e recorre a uma virada de aparente ingenuidade só para fazer-se desculpar. Afinal, seus arroubos feministas não me importam muito. Em suma, tudo aquilo havia sido para me explicar por que ela deixara de se sentir culpada. Bom, isso era o importante, que ela não se acreditasse culpada, que afrouxasse a tensão, que se sentisse à vontade nos meus braços. O resto é adorno, justificação; pode estar ali ou não, para mim tanto faz. Se ela gosta de sentir-se justificada, se transforma tudo isto num grave problema de consciência, e quer comunicá-lo, quer que eu tome conhecimento, que a escute dizê-lo, bom, então que o diga e eu escuto. Ela fica linda com as bochechas acesas pelo entusiasmo. Além disso, não é certo que para mim isto não seja um assunto de consciência. Não sei em que dia o escrevi, mas tenho certeza de que registrei minhas vacilações, e o que é a vacilação, senão um rodeio da consciência?

Ela, porém, é formidável. De repente calou-se, deixou de lado toda a sua militância, olhou-se no espelho, não com coquetismo, mas zombando de si mesma, sentou-se na cama e me chamou: “Venha cá, sente-se aqui, eu sou uma idiota, perdendo tempo com semelhante discurso. Em resumo, sei que você não é como os outros. Sei que me entende, que sabe por que isto é para mim um verdadeiro caso de consciência.” Convinha mentir, e eu disse: “Claro que sei.” Mas, a essa altura, ela estava nos meus braços e havia outras coisas em que pensar, outros velhos projetos a realizar, outras novas carícias a satisfazer. Os casos de consciência têm também seu lado terno.

Quarta, 3 de julho

Parece mentira, mas eu não via Aníbal desde seu retorno do Brasil, no início de maio. Ontem, ele me telefonou e me deixou contente. Eu precisava falar com alguém, confiar em alguém. Só então me dei conta de que, até agora, havia guardado comigo todo o assunto de Avellaneda, sem falar com ninguém. E é explicável. Com quem eu poderia comentá-lo? Com meus filhos? Só de imaginar, fico todo arrepiado. Com Vignale? Imagino sua piscadela de malícia, sua palmadinha no ombro, sua risada cúmplice, e de imediato me torno indeclinavelmente reservado. Com o pessoal do emprego? Seria um horrível passo em falso e, ao mesmo tempo, a certeza absoluta de que Avellaneda abandonaria o escritório. Porém, ainda que ela não trabalhasse lá, acho que também não teria forças para falar de mim mesmo nesses termos. Nos escritórios não existem amigos; existem sujeitos que a gente vê todos os dias, que se enfurecem juntos ou separados, fazem piadas e se divertem com elas, que trocam suas queixas e se transmitem seus rancores, que reclamam da Diretoria em geral e adulam cada diretor em particular. Isto se chama convivência, mas só por miragem a convivência pode chegar a parecer-se com a amizade. Em tantos anos de escritório, confesso que Avellaneda é meu primeiro afeto verdadeiro. O resto traz a desvantagem da relação não escolhida, do vínculo imposto pelas circunstâncias. O que eu tenho em comum com Muñoz, com Méndez, com Robledo? No entanto, às vezes rimos juntos, tomamos um trago, tratamo-nos com simpatia. No fundo, cada um é um desconhecido para os outros, porque neste tipo de relação superficial fala-se de muitas coisas, mas nunca das vitais, nunca das

verdadeiramente importantes e decisivas. Creio que o trabalho é que impede outro tipo de confiança; o trabalho, essa espécie de constante martelar, ou de morfina, ou de gás tóxico. Algumas vezes, um deles (Muñoz, especialmente) se aproximou de mim para iniciar uma conversa realmente comunicativa. Começou a falar, começou a delinear com franqueza seu auto-retrato, começou a sintetizar os termos do seu drama, desse módic, estacionado, desconcertante drama que intoxica a vida de cada um, por mais homem médio que se sinta. Mas há sempre alguém chamando lá do balcão. Durante meia hora, ele tem de explicar a um cliente inadimplente a inconveniência e o castigo da mora, discute, grita um pouco, seguramente se sente envelhecido. Quando volta à minha mesa, olha para mim e não diz nada. Faz o esforço muscular correspondente ao sorriso, mas suas comissuras se dobram para baixo. Então, pega uma planilha velha, amassa-a no punho, conscienciosamente, e depois a joga na cesta de papéis. É um simples substitutivo; o que não serve mais, o que ele atira na cesta de lixo, é a confiança. Sim, o trabalho amordaça a confiança. Mas também existe a galhofa. Todos somos especialistas em galhofa. A disponibilidade de interesse ante o próximo tem de ser gasta de algum modo; do contrário, ela se instala e sobrevém a claustrofobia, a neurastenia, sei lá. Já que não temos a coragem suficiente, a franqueza suficiente para nos interessarmos amistosamente pelo próximo (não o próximo nebuloso, bíblico, sem rosto, mas o próximo com nome e sobrenome, o próximo mais próximo, aquele que escreve na mesa em frente à minha e me estende o cálculo de juros para que eu o revise e coloque minha rubrica de aprovação), já que renunciamos voluntariamente à amizade, bem, pois então vamos nos interessar galhofeiramente por esse vizinho que, ao longo de oito horas, está sempre vulnerável. Além disso, a galhofa proporciona uma espécie de solidariedade. Hoje o candidato é este, amanhã é aquele, depois de amanhã serei eu. O galhofado maldiz em silêncio, mas logo se resigna, sabe que isto é só uma parte do jogo, que no futuro próximo, talvez dentro de uma hora ou duas, poderá escolher a forma de desforra que melhor coincida com sua vocação. Os galhofeiros, por sua vez, sentem-se solidários, entusiastas, esfuziantes. A cada vez em que um deles acrescenta à galhofa um condimento, os outros festejam, trocam sinais, sentem-se cheios de cumplicidade, só falta que se abracem e gritem hurras. E que alívio é rir, mesmo quando é preciso prender o riso, porque lá no fundo assomou o gerente com sua cara de melancia! Que desforra contra a rotina, contra a papelada, contra essa condenação que significa ficar oito horas enredado em algo que não importa, em algo que faz incharem as contas bancárias desses inúteis que pecam pelo mero fato de viver, de deixar-se viver, desses ocós que acreditam em Deus só porque ignoram que há muito tempo Deus deixou de acreditar neles. A galhofa e o trabalho. Em que diferem, afinal? E que trabalho nos dá a galhofa, que cansaço! E que galhofa é este trabalho, que piada de mau gosto!

Quinta, 4 de julho

Conversei longamente com Aníbal. É a primeira vez em que pronuncio diante de alguém o nome de Avellaneda, isto é, a primeira vez em que o pronuncio com o verdadeiro sentido que esse nome tem para mim. Em algum momento, enquanto narrava, pareceu-

me encarar de fora todo o assunto, como um espectador profundamente interessado. Aníbal me escutou com religiosa atenção. “E por que não se casa? Não entendo bem o sentido desse escrúpulo.” Parecia mentira que ele não o entendesse, estava tão claro! Voltei à explicação, ao clichê da explicação que me dou desde o começo: minha idade, a idade dela, eu daqui a dez anos, ela daqui a dez anos, o afã de não a prejudicar, o outro afã de não parecer ridículo, o gozo do presente, meus três filhos etc. etc. “E você acha que, assim, não a prejudica?” Claro, isso é inevitável, mas, de todo modo, prejudica-a menos do que se a acorrentasse. “E ela, o que diz? Está de acordo?” Isso é o que se chama uma pergunta incômoda. Não sei se ela está de acordo. No dia em que conversamos, disse que sim, mas a verdade é que não sei se está de acordo. Será que preferiria a situação estável, oficialmente estável e consagrada? Estarei dizendo a mim mesmo que faço isso por ela, mas na realidade o faço por mim? “O que você teme é o ridículo, ou é outra coisa?” Evidentemente, Aníbal estava decidido a pôr o dedo na ferida. “O que você quer dizer com isso?” “Você me pediu que eu fosse franco, não? Quero dizer que todo o problema me parece muito claro: o que acontece é que você tem medo de que, daqui a dez anos, ela lhe ponha chifres.” Como é ruim nos dizerem a verdade, sobretudo quando se trata de uma dessas verdades que evitamos dizer a nós mesmos até nos solilóquios matinais, quando acabamos de acordar e murmuramos bobagens amargas, profundamente antipáticas, carregadas de auto-rancor, as quais é preciso dissipar antes de despertarmos por completo e de colocarmos a máscara que, no resto do dia, será vista pelos outros e verá os outros! Com que, então, tenho medo de que, daqui a dez anos, ela me ponha chifres? Respondi a Aníbal com um palavrão, que é a reação tradicionalmente varonil para quando tratam você de corno, ainda que seja a longa distância e a longo prazo. Mas a dúvida continuou girando na minha cabeça e, no momento em que escrevo, não posso evitar sentir-me um pouco menos generoso, um pouco menos equilibrado, um pouco mais vulgar e desagradável.

Sábado, 6 de julho

Choveu a cântaros, depois do meio-dia. Ficamos vinte minutos numa esquina, esperando que estiasse, olhando desalentadamente as pessoas que corriam. Mas estávamos nos resfriando sem remédio e comecei a espirrar com uma regularidade ameaçadora. Conseguir um táxi era algo impossível. Estávamos a duas quadras do apartamento e decidimos ir a pé. Na realidade, corremos também nós como loucos e chegamos ao apartamento em três ensopados minutos. Fiquei um tempinho com uma enorme fadiga, largado sobre a cama como um traste inútil. Antes, porém, tive forças para procurar uma manta e envolvê-la. Ela havia tirado o casaquinho, que jorrava, e também a saia, que ficou uma lástima. Aos poucos fui-me acalmando e, em meia hora, já me sentia aquecido. Fui até a cozinha, acendi o fogareiro e coloquei água para esquentar. Lá do quarto, ela me chamou. Levantara-se assim mesmo, embrulhada na manta, e estava junto à janela, vendo chover. Eu me aproximei, também olhei como chovia, e por alguns minutos não dissemos nada. De repente, tive consciência de que aquele momento, aquela fatia de cotidianidade, era o grau máximo de bem-estar, era a Ventura. Eu nunca havia sido tão

plenamente feliz como naquele momento, mas tinha a aguda sensação de que nunca mais voltaria a vê-lo, pelo menos naquele grau, com aquela intensidade. O ápice é assim, claro que é assim. Além disso, tenho certeza de que o ápice é só um segundo, um breve segundo, um clarão instantâneo, e não há direito a prorrogações. Lá embaixo, um cão trotava sem pressa e com focinheira, resignado ao irremediável. De repente, parou, levantou uma pata, como se obedecesse a uma estranha inspiração, e depois prosseguiu em seu trote tão sereno. Realmente, parecia ter-se detido para certificar-se de que continuava chovendo. Nós nos entreolhamos e soltamos uma risada. Imaginei que o feitiço se quebrara, que o famoso ápice havia passado... Mas ela estava comigo, eu podia senti-la, palpá-la, beijá-la. Podia dizer simplesmente: “Avellaneda.” “Avellaneda” é, além do mais, um mundo de palavras. Estou aprendendo a injetar-lhe centenas de significados, e ela também aprende a conhecê-los. É um jogo. De manhã, digo: “Avellaneda”, e significa: “Bom-dia.” (Há um “Avellaneda” que é reprimenda, outro que é aviso, mais outro que é desculpa.) Só que ela me entende mal de propósito, para me enfurecer. Quando pronuncio o “Avellaneda” que significa: “Vamos fazer amor?”, ela responde, muito faceira: “Acha que eu vou embora agora? É muito cedo!” Ah, os velhos tempos em que Avellaneda era só um sobrenome, o sobrenome da nova auxiliar (faz apenas cinco meses que anotei: “A mocinha não parece ter muita vontade de trabalhar, mas pelo menos compreende o que a gente explica”), a etiqueta para identificar aquela pessoinha de testa ampla e boca grande que me olhava com enorme respeito. Ali estava ela agora, diante de mim, envolta em sua manta. Não me lembro de como era ela quando me parecia insignificante, inibida, nada além de simpática. Só me lembro de como é agora: uma deliciosa mulherzinha que me atrai, que me alegra absurdamente o coração, que me conquista. Pisquei conscientemente, para que nada nos estorvasse depois. Então me olhar a envolveu, muito melhor do que a manta; na realidade, não era independente da minha voz, que já começara a dizer: “Avellaneda”. E, desta vez, ela me entendeu perfeitamente.

Domingo, 7 de julho

Um dia de sol esplêndido, quase outonal. Fomos a Carrasco. A praia estava deserta, talvez porque, em pleno julho, as pessoas não se animam a acreditar no bom tempo. Ficamos sentados na areia. Assim com a praia vazia, as ondas se tornam imponentes, governam sozinhas a paisagem. Nesse sentido, eu me reconheço lamentavelmente dócil, maleável. Vejo esse mar implacável e desolado, tão orgulhoso de sua espuma e de sua coragem, levemente salpicado de gaivotas ingênuas, quase irrealis, e de imediato me refugio numa irresponsável admiração. Mas depois, quase em seguida, a admiração se desintegra e eu passo a me sentir indefeso como um molusco, como um seixo rolado. Esse mar é uma espécie de eternidade. Quando eu era menino, ele batia e batia, mas também batia quando meu avô era menino, quando o avô do meu avô era menino. Uma presença móvel, mas sem vida. Uma presença de ondas escuras, insensíveis. Testemunha da história, testemunha inútil, porque não sabe nada da história. E se o mar fosse Deus? Também uma testemunha insensível. Uma presença móvel, mas sem vida. Avellaneda

também o olhava, com o vento no cabelo, sem pestanejar: “E você, acredita em Deus?”, disse ela, continuando o diálogo que eu havia iniciado em pensamento. “Não sei, eu queria que Deus existisse. Mas não estou muito certo disso. Também não tenho certeza de que Deus, se existe, vá estar de acordo com nossa credulidade a partir de alguns dados dispersos e incompletos.” “Mas está tão claro! Você se complica porque quer que Deus tenha rosto, mãos, coração. Deus é um denominador comum. Também poderíamos chamá-lo de Totalidade. Deus é esta pedra, meu sapato, aquela gaivota, sua calça, essa nuvem, tudo.” “E isso atrai você? Isso a satisfaz?” “Pelo menos, me inspira respeito.” “A mim, não. Não posso conceber Deus como uma grande Sociedade Anônima.”

Segunda, 8 de julho

Esteban já se levanta. Sua doença nos deixou um bom saldo, tanto a ele como a mim. Tivemos duas ou três conversas francas, verdadeiramente saudáveis. Até chegamos a falar de generalidades, mas naturalmente, sem que o aborrecimento mútuo ditasse as respostas.

Terça, 9 de julho

Com que, então, eu tenho medo de que, daqui a dez anos, ela me ponha chifres?

Quarta, 10 de julho

Vignale. Encontrei-o na Sarandí. Não tive outro remédio senão escutá-lo. Ele não parecia feliz. Eu estava apressado, portanto tomamos um café no balcão. Ali, em voz alta, naquele estilo de estentórea confiança que ele cultivava, relatou-me o novo capítulo do seu idílio: “Que azar, rapaz. Minha mulher nos pegou, imagine. Não nos apanhou propriamente em flagrante. Só estávamos nos beijando. Mas você pode calcular o alvoroço que a gorda aprontou. Que em sua própria casa, sob seu próprio teto, comendo seu próprio pão. Eu, que sou o próprio marido, me sentia como uma barata. Elvira, ao contrário, tomou a coisa com grande serenidade e saiu-se com a teoria do século: que ela e eu sempre havíamos sido como irmãos, que o que minha mulher tinha visto era justamente isso, um beijo fraternal. Eu me senti totalmente incestuoso, e a gorda armou uma bronca descomunal. Vocês estão bem arranjados, disse, se acham que vou ficar mansinha como o retardado do Francisco. Falou com minha sogra, com os vizinhos, com o merceiro. Dali a duas horas, o bairro inteiro sabia que aquela maluca havia querido roubar o marido dela. Elvira, por sua vez, falou energicamente com

Francisco e disse que estava sendo insultada, que não ficaria naquela casa nem um minuto mais. No entanto, ainda ficou umas três horas, durante as quais me fez uma coisa muito feia, o que se pode chamar de muito feia. Imagine que Francisco dizia sim a tudo, o sujeito não é nada perigoso. Mas a gorda insistia, gritava, duas ou três vezes partiu para cima da Elvira. E então a Elvira, num desses momentos de terror, sabe o que disse? Que não entrava na cabeça de ninguém que ela fosse prestar atenção numa porcaria como eu. Já pensou? E o pior de tudo é que, com isso, convenceu a outra, e a gorda sossegou. Mas você já pensou? Juro que isto eu não perdôo a Elvira. Que vão embora e pronto, ela e seu chifrudinho. Afinal, veja bem, ela não é tão gostosa como me parecia. E também, agora que deixei de ser um marido fiel, cheguei à conclusão de que posso ter programinhas mais jovens, mulheres mais fresquinhas; principalmente, que não tenham nada a ver com o item lar, que para mim sempre foi sagrado. E, de quebra, a gorda não se preocupa, coitada.”

Sábado, 13 de julho

Ela está ao meu lado, adormecida. Estou escrevendo numa folha solta, esta noite transcrevo para a caderneta. São quatro da tarde, o final da sesta. Comecei a pensar numa comparação e terminei em outra. Está aqui, ao meu lado, o corpo dela. Lá fora faz frio, mas aqui a temperatura é agradável, mais para quente. O corpo dela está quase descoberto, a manta e o lençol deslizaram para um lado. Quis comparar este corpo com minhas lembranças do corpo de Isabel. Evidentemente, eram outros tempos. Isabel não era magra, seus seios tinham volume, e por isso caíam um pouco. Seu umbigo era fundo, grande, escuro, de margens grossas. Seus quadris eram o melhor, o que mais me atraía; tenho uma memória tátil dos seus quadris. Seus ombros eram cheios, de um branco rosado. Suas pernas estavam ameaçadas por um futuro de varizes, mas ainda eram bonitas, bem torneadas. Este corpo que está ao meu lado não tem absolutamente nenhum traço em comum com aquele. Avellaneda é magrinha, seu busto me inspira um pouquinho de piedade, seus ombros estão cheios de sardas, seu umbigo é infantil e pequeno, seus quadris também são o melhor (ou será que os quadris sempre me comovem?), suas pernas são delgadas, mas bem-feitinhas. No entanto, aquele corpo me atraiu, e este me atrai. Isabel tinha, em sua nudez, uma força inspiradora, eu a contemplava e imediatamente todo o meu ser era sexo, não havia como pensar em outra coisa. Avellaneda tem, em sua nudez, uma modéstia sincera, simpática e indefesa, um desamparo que é comovedor. Ela me atrai profundamente, mas, aqui, o sexo é só uma parte da sugestão, do chamamento. A nudez de Isabel era uma nudez total, mais pura, talvez. O corpo de Avellaneda é uma nudez com atitude. Para amar Isabel, bastava sentir-se atraído pelo seu corpo. Para amar Avellaneda, é necessário amar o nu mais a atitude, já que esta é pelo menos metade do seu atrativo. Ter Isabel entre os braços significava abraçar um corpo sensível a todas as reações físicas e capaz também de todos os estímulos lícitos. Ter em meus braços a concreta magreza de Avellaneda significa abraçar além disso seu sorriso, seu olhar, seu jeito de falar, o repertório da sua ternura, suas reticências em entregar-se por completo e as desculpas pelas suas reticências. Bom, essa

era a primeira comparação. Mas veio a outra, e essa outra me deixou pesaroso, desanimado. Meu corpo de Isabel e meu corpo de Avellaneda. Que tristeza. Nunca fui um adeta, Deus me livre. Mas aqui havia músculos, aqui havia força, aqui havia uma pele lisa, elástica. E, sobretudo, não havia tantas outras coisas que, desgraçadamente, agora existem. Desde a calvície desequilibrada (o lado esquerdo é o mais deserto), o nariz mais largo, a verruga do pescoço, até o peito com ilhas ruivas, o ventre retumbante, os tornozelos varicosos, os pés com incurável e deprimente micose. Diante de Avellaneda, não me importa, ela me conhece assim, não sabe como eu fui. Mas importa diante de mim, me importa reconhecer-me como um fantasma da minha juventude, como uma caricatura de mim mesmo. Há uma compensação, talvez: minha cabeça, meu coração, enfim, eu, como ente espiritual, talvez seja hoje um pouco melhor do que nos dias e nas noites de Isabel. Só um pouco melhor, também não convém iludir-se demais. Sejam equilibrados, sejam objetivos, sejam sinceros, vá lá. A resposta é: “Isso conta?” Deus, se é que existe, deve estar lá em cima admirado. Avellaneda (oh, ela existe) está agora cá embaixo, abrindo os olhos.

Segunda, 15 de julho

Afinal, pode ser que Aníbal tenha razão, que eu esteja me esquivando do casamento mais por medo do ridículo do que para defender o futuro de Avellaneda. E isso não estaria correto. Porque uma coisa é certa: eu amo Avellaneda. Escrevo isto só para mim, portanto não importa que soe piegas. É a verdade. Ponto. Por conseguinte, não quero que ela sofra. Eu acreditava (na realidade, acreditava sabê-lo) estar eludindo uma situação estável para que Avellaneda se mantivesse livre, para que, dentro de alguns anos, ela não se sentisse acorrentada a um velhote. Se, agora, revela-se que isso era só um pretexto ante mim mesmo, ao passo que a verdadeira razão era uma espécie de seguro contra futuros enganos, fica bastante claro que seria preciso mudar toda a estrutura, todo o aparato exterior desta união. Ela talvez sofra mais com uma situação clandestina, sempre provisória, do que se sentindo amarrada a um sujeito com o dobro da sua idade. Afinal, em meu medo do ridículo, eu a estou julgando mal, e isso é uma sujeira da minha parte. Eu sei que ela é boa pessoa, que é feita de bom estofado. Sei que, se algum dia se apaixonasse por alguém, não me deixaria naquela humilhante ignorância que constitui a afronta dos enganados. Talvez me contasse, ou então eu de algum modo captaria o transe e teria a suficiente serenidade para entender. Mas talvez fosse melhor conversar com ela, outorgar-lhe o poder de decidir por si mesma, ajudá-la a sentir-se segura.

Quarta, 17 de julho

Blanca esteve triste hoje. Jaime, ela e eu jantamos em silêncio. Esteban fazia sua primeira saída noturna depois da doença. Eu não disse nada durante a refeição, porque sei demais

como Jaime reage. Depois, quando ele se retirou, praticamente sem cumprimentar (não se pode entender como “boa-noite” o grunhido que antecedeu a batida de porta), fiquei lendo o jornal ali na sala, e Blanca se demorou expressamente enquanto tirava a mesa. Tive de levantar o jornal para que ela removesse a toalha, e então a fitei. Seus olhos estavam semichorosos. “O que houve com Jaime?”, perguntei. “Com Jaime e com Diego; briguei com os dois.” Enigmático demais. Eu não conseguia imaginar Jaime e Diego aliados contra ela. “Diego diz que Jaime é um maricas. Por isso briguei com Diego.” A palavra me golpeou duas vezes; porque se referia ao meu filho e porque fora dita por Diego, em quem invisto esperanças, em quem confio. “E posso saber por qual motivo esse seu Diego se dá ao direito de insultar?” Blanca sorriu, com um pouco de amargura. “Aí está o pior. Não é um insulto. É a verdade. Foi por esse motivo que briguei com Jaime.” Era evidente que Blanca se violentava ao contar tudo isso, principalmente por ser eu o destinatário da revelação. Até mesmo a mim soou falso, quando perguntei: “E você dá mais crédito à calúnia de Diego do que a tudo o que seu irmão lhe diz?” Blanca baixou os olhos. Na mão, tinha a cesta de pães. Era a imagem do patetismo, de um patetismo comovedor e doméstico. “Justamente”, respondeu, “é o próprio Jaime quem diz.” Até aquele momento, eu nunca havia imaginado que meus olhos pudessem abrir-se tanto. As têmporas me doíam. “Quer dizer que esses amigos...”, balbuciei. “Sim”, disse ela. Foi uma paulada. No entanto, dei-me conta de que, no fundo de mim mesmo, já existia uma suspeita. Por isso, só por isso, a palavra não me soava totalmente nova. “Uma coisa eu lhe peço”, acrescentou Blanca, “não diga nada a ele. Está perdido. Não sente escrúpulos, sabe? Diz que as mulheres não o atraem, que é algo que ele não procurou, que cada um tem a natureza que Deus lhe deu e que, a ele, não deu a capacidade de sentir-se atraído pelas mulheres. Justifica-se com ardor, garante a você que não sente complexo de culpa.” Então falei, sem nenhuma convicção: “Se eu arrebatara a cabeça dele a pancadas, você vai ver como lhe vem o complexo de culpa.” Blanca riu, pela primeira vez nessa noite: “Não me tapeie. Sei que você não vai fazer isso.” Então me veio um desânimo, um desânimo horrível, sem esperança. Tratava-se de Jaime, do meu filho, o que herdou a testa e a boca de Isabel. Até onde ia minha culpa e onde começava a dele? É verdade que não os assisti como devia, que não pude substituir totalmente a mãe. Ah, eu não tenho vocação de mãe. Nem sequer estou muito seguro da minha vocação de pai. Mas o que isto tem a ver com que ele terminasse assim? Talvez eu pudesse ter cortado essas amizades logo no começo. Talvez, se o tivesse feito, ele continuasse a encontrar-se com eles sem que eu soubesse. “Tenho de falar com Jaime”, disse, e Blanca pareceu resignar-se à tormenta. “E, além disso, você tem de fazer as pazes com Diego”, acrescentei.

Quinta, 18 de julho

Querida dizer duas coisas a Avellaneda, mas só ficamos uma hora no apartamento, e falei unicamente de Jaime. Ela não me disse que eu era totalmente inocente, e lhe agradei por isso. Mentalmente, claro. Mas, por outro lado, penso que, quando um sujeito já vem podre, não há educação que o cure, não há atenção que o endireite. Claro que eu poderia

ter feito mais por ele, isso é tão certo, tão certo, que não posso me sentir inocente. E, também, o que eu quero, o que preferiria? Que ele não fosse maricas ou simplesmente me sentir livre de toda culpa? Como somos egoístas! Meu Deus, como eu sou egoísta! Até o fato de me sentir em dia com a consciência é uma espécie de egoísmo, de apego à comodidade, ao conforto do espírito. Quanto a Jaime, não o vi.

Sexta, 19 de julho

Também não o vi hoje. Mas sei que Blanca lhe disse que eu queria falar com ele. Esteban é bastante violento. É melhor que não saiba. Ou será que já sabe?

Sábado, 20 de julho

Blanca me trouxe o envelope. A carta diz assim: “Velho: sei que você quer falar comigo e conheço de antemão o assunto. Você vai me pregar moral, e há duas razões pelas quais não posso aceitar seu sermão. Primeira, que não tenho nada a me censurar. Segunda, que você também tem sua vida clandestina. Eu o vi com aquela menininha que o enredou, e creio que você concordará em que essa não é a melhor forma de guardar o devido respeito à memória de mamãe. Mas aí está você, com seu puritanismo unilateral. Como eu não gosto do que você faz, e você não gosta do que eu faço, o melhor é desaparecer. Logo: desapareço. Seu campo está livre. Sou maior de idade, não se preocupe. Imagino, além disso, que minha retirada o aproximará mais dos meus irmãozinhos. Blanca sabe de tudo (para mais informações, dirija-se a ela); Esteban soube por mim, na tarde de ontem, na repartição dele. Para sua tranquilidade, devo lhe confessar que ele reagiu como um perfeito machinho e me deixou um olho roxo. O que me restou aberto me basta para ver o futuro (não é tão ruim, você vai ver) e dirigir o último olhar à minha simpática família, tão nobre, tão formal. Saudações, Jaime.” Estendi o papel a Blanca. Ela o leu detidamente e disse: “Já levou as coisas dele. Hoje de manhã.” Estava pálida quando acrescentou: “E isso da mulher, é verdade?” “É e não é”, respondi. “É verdade que mantenho um vínculo com uma mulher, uma mocinha quase. Vivo com ela. Não é verdade, porém, que isso signifique uma ofensa à sua mãe. Acho que tenho direito de amar alguém. Bom, eu amo essa moça. Só não me casei com ela porque não estou seguro de que isso seja o mais conveniente.” Esta última frase talvez estivesse sobrando. Não sei bem. Blanca mantinha os lábios apertados. Creio que vacilava entre certo atavismo filial e um sentido muito simples do humano. “Mas é boa pessoa?”, perguntou, ansiosa. “Sim, é boa pessoa”, respondi. Ela respirou aliviada; ainda confia em mim. Eu também respirei aliviado, ao sentir-me capaz de provocar essa confiança. Então obedeci a uma inspiração repentina. “É muito, pedir que você a conheça?” “Eu mesma ia lhe pedir”, disse ela. Não fiz comentários, mas o agradecimento estava na minha garganta.

Domingo, 21 de julho

“Talvez, no início, quando tudo começou entre nós, eu o tivesse preferido. Agora, creio que não.” Quero anotar logo, porque tenho medo de esquecer. Essa foi sua resposta. Porque, desta vez, eu lhe falei com toda a franqueza; discutimos o tema casamento até esgotá-lo. “Antes de irmos para cá, para o apartamento, eu me dei conta de que lhe era penoso pronunciar essa palavra. Um dia você a disse, no saguão da minha casa, e, por tê-la dito, tem toda a minha gratidão. Serviu para que eu decidisse acreditar em você, em seu carinho. Mas não podia aceitá-la, porque teria sido uma base falsa para este presente, que era futuro então. Se eu a aceitasse, teria de aceitar também que você cedesse, que se obrigasse a uma decisão para a qual não estava maduro. Portanto, cedi eu, mas, como é lógico, posso ter mais certeza das minhas reações do que das suas. Eu sabia que, mesmo cedendo, não lhe guardaria rancor; em contraposição, porém, se o forçasse a ceder, não sabia se você me guardaria um pouco de rancor. Agora, passou tudo. Eu já caí. Existe na mulher algo atávico que a leva a defender a virgindade, a exigir e exigir-se as máximas garantias para rodar sua perda. Depois, quando já *caiu*, ela então percebe que tudo era um mito, uma velha lenda para caçar maridos. Por isso lhe digo que agora não estou certa de que o casamento seja nossa melhor solução. O importante é que estejamos unidos por algo: esse algo existe, não é? Pois bem, não lhe parece mais poderoso, mais forte, mais bonito que aquilo que nos une seja isso que verdadeiramente existe, e não um simples trâmite, o discurso ritual de um juiz apressado e barrigudo? E também há seus filhos. Eu não quero aparecer como se pretendesse disputar sua vida com a imagem de sua mulher, não quero que eles sintam ciúme em nome da mãe. E, finalmente, há seu medo do tempo, de ficar velho e de eu olhar para outro lado. Não seja tão melindroso. O que mais me agrada em você é algo que não haverá tempo capaz de lhe tirar.” Mais que suas verdades, o que ela enunciava tão calmamente eram meus desejos. Por outro lado, que agradáveis de ouvir!

Segunda, 22 de julho

Preparei cuidadosamente o encontro, mas Avellaneda não sabia de nada. Estávamos na confeitaria. Saímos juntos muito poucas vezes. Ela sempre está nervosa e acha que alguém do escritório vai nos ver. Eu digo que mais cedo ou mais tarde isso tem de acontecer. Também não vamos passar a vida trancados no apartamento. Por sobre a xícara, ela percebeu meu olhar. “Quem você viu? Alguém de lá?” Lá é o escritório. “Não, não é de lá. Mas é alguém que quer conhecê-la.” Ela ficou tão nervosa que por um momento eu me arrependi de lhe haver provocado essa prova. Segui o rumo do meu olhar e reconheceu minha filha antes que eu dissesse outra coisa. Afinal, Blanca deve ter algum traço meu. Chamei-a com um gesto. Ela estava bonita, alegre, simpática. Senti-me bastante orgulhoso da minha paternidade. “Esta é Blanca, minha filha.” Avellaneda estendeu a mão. Tremia. Blanca portou-se muito bem. “Por favor, acalme-se. Fui eu quem quis conhecê-la.” Mas Avellaneda não recuperava o equilíbrio. Murmurava,

terrivelmente inquieta: “Jesus. Não posso conceber a idéia de que ele lhe tenha falado de mim. Não posso imaginar que a senhorita quisesse me conhecer. Desculpe, devo estar lhe parecendo sei lá o quê...” Blanca fazia todo o possível para acalmá-la, e eu também. Apesar de tudo, pude notar que um cabo de simpatia se estendera entre as duas mulheres. Elas são quase da mesma idade. Aos poucos, Avellaneda foi-se tranquilizando; ainda assim, derramou umas lagrimzinhas. Em dez minutos, já conversavam como duas pessoas civilizadas e normais. Eu as deixava falar. Era um prazer novo, isso de ter as duas junto de mim, as duas mulheres a quem mais quero. Quando nos separamos (Avellaneda insistiu com fervor em que eu acompanhasse minha filha), caminhamos umas quadras sob o chuvisco, antes de tomar o ônibus. Depois, já em casa, Blanca me deu um abraço, um daqueles abraços que ela não esbanja e que, por isso mesmo, são mais memoráveis. Com a face grudada à minha, disse: “Gostei dela, realmente. Nunca acreditei que você soubesse escolher tão bem.” Comi um pouco e fui para a cama. Sinto um cansaço equivalente a um ano inteiro de trabalhos forçados. Mas que importa?

Terça, 23 de julho

Eu não via Avellaneda desde ontem, quando ela nos deixou, a mim e a Blanca. Hoje cedo, no escritório, aproximou-se da minha mesa com dois classificadores para me fazer uma consulta. Sempre tomamos cuidado, durante o trabalho (até agora, ninguém se deu conta). Mas, hoje, examinei-a com atenção. Queria saber de que modo ela havia saído daquela armadilha que eu lhe havia preparado. Estava séria, muito séria, quase sem ruger. Dei as indicações. Estávamos rodeados de gente, de modo que não podíamos nos dizer nada. Ela, porém, quando se retirou, aproveitou para me deixar dois talonários e um pedacinho de papel com um só rabisco: “Obrigada.”

Sexta, 26 de julho

Oito da manhã. Estou tomando o café-da-manhã no Tupí. Um dos meus maiores prazeres. Sentar-me junto a qualquer uma das janelas que dão para a Plaza. Chove. Melhor ainda. Aprendi a gostar desse monstro folclórico que é o Palacio Salvo. Não é sem razão que ele figura em todos os cartões-postais para turistas. É quase uma representação do caráter nacional: rude, deslegante, espalhafatoso, simpático. É tão feio, mas tão feio, que deixa a gente de bom humor. Gosto do Tupí a esta hora, bem cedo, quando ainda não o invadiram os maricas (eu tinha me esquecido de Jaime, que pesadelo) e só há um ou outro velho isolado, lendo *El Día* ou *El Debate* com inacreditável fruição. A maioria é de aposentados que não conseguiram se livrar dos hábitos madrugadores. Continuarei vindo ao Tupí quando me aposentar? Não poderei me acostumar a desfrutar da cama até as 11, como um filho de diretor qualquer? A verdadeira divisão das classes sociais deveria ser feita levando em conta a hora em que

cada um salta da cama. Aí vem Biancamano, o garçom amnésico, eficientemente cândido e risonho. Pela quinta vez, peço-lhe um café pingado pequeno com pãezinhos meia-lua, e ele me traz um café grande com *traviatas*.³ Sua boa vontade é tanta que eu me dou por vencido. Enquanto jogo os tijolinhos de açúcar na xícara, ele me fala do tempo e do trabalho. “Esta chuva incomoda as pessoas, mas eu digo: Estamos no inverno ou o quê?” Eu lhe dou razão, porque é evidente que estamos no inverno. Depois Biancamano é chamado por um senhor da mesa do fundo, muito aborrecido porque nosso garçom lhe trouxe algo que ele não tinha comandado. Esse aí é um que não se dá por vencido. Ou talvez seja um mero argentino, que veio fazer seu negocinho semanal de dólares e ainda não conhece os costumes da casa. Na segunda parte do meu festim, entram os jornais. Há dias em que compro todos. Gosto de reconhecer suas constantes. O estilo de cabriola sintática nos editoriais de *El Debate*; a civilizada hipocrisia de *El País*; a maçaroca informativa de *El Día*, só aqui e ali interrompida por uma ou outra alfinetada anticlerical; a robusta compleição de *La Mañana*, vaquinha de presépio que só ela. Como são diferentes e como são iguais! Entre eles, jogam uma espécie de truço, enganando uns aos outros, fazendo-se sinais, trocando de parceiros. Mas todos se servem do mesmo maço, todos se alimentam da mesma mentira. E nós lemos, e, a partir dessa leitura, acreditamos, votamos, discutimos, perdemos a memória, esquecemos generosa e cretinamente que eles hoje dizem o contrário de ontem, que hoje defendem arduamente aquele de quem ontem disseram coisas terríveis, e, o pior de tudo, que hoje esse mesmo aquele aceita, orgulhoso e ufano, essa defesa. Por isso prefiro a assustadora franqueza do Palacio Salvo, porque ele sempre foi horroroso, nunca nos enganou, porque se instalou aqui, no ponto mais concorrido da cidade, e há trinta anos nos obriga a todos, naturais e estrangeiros, a erguermos os olhos em homenagem à sua feiúra. Para ver os jornais, é preciso baixar os olhos.

Sábado, 27 de julho

Está entusiasmada com Blanca. “Nunca imaginei que você fosse capaz de ter uma filha tão encantadora.” E me diz isso mais ou menos a cada meia hora. Essa frase e a de Blanca (“Nunca acreditei que você soubesse escolher tão bem”) não falam muito amavelmente de mim, da confiança retroativa que elas depositavam em minhas respectivas capacidades de gerar e de escolher. Mas estou contente. E Avellaneda também. Seu rabisco “obrigada” de terça-feira passada teve depois um amplo desenvolvimento. Ela confessa haver passado um mau momento, quando se viu diante da minha filha. Pensou que Blanca vinha lhe fazer uma cena, com todas as críticas que ela supunha explicáveis, que acreditava merecer. Pensou que o choque ia ser tão violento, tão grave, tão demolidor, que nosso assunto não sobreviveria. E só então percebeu cabalmente que isto que temos realmente importava em sua vida, que talvez lhe fosse insuportável acabar agora com esta situação que mal tem patente de provisória. “Você não vai acreditar, mas tudo isso me passou pela cabeça quando sua filha se aproximava por entre as mesas.” Por isso, a atitude amistosa de Blanca foi para ela um presente inesperado. “O que você acha, será que poderemos ser amigas?” é agora sua pergunta cheia de esperança, e ela faz uma cara deliciosa, talvez a

mesma com que, vinte anos atrás, deve ter perguntado aos pais sobre os Reis Magos.

Terça, 30 de julho

Não há notícias de Jaime. Blanca perguntou no trabalho dele. Faz dez dias que Jaime não vai. Esteban e eu chegamos ao acordo tácito de não falar do problema. Para ele, também foi um golpe. Eu me pergunto como reagirá quando souber da existência de Avellaneda. Pedi a Blanca que não lhe diga nada. Por enquanto, pelo menos. Talvez eu esteja exagerando, ao situar meus filhos numa função de juízes (ou ao permitir que se comportem como tais). Cumpri minhas obrigações com eles. Dei-lhes instrução, cuidado, carinho. Bom, no terceiro item, talvez tenha sido um pouco avarento. Mas é que não consigo ser um desses sujeitos que andam sempre com o coração na mão. Custa-me ser carinhoso, inclusive na vida amorosa. Sempre dou menos do que aquilo que tenho. Meu estilo de gostar é esse, um pouco reticente, reservando o máximo só para as grandes ocasiões. Talvez haja uma razão, e é que eu tenho a mania dos matizes, das gradações. De modo que, se estivesse sempre expressando o máximo, o que deixaria para esses momentos (há quatro ou cinco em cada vida, para cada indivíduo) nos quais a gente deve apelar para o coração em cheio? Também sinto um leve mal-estar diante do pieguismo, e o pieguismo me parece justamente isto: andar sempre com o coração na mão. A quem chora todos os dias, o que resta fazer quando lhe couber uma grande dor, uma dor para a qual sejam necessárias as máximas defesas? Sempre é possível matar-se, mas isso, afinal, não deixa de ser uma solução pobre. Quero dizer que é quase impossível viver em crise permanente, fabricando-se uma impressionabilidade que submerja a pessoa (uma espécie de banho diário) em pequenas agonias. As boas senhoras dizem, com seu habitual senso de economia psicológica, que não vão ao cinema para ver filmes tristes, porque “de amarga basta a vida”. E têm alguma razão: a vida já é bastante amarga para que, ainda por cima, nós nos tornemos carpidores, ou melindrosos, ou histéricos, só porque algo se atravessou em nosso caminho e não nos deixa prosseguir nossa excursão rumo à ventura, que às vezes está ao lado do desatino. Recordo que uma vez, quando as crianças freqüentavam o colégio, na turma de Jaime passaram um dever, uma daquelas redações recorrentes sobre o clássico tema da mãe. Jaime tinha 9 anos e voltou para casa sentindo-se profundamente desgraçado. Eu tentei fazê-lo entender que isso iria acontecer muitas vezes, que ele havia perdido a mãe e devia conformar-se, que não era o caso de ficar chorando por isso todos os dias, e que a maior prova de afeto era precisamente demonstrar que essa ausência não o colocava em inferioridade de condições perante os outros. Talvez minha linguagem fosse imprópria para sua idade. O fato é que ele parou de chorar, olhou-me com uma censura estremeecedora e, com uma firmeza de predestinado, pronunciou estas palavras: “Você vai ser minha mãe, senão eu o mato.” O que quis dizer? Ele não era tão pequeno para não saber que estava exigindo um absurdo, mas talvez não fosse suficientemente grande para dissimular melhor sua primeira agonia, a primeira dessas agonias diárias nas quais depois concentrou seus rancores, suas rebeldias, suas frustrações. O fato de suas professoras, seus colegas, a sociedade reclamarem sua mãe fazia-o sentir pela primeira vez toda a força da ausência dela. Não sei

por qual prodígio imaginativo lançava sobre mim as culpas por essa ausência. Talvez pensasse que, se eu a tivesse assistido melhor, ela não teria desaparecido. Eu era o culpado, portanto devia substituí-la. “Senão eu o mata.” Não me matou, claro, mas acabou por matar-se, por anular-se. Já que o homem da família lhe falhara, dedicou-se a negar o homem que havia em si mesmo. Ufá! Que explicação complicada para desenvolver um fato tão simples, tão ordinário, tão indiscutível. Meu filho é um maricas. Um maricas. Igual ao repugnante do Santini, aquele cuja irmã se desnuda. Eu preferiria que ele me sáisse ladrão, morfinômano, imbecil. Quisera lastimá-lo, mas não consigo. Sei que existem explicações racionais e até razoáveis. Sei que muitas dessas explicações lançariam parte da culpa sobre mim. Mas por que Esteban e Blanca cresceram normalmente, por que não se desviaram, e o outro, sim? Justamente o outro, aquele a quem eu mais amava. Nada de lástima. Nem agora nem nunca.

Quinta, 1º de agosto

O gerente me chamou. Nunca pude engolir esse sujeito, espantosamente ordinário e covarde. Algumas vezes, tentei imaginar sua alma, seu ser abstrato, e obtive uma imagem repulsiva. Onde normalmente fica a dignidade, ele só tem um coto; ela lhe foi amputada. A dignidade ortopédica que agora usa, no entanto, basta-lhe para sorrir. Precisamente, sorria quando entrei em sua sala. “Uma boa notícia.” Quando esfregava as mãos, parecia querer me estrangular. “Estão oferecendo ao senhor nada menos que a subgerência.” Era visível que ele não aprovava a oferta da Diretoria. “Permita-me que o felicite.” Tem uma mão pegajosa, como se acabasse de abrir um pote de geléia. “Claro que com uma condição.” Desta vez, o caranguejo surgia detrás da pedra. Realmente, ele parece um caranguejo. Sobretudo naquele instante em que caminhava de lado a fim de sair de detrás da escrivaninha. “A condição é que o senhor não se aposente nos próximos dois anos.” E o ócio? É um ótimo posto, a subgerência, sobretudo para encerrar a carreira na empresa. Há pouco o que fazer, atendem-se alguns clientes importantes, vigia-se o trabalho do pessoal, substitui-se o gerente quando este se ausenta, capricha-se em agüentar os diretores e suas piadas horríveis, as senhoras dos diretores e suas demonstrações de ignorância enciclopédica. Mas e o meu ócio? “Quanto tempo o senhor me dá para pensar?”, perguntei. Era uma antecipação da minha negativa. Os olhos do *Caranguejo* brilharam e ele disse: “Uma semana. Na próxima quinta, tenho de levar sua resposta à Diretoria.” Quando voltei à minha seção, todos já sabiam. Sempre acontece isso com as notícias estritamente confidenciais. Houve abraços, felicitações, comentários. Até a funcionária Avellaneda se aproximou e me apertou a mão. De todas aquelas mãos, a dela era a única que transmitia vida.

Sábado, 3 de agosto

Conversamos longamente sobre o convite. Ela disse que devo pensar bem, que a subgerência é um posto cômodo, agradável, respeitado, bem remunerado. Bom, disso eu já sei. Mas também sei que tenho direito ao descanso e que não pretendo vender esse direito por mais 100 pesos de salário. Talvez não o vendesse mesmo que a oferta fosse muito maior. Para mim, o essencial sempre foi ganhar o suficiente para viver. E o que ganho me é suficiente. Tenho um bom salário. Não preciso de mais dinheiro. Nem sequer agora, com a despesa extra do apartamento. Além disso, quando me aposentar, creio que poderei contar com uma entrada ligeiramente maior (quase 100 pesos mais), já que as gratificações me aumentaram consideravelmente a média dos últimos cinco anos, e também não terei descontos. Claro, deverei enfrentar a desvalorização da moeda, que é a mais segura garantia de inflação. A ameaça é certa, mas sempre tenho a possibilidade de manter alguma contabilidade mais ou menos clandestina. Claro que Avellaneda esgrime também outras razões mais comovedoras, menos monetárias do que toda esta sórdida previsão: “Se você não estiver lá, o escritório vai ficar insuportável.” Melhor. Tampouco me convence com isso, porque tenho um projeto: que, quando me aposentar, ela pare de trabalhar. Meu dinheiro vai dar para os dois. Além disso, somos econômicos. Nossas diversões, por motivos óbvios, são rigorosamente domésticas. Uma ou outra vez um cinema, um restaurante, uma confeitaria. Algum domingo, quando faz frio mas há sol, dedicado a caminhar pela orla, para respirar melhor. Compramos algum livro, algum disco. Porém, mais do que qualquer outra coisa, o que nos entretém é conversar, falar de nós, contar um ao outro toda essa zona de nossas vidas que se situa antes do Nosso Assunto. Não há diversão, não há espetáculo que possa substituir o que desfrutamos nesse exercício de sinceridade, de franqueza. Já vamos adquirindo um treinamento maior. Porque também é preciso habituar-se à sinceridade. Com todos estes anos em que Aníbal esteve no estrangeiro, com tantos problemas de comunicação nas minhas relações com meus filhos, com o pudor defensivo que sempre resguardou minha vida privada da malícia do escritório, com minhas apenas higiênicas aproximações com mulheres sempre novas, nunca repetidas, é evidente que eu me havia desacostumado à sinceridade. Inclusive, é provável que só de forma esporádica eu a praticasse comigo mesmo. Digo isto porque certas vezes, nestes diálogos francos com Avellaneda, eu me vi pronunciando palavras que pareciam ainda mais sinceras do que meus pensamentos. É possível isso?

Domingo, 4 de agosto

Esta manhã abri uma gaveta do armário pequeno e espalhou-se pelo chão uma quantidade imprevista de fotos, recortes, cartas, recibos, anotações. Então vi um papel de cor indefinida (é provável que em sua origem tenha sido verde, mas agora mostrava umas manchas escuras, com a tinta espalhada por velhas umidades para sempre ressequidas). Até esse momento, eu não recordava em absoluto sua existência, mas, quando o vi, reconheci a carta de Isabel. Poucas cartas nos escrevemos, Isabel e eu. Na realidade, não havia motivo, já que não tivemos longos afastamentos. A carta estava datada de Tacuarembó, 17 de outubro de 1935. Senti-me um pouco estranho ao dar com aqueles caracteres delgados, de longos e perfilados apêndices, nos quais era possível reconhecer

uma pessoa e também uma época. Era evidente que não havia sido escrita com caneta-tinteiro, mas com uma daquelas penas “colherinha” que, mal se viam obrigadas a escrever, sabiam queixar-se surdamente e até cuspir ao seu redor umas gotinhas quase invisíveis de tinta violeta. Tenho de transcrever essa carta nesta caderneta. Tenho de fazer isso, porque ela é parte de mim mesmo, de minha impermutável história. Foi-me dirigida numa circunstância muito especial e, além disso, sua releitura me descentrou um pouco, fez-me duvidar de algumas coisas, eu diria até que me comoveu. Diz assim: “Meu querido: faz três semanas que cheguei. Deves traduzir: três semanas que durmo sozinha. Não te parece horrível? Tu sabes que às vezes desperto de noite e tenho absoluta necessidade de tocar-te, de sentir-te ao meu lado. Não sei o que tens de reconfortante, mas saber-te junto a mim faz com que, no meio-sono, eu me sinta sob tua proteção. Agora tenho pesadelos horríveis, mas meus pesadelos não têm monstros. Consistem apenas em sonhar que estou sozinha na cama, sem ti. E, quando acordo e afugento o pesadelo, constato que efetivamente estou sozinha na cama, sem ti. A única diferença é que, no sono, não posso chorar, e, ao contrário, quando acordo, choro. Por que isto me acontece? Sei que estás em Montevidéu, sei que te cuidas, sei que pensas em mim. Pensas, não é? Esteban e a neném estão bem, embora saibas que tia Zulma os mima demais. Prepara-te para que, quando voltarmos, a neném não nos deixe dormir por umas quantas noites. Meu Deus, quando virão essas quantas noites? Tenho uma notícia, sabes? Estou grávida outra vez. É horrível dizer-te isso e não me beijares. Ou será que, para ti, não é tão horrível? Será varão e iremos chamá-lo Jaime. Gosto dos nomes que começam com jota. Não sei por quê, mas desta vez sinto um pouco de medo. E se eu morrer? Responde-me depressa dizendo-me que não, que não vou morrer. Já pensaste no que farias se eu morresse? És corajoso, saberias defender-te; ademais, logo encontrarias outra mulher, já estou assustadamente enciumada. Viste que neurastênica estou? É que me faz muito mal não te ter aqui, ou que não me tenhas aí, dá no mesmo. Não rias; sempre ris de tudo, mesmo quando não se trata de nada engraçado. Não rias, não sejas mau. Escreve-me dizendo que eu não vou morrer. Nem sequer como alma penada eu poderia deixar de sentir saudade de ti. Ah, antes que me esqueça: fala por telefone com Maruja para lembrá-la de que no dia 22 é aniversário de Dora. Que a cumprimente por mim e por ela. A casa está muito suja? A moça que Celia me recomendou foi fazer a limpeza? Não vás olhá-la demais, hein? Tia Zulma está feliz por ter aqui as crianças. E tio Eduardo não disse nada... Os dois me contam grandes histórias sobre ti, quando tinhas 10 anos e vinhas passar tuas férias aqui. Parece que ficaste famoso com tuas respostas para tudo. Um rapaz extraordinário, diz tio Eduardo. Creio que continuas sendo um rapaz extraordinário, mesmo quando chegas cansado do escritório e tens nos olhos um pouco de ressentimento, e me tratas com ligeireza, às vezes com raiva. Mas, à noite, nós nos entendemos bem, não é? Faz três dias que está chovendo, eu me sento junto à sacada da sala e olho a rua. Mas pela rua não passa vivalma. Quando as crianças estão dormindo, vou ao gabinete de tio Eduardo e me entretenho com o *Diccionario Hispanoamericano*. Aumentam a olhos vistos minha cultura e meu tédio. Será menino ou menina? Se for menina, podes escolher o nome, desde que não seja Leonor. Mas não. Vai ser homem e se chamará Jaime, e terá uma cara comprida como a tua e será muito feio e terá muito sucesso com as mulheres. Como vês, gosto de ter filhos, sinto muito amor por eles, mas o que mais me agrada é que sejam filhos teus. Agora chove freneticamente sobre as pedras do calçamento. Vou jogar aquela paciência das cinco

pillas de cartas, aquela que Dora me ensinou, lembra? Se acertar, é que não vou morrer de parto. Te ama, te ama, te ama, tua Isabel. P.S.: Ganhei o jogo! Hurra!”

A 22 anos de distância, como parece indefeso esse entusiasmo! No entanto, era legítimo, era honesto, era certo. É curioso que, com a releitura desta carta, eu tenha reencontrado o rosto de Isabel, esse rosto que, apesar de todo o meu esquecimento, estava em minha memória. E o achei a partir desses “tu”, desses “podes”, desses “tens”, porque Isabel nunca usava “você”, não por convicção, mas meramente por costume, talvez por mania. Li esses “tu” e de imediato pude reconstituir a boca que os dizia. E, em Isabel, a boca era o mais importante do seu rosto. A carta é justamente como era ela: meio caótica, em permanente vaivém do otimismo ao pessimismo e vice-versa, sempre em torno do amor na cama, cheia de temores, movediça. Pobre Isabel. O filho foi varão e se chamou Jaime; ela, porém, morreu de um ataque de eclampsia, poucas horas depois do parto. Jaime não tem uma cara comprida como a minha. Não é nada feio, mas seu sucesso com as mulheres é provisório, e ainda por cima inútil. Pobre Isabel. Ela acreditava que, ganhando o jogo de paciência, já havia convencido o destino, ao passo que só havia conseguido provocá-lo. Tudo está tão longe, tão longe. Até o marido de Isabel, o destinatário dessa carta de 1935 que era eu mesmo, até esse também está longe agora, não sei se para o bem ou se para o mal. “Não rias”, diz ela, e repete. E era verdade: nessa época eu ria com muita frequência, e ela não aprovava meu riso. Não gostava das rugas que se formavam junto dos meus olhos quando eu ria, nem achava engraçada a causa do meu riso, nem conseguia evitar sentir-se incomodada e agressiva quando eu ria. Quando estávamos com outras pessoas e eu ria, ela me fitava com olhos de censura, que antecipavam a reprimenda posterior, para quando estívéssemos a sós: “Não rias, por favor, ficas horrível.” Quando ela morreu, o riso caiu-me da boca. Andei quase um ano agoniado por três coisas: a dor, o trabalho e os filhos. Depois voltou o equilíbrio, voltou o aprumo, voltou a calma. Mas o riso não voltou. Bem, às vezes eu rio, claro, mas por algum motivo especial ou porque conscientemente quero rir, e isso é muito raro. Em contraposição, aquele riso que era quase um tique, uma expressão permanente, esse não voltou. Às vezes penso que é uma lástima Isabel não estar aqui para me ver tão sério; ela gostaria muito da minha seriedade atual. Mas talvez, se Isabel estivesse aqui comigo, eu não tivesse me curado do riso. Pobre Isabel. Agora me dou conta de que falava com ela muito pouco. Às vezes não achava assunto de que falar; na realidade, não havia entre nós muitos temas comuns, afora os filhos, os credores, o sexo. Mas deste último tema não era imprescindível falar. Já eram bastante eloquentes nossas noites. Isso era o amor? Não tenho certeza. É provável que, se nosso casamento não houvesse terminado aos cinco anos, mais tarde tivéssemos percebido que isso era só um ingrediente. E talvez não muito mais tarde. Mas, nesses cinco anos, foi um ingrediente que bastou para nos manter unidos, fortemente unidos. Agora, com Avellaneda, o sexo é (para mim, pelo menos) um ingrediente menos importante, menos vital; muito mais importantes, mais vitais, são nossas conversas, nossas afinidades. Mas eu não me iludo. Tenho bem presente que estou hoje com 49 anos e que, quando Isabel morreu, eu estava com 28. Não tenho a menor dúvida de que, se Isabel aparecesse agora, a mesma Isabel de 1935 que escreveu sua carta de Tacuarembó, uma Isabel de cabelos negros, de olhos buscadores, de quadris tangíveis, de pernas perfeitas, não tenho a menor dúvida de que eu diria: “Que lástima”, e iria procurar Avellaneda.

Quarta, 7 de agosto

Outro elemento a levar em conta, ante a possibilidade da subgerência. Se Avellaneda não tivesse entrado em minha vida, eu talvez tivesse direito a vacilar. Compreendo que, para alguns, o ócio pode ser fatal; sei de vários aposentados que não foram capazes de sobreviver a essa interrupção da rotina. Mas é uma gente que se foi endurecendo, ancilosando, praticamente deixando de pensar por conta própria. Não creio que fosse esse o meu caso. Eu penso por minha conta. Mas, mesmo pensando por minha conta, poderia desconfiar do ócio, sempre que o ócio fosse uma simples variante da solidão; como poderia ser, no meu futuro de alguns meses atrás, antes de Avellaneda aparecer. Com ela instalada na minha existência, porém, já não haverá solidão. Isto é: tomara que não haja. Convém ser mais modesto, mais modesto. Não diante dos outros, isso não importa. Convém ser mais modesto quando o sujeito se enfrenta, quando se confessa a si mesmo, quando se aproxima da sua verdade extrema, que pode até chegar a ser mais decisiva do que a voz da consciência, porque esta sofre de afonias, de rouquidões imprevistas, que com frequência a impedem de ser audível. Agora já sei que minha solidão era um horrível fantasma, sei que a simples presença de Avellaneda bastou para espantá-la, mas sei também que ela não morreu, que deve estar juntando forças em algum porão imundo, em algum arrabalde da minha rotina. Por isso, só por isso, abro mão da minha suficiência e me limito a dizer: tomara.

Quinta, 8 de agosto

Que alívio! Já respondi que não. O gerente sorriu satisfeito, satisfeito porque não me aprova como colaborador, e também porque minha negativa servirá para criar a retroatividade das boas razões que ele seguramente esgrimiu para opor-se à minha promoção. “Como eu dizia: um homem acabado, um homem que não quer luta. Para este cargo, precisamos de um tipo ativo, vital, empreendedor, e não de um fatigado.” Parece que estou vendo o joguinho grosseiro, jactancioso, egocêntrico, do seu asqueroso polegar. Assunto encerrado. Que tranquilidade!

Segunda, 12 de agosto

Ontem à tarde, estávamos sentados junto à mesa. Não fazíamos nada, nem sequer falávamos. Eu mantinha a mão apoiada sobre um cinzeiro sem cinza. Estávamos tristes: isso era o que estávamos, tristes. Mas era uma tristeza doce, quase uma paz. Ela me fitava e, de repente, moveu os lábios para pronunciar duas palavras. Disse: “Amo você.” Então me dei conta de que era a primeira vez em que ela me dizia isso, e mais: era a primeira vez em que o dizia a alguém. Isabel me repetira essa frase vinte vezes por noite. Para Isabel,

repeti-la era como outro beijo, era uma simples mola do jogo amoroso. Avellaneda, em contraposição, só a disse uma vez, a necessária. Talvez não precise dizê-la mais, porque não é um jogo: é uma essência. Então senti uma tremenda opressão no peito, uma opressão na qual não parecia estar afetado nenhum órgão físico, mas que era quase asfíxica, insuportável. Ali, no peito, perto da garganta, ali deve ficar a alma, como um novelo. “Até agora, eu não tinha dito isso a você”, murmurou Avellaneda, “não porque não o amasse, mas por ignorar por que o amava. Agora sei.” Consegui respirar, pareceu-me que a golfada de ar me chegava desde o estômago. Sempre consigo respirar quando alguém explica as coisas. O deleite ante o mistério, o gozo ante o inesperado são sensações que às vezes minhas poucas forças não suportam. Ainda bem que alguém sempre explica as coisas. “Agora sei. Não o amo pelo seu rosto, nem pela sua idade, nem pelas suas palavras, nem pelas suas intenções. Eu o amo porque você é feito de bom estofado.” Ninguém jamais me havia dedicado um juízo tão comovedor, tão simples, tão vivificante. Quero crer que está certo, quero crer que sou feito de bom estofado. Talvez esse momento tenha sido excepcional, mas, de todo modo, eu me senti viver. Essa opressão no peito significa viver.

Quinta, 15 de agosto

Na próxima segunda-feira começarei minha última licença. Será uma antecipação do grande Ócio Final. Jaime não deu sinal de vida.

Sexta, 16 de agosto

Um incidente verdadeiramente incômodo. Eu tinha me encontrado às sete e meia com Aníbal, e, depois de conversarmos um pouco no café, tomamos o trólebus. Também lhe serve, embora ele desça antes. Falávamos de mulheres, casamento, fidelidade etc. Tudo em termos muito amplos, gerais. Eu, em voz muito baixa, porque sempre receei o ouvido viajante das pessoas; mas Aníbal, mesmo quando quer segredar, faz isso com um sopro barulhento que inunda o ambiente. Não sei a que caso concreto nos referíamos. De pé junto dele, no corredor, ia uma velha de cara quadrada e chapéu redondo. Eu me dei conta de que estava atenta às palavras de Aníbal, mas, como o que este ia dizendo era muito edificante, muito pequeno-burguês, muito moral sem atenuantes, não me preocupei excessivamente. Porém, quando Aníbal desembarcou, a velha ocupou o assento dele ao meu lado e foi logo me recomendando: “Não dê ouvidos a esse sujeito diabólico.” Antes que eu articulasse um estupefato: “Como disse?”, a velha já continuava: “Um sujeito verdadeiramente diabólico. São esses que arruinam os lares. Ah, vocês, os que usam calças. Com que facilidade condenam as mulheres! Olhe, eu posso lhe assegurar que, quando uma mulher se perde, há sempre um homem ruim, cretino, denigrante, que primeiro a fez perder a fê em si mesma.” A velha falava aos gritos. Todas

as cabeças começaram a voltar-se para registrar quem era o destinatário de semelhante sermão. Eu me sentia como um inseto. E a velha continuava: “Eu sou badlista,⁴ mas contrária ao divórcio. Foi o divórcio que matou a família. Sabe onde vai parar esse sujeito diabólico que acompanhava o senhor? Ah, não sabe. Pois eu, sim, eu sei. Esse sujeito vai parar na prisão ou vai se matar. E faria muito bem. Porque eu conheço homens que deveriam ser queimados vivos.” Representei mentalmente a insólita imagem de Aníbal chamuscando-se na fogueira. Só então tive forças para responder. “Diga-me, senhora, por que não cala a boca? O que sabe do problema? O que aquele senhor vinha dizendo é justamente o contrário do que a senhora entendeu...” E a velha, incólume: “Pense nas famílias de antigamente. Ali, sim, havia moral. Ao entardecer, a gente passava em frente aos lares e via sentados na calçada o esposo, a esposa e os filhos, todos judiciosos, dignos, bem-educados. A felicidade é isso, meu senhor, não é tentar sempre que a mulher se perca, que a mulher se entregue à má vida. Porque, no fundo, nenhuma mulher é má, sabe?” E quando ela me gritava isso, agitando o indicador, seu chapéu se desacomodava um pouco para a esquerda. Confesso que essa imagem ideal da felicidade, com toda a família sentada na calçada, não chegava a me comover muito. “Não lhe dê ouvidos, meu senhor. Ria, é isso que deve fazer.” “E por que não ri a senhora mesma, em vez de ficar tão furiosa?” As pessoas já haviam começado a fazer comentários. A velha tinha seus partidários; eu, os meus. Quando digo “eu”, quero dizer esse inimigo hipotético e fantasmal contra o qual ela descarregava seus impropérios. “E leve em conta que eu sou badlista, mas contrária ao divórcio.” Então, antes que ela reiniciasse o ominoso ciclo, pedi licença e desci, dez quadras antes do meu destino.

Sábado, 17 de agosto

Esta manhã, estive falando com dois membros da Diretoria. Coisas sem grande importância, mas que bastaram, no entanto, para me fazer entender que eles sentem por mim um amável, compreensivo desprezo. Imagino que, quando se refestelam nos macios assentos da sala da Diretoria, devem sentir-se quase onipotentes, ou pelo menos tão próximos do Olimpo quanto pode chegar a sentir-se uma alma sórdida e escura. Alcançaram o máximo. Para um jogador de futebol, o máximo significa chegar um dia a integrar a seleção nacional; para um místico, comunicar-se alguma vez com seu Deus; para um sentimental, encontrar em outro ser, em alguma ocasião, o verdadeiro eco dos seus sentimentos. Para esta pobre gente, em contraposição, o máximo é conseguir sentar-se nas poltronas de dirigentes, experimentar a sensação (que para outros seria tão incômoda) de que alguns destinos estão em suas mãos, alimentar a ilusão de que resolvem, de que dispõem, de que são alguém. Hoje, no entanto, ao observá-los, eu não conseguia encontrar neles uma cara de Alguém, mas sim de Algo. Parecem-me Coisas, e não Pessoas. Mas o que lhes parecerei eu? Um imbecil, um incapaz, um João-ninguém que se atreveu a recusar uma oferta do Olimpo. Uma vez, faz muitos anos, ouvi o mais velho deles dizer: “O grande erro de alguns homens de comércio é tratar seus empregados como se estes fossem seres humanos.” Nunca me esqueci nem me esquecerei dessa frasezinha, simplesmente porque não a posso perdoar. Não só em meu

nome, como também em nome de todo o gênero humano. Agora sinto a forte tentação de inverter a frase e pensar: “O grande erro de alguns empregados é tratar seus patrões como se estes fossem pessoas.” Mas resisto a essa tentação. Eles são pessoas, sim. Não parecem, mas são. E pessoas dignas de uma odiosa piedade, da mais infamante das piedades, porque a verdade é que formam para si uma casa de orgulho, uma embalagem repugnante, uma sólida hipocrisia, mas no fundo são ocós. Asquerosos e ocós. E padecem a mais horrível variante da solidão: a solidão daquele que nem sequer tem a si mesmo.

Domingo, 18 de agosto

“Conte-me coisas de Isabel.” Avellaneda tem isso de bom: faz a pessoa descobrir coisas em si mesma, conhecer-se melhor. Quando um indivíduo permanece muito tempo sozinho, quando se passam anos e anos sem que o diálogo vivificante e investigativo o estimule a levar essa modesta civilização da alma, que se chama lucidez, até as zonas mais intrincadas do instinto, até essas terras realmente virgens, inexploradas, dos desejos, dos sentimentos, das repulsas, quando essa solidão se transforma em rotina, ele vai perdendo inexoravelmente a capacidade de sentir-se sacudido, de sentir-se viver. Mas vem Avellaneda e faz perguntas, e, sobre as perguntas que ela me faz, eu me faço muitas mais, e então sim, agora sim, sinto-me vivo e sacudido. “Conte-me coisas de Isabel” é um pedido inocente, simples, e no entanto... As coisas de Isabel são coisas minhas, ou foram; são as coisas daquele sujeito que era eu nos tempos de Isabel. Que imaturidade, meu Deus. Quando Isabel apareceu, eu não sabia o que queria, não sabia o que esperava dela nem de mim. Não havia maneira de comparar, pois não havia padrões para reconhecer quando era felicidade, quando desventura. Os bons momentos iam formando depois a definição da felicidade, os maus momentos serviam para criar a fórmula da desventura. Isso também se chama frescor, espontaneidade, mas a quantos abismos leva o espontâneo! Eu tive sorte, afinal. Isabel era boa, eu não era um cretino. Nossa união nunca foi complicada. Mas o que teria acontecido, se o tempo tivesse chegado a desgastar esse ameaçado atrativo do sexo? “Conte-me coisas de Isabel” era um convite à sinceridade. Eu sabia o risco que corria. O ciúme retrospectivo (por sua impossibilidade de rancor, por sua falta de desafio, por sua improvável competição) é assustadoramente cruel. Não obstante, fui sincero. Conte as coisas de Isabel que verdadeiramente eram dela. E minhas. Não inventei uma Isabel que me permitiria ganhar pontos diante de Avellaneda. Tive o impulso de fazer isso, claro. Todo mundo gosta de ter uma boa imagem, e, depois de obter essa boa imagem, gosta de mostrar-se melhor ainda diante da pessoa a quem ama, diante da pessoa a quem pretende, por sua vez, parecer meritório para ser amado. Não inventei Isabel, primeiro por achar que Avellaneda é digna da verdade, e depois porque eu também sou digno, porque estou fatigado (e, neste caso, a fadiga é quase uma repulsa) da dissimulação, dessa dissimulação que a gente aplica como uma máscara sobre o velho rosto sensível. Por isso, não me assombra que, à medida que Avellaneda foi-se inteirando de como havia sido Isabel, também fui-me inteirando de como havia sido eu.

Segunda, 19 de agosto

Comecei hoje minha última licença. Choveu o dia inteiro. Estive a tarde toda no apartamento. Troquei duas tomadas, pintei um armariozinho, lavei duas camisas minhas de náilon. Às sete e meia, Avellaneda chegou, mas só ficou até as oito. Tinha de ir ao aniversário de uma tia. Diz que Muñoz, como suplente meu, é insuportavelmente mandão e pedante. Ele já teve um incidente com Robledo.

Terça, 20 de agosto

Faz um mês que Jaime saiu de casa. Quer eu pense nisso, quer não, o certo é que o problema me acompanha sempre. Se pelo menos eu tivesse podido falar uma só vez com ele!

Quarta, 21 de agosto

Fiquei em casa e li durante não sei quantas horas, mas só revistas. Não quero mais fazer isso. Deixa-me uma sensação horrível de tempo desperdiçado, algo assim como se a estupidez me anestesiasse o cérebro.

Quinta, 22 de agosto

Sinto-me um pouco estranho sem o escritório. Mas talvez me sinta desse jeito por ter consciência de que isto não é o verdadeiro ócio, de que é somente um ócio com prazo fixo, ameaçado outra vez pelo escritório.

Sexta, 23 de agosto

Eu quis fazer uma surpresa a ela. Fiquei à sua espera, a uma quadra do escritório. Às 7h05, vi que se aproximava. Mas vinha com Robledo. Não sei o que Robledo lhe dizia; o fato é que ela ria sem travas, realmente divertida. Desde quando Robledo é tão engraçado? Meti-me num café, deixei-os passar e depois comeci a caminhar a uns trinta passos atrás deles. Ao chegarem à Andes, despediram-se. Ela dobrou rumo à San José.

La para o apartamento, claro. Entrei num botequim bem imundo, onde me serviram um pingado numa xícara que ainda trazia marcas de batom. Não o tomei, mas tampouco reclamei com o atendente. Estava agitado, nervoso, intranquilo. Sobretudo, aborrecido comigo mesmo. Avellaneda rindo com Robledo. O que havia de ruim nisso? Avellaneda numa simples relação humana, não meramente burocrática, com um sujeito que não era eu. Avellaneda caminhando pela rua junto a um homem jovem, de sua geração, e não um traste velho como eu. Avellaneda longe de mim, Avellaneda vivendo por sua própria conta. Claro que não havia nada de ruim em tudo isso. Mas a horrível sensação talvez provenha do fato de ser esta a primeira vez em que entrevejo conscientemente a ameaça de Avellaneda poder existir, desenvolver-se e rir, sem que meu amparo (ou, digamos, meu amor) seja imprescindível. Eu sabia que a conversa entre ela e Robledo havia sido inocente. Ou talvez não. Porque Robledo não tem como saber que ela não é livre. Que idiota, que piegas, que convencional me sinto ao escrever: “Ela não é livre.” Livre para quê? Possivelmente, a essência da minha inquietação vem do fato de eu ter comprovado isto, nada mais: que ela pode sentir-se muito à vontade com gente jovem, especialmente com um homem jovem. E outra coisa: o que eu vi não é nada, mas, em contraposição, o que entrevi é muito, e o que entrevi é o risco de perder tudo. Robledo não interessa. No fundo, é um frívolo que jamais chegaria a interessá-la. A não ser que eu não a conheça em absoluto. Bom, será que a conheço? Robledo não interessa. Mas e os outros, todos os outros do mundo? Se um homem jovem a faz rir, quantos outros podem enamorá-la? Ela, se um dia me perdesse (sua única inimiga pode ser a morte, a maliciosa morte que já nos tem fichados), teria a vida inteira, teria o tempo em suas mãos, teria seu coração, que sempre será novo, generoso, esplêndido. Mas, se eu a perdesse um dia (meu único inimigo é o Homem, o Homem que está em todas as esquinas do mundo, o Homem que é jovem e forte e promissor), perderia com ela a última oportunidade de viver, o último alento do tempo, porque, embora meu coração se sinta agora generoso, alegre, renovado, sem ela voltaria a ser um coração definitivamente envelhecido.

Paguei o pingado que não tomei e me encaminhei para o apartamento. Levava comigo um vergonhoso temor ao silêncio dela, sobretudo porque sabia de antemão que, mesmo que ela não dissesse nada, eu não iria investigar, nem perguntar, nem censurar. Simplesmente iria engolir a amargura, e, isto, sim, era certo, iniciar uma época de pequenas tormentas sem desafoço. Tenho uma particular desconfiança em relação aos meus períodos sombrios. Creio que minha mão tremia quando girei a chave na fechadura. “Por que você chegou tão tarde?”, gritou ela da cozinha. “Estava à sua espera para lhe contar a última loucura de Robledo, que figura! Fazia anos que eu não ria tanto.” E apareceu na sala de estar com seu avental, sua saia verde, seu suéter preto, seus olhos límpidos, cálidos, sinceros. Ela nunca poderá saber do que estava me salvando com essas palavras. Puxei-a para mim e, enquanto a abraçava, enquanto aspirava o odor ternamente animal dos seus ombros através do outro odor universal da lã, senti que o mundo começava a girar, senti que podia outra vez relegar a um futuro distante, ainda inominado, aquela ameaça concreta que se chamara Avellaneda e os Outros. “Avellaneda e eu”, sussurrei, devagarinho. Ela não entendeu o motivo dessas três palavras nessa precisa oportunidade, mas alguma obscura intuição a fez perceber que estava acontecendo algo importante. Separou-se um pouco de mim, ainda sem me soltar, e pediu: “Vamos, diga outra vez.” “Avellaneda e eu”, repeti, obediente. Agora estou sozinho, de volta à minha casa, e são quase duas horas da madrugada. De vez em quando, só porque me dá forças e me

revigora e me afirma, continuo repetindo: “Avellaneda e eu.”

Sábado, 24 de agosto

São raras as vezes em que penso em Deus. No entanto, tenho um fundo religioso, uma ânsia de religião. Quisera me convencer de que efetivamente possuo uma definição de Deus, um conceito de Deus. Mas não possuo nada semelhante. São raras as vezes em que penso em Deus, simplesmente porque o problema me excede tão demasiada e soberanamente que chega a me provocar uma espécie de pânico, uma debandada geral da minha lucidez e das minhas razões. “Deus é a Totalidade”, diz com frequência Avellaneda. “Deus é a Essência de tudo”, diz Aníbal, “é o que mantém tudo em equilíbrio, em harmonia. Deus é a Grande Coerência.” Sou capaz de entender ambas as definições, mas nem uma nem outra é *minha definição*. Provavelmente eles estão certos, mas não é esse o Deus de que preciso. Preciso de um Deus com quem dialogar, um Deus em quem possa buscar amparo, um Deus que me responda quando eu o interrogo, quando o metralho com minhas dúvidas. Se Deus é a Totalidade, a Grande Coerência, se Deus é só a energia que mantém vivo o Universo, se é algo tão incomensuravelmente infinito, o que lhe posso importar, eu, um átomo precariamente encarapitado num insignificante piolho do seu Reino? Não me importa ser um átomo do último piolho do seu Reino; importa-me que Deus esteja ao meu alcance, importa-me apreendê-lo, não com minhas mãos, claro, nem sequer com meu raciocínio. Importa-me apreendê-lo com meu coração.

Domingo, 25 de agosto

Ela me trouxe fotos de sua infância, de sua família, de seu mundo. É uma prova de amor, não? Foi uma criatura magrinha, de olhos algo espantados, de cabelo escuro e liso. Filha única. Eu também fui filho único. E não é fácil, a pessoa acaba por sentir-se desamparada. Há uma foto deliciosa em que ela aparece com um enorme cão policial, e o animal a olha com ar de proteção. Imagino que todo mundo sempre teve vontade de protegê-la. No entanto, não é tão indefesa assim, está bastante segura do que quer. Além disso, agrada-me que ela esteja segura. Está segura de que o trabalho a asfixia, de que nunca se suicidará, de que o marxismo é um grave erro, de que gosta de mim, de que a morte não é o fim de tudo, de que seus pais são magníficos, de que Deus existe, de que as pessoas em quem confia nunca lhe falharão. Eu não conseguiria ser tão categórico. O melhor de tudo, porém, é que ela não se equivoca. Sua segurança lhe serve até para amedrontar o destino. Há uma foto em que está com seus pais, quando tinha 12 anos. A partir dessa imagem, eu também me animo a construir minha impressão desse casal singular, harmônico, diferente. A mãe é uma mulher de traços suaves, nariz fino, cabelo negro e pele muito clara, com dois sinais na face esquerda. Os olhos são serenos, talvez

demais; talvez não sirvam para comprometer-se totalmente no espetáculo a que assistem, naquilo que vêem viver, mas me parecem capazes de compreender tudo. O pai é um homem alto, de ombros algo estreitos, com uma calvície que já naquela época havia feito estragos, uns lábios muito delgados e um queixo muito pontudo, mas nada agressivo. Os olhos das pessoas me preocupam muito. Os dele têm um certo desequilíbrio. Não, certamente, de alienação, mas de alheamento. São os olhos de um indivíduo que está surpreso pelo mundo, pelo mero fato de encontrar-se nele. Ambos são (isso se vê nos seus rostos) boas pessoas, mas a bondade dela me agrada mais do que a dele. O pai é um homem excelente, mas não é capaz de comunicar-se com o mundo, de modo que não se pode saber o que iria acontecer no dia em que essa comunicação chegasse a estabelecer-se. “Eles se amam, disso tenho certeza”, diz Avellaneda, “mas não sei se esse é o modo de amar que me agrada.” Ela sacode a cabeça para acompanhar a dúvida e depois se anima a acrescentar: “Relacionadas com os sentimentos há várias zonas vizinhas, afins, fáceis de confundir. O amor, a confiança, a piedade, a camaradagem, a ternura; eu nunca sei em qual dessas zonas acontecem as relações de papai e mamãe. É algo muito difícil de definir, e não creio que eles mesmos o tenham definido. Uma ou outra vez, mencionei o tema em conversas com mamãe. Ela acha que há demasiada serenidade em sua união com meu pai, demasiado equilíbrio para que efetivamente exista amor. Essa serenidade, esse equilíbrio, que também podem ser chamados falta de paixão, poderiam ter sido insuportáveis se eles tivessem tido algo a reprovar um no outro. Mas não há reprovações nem motivos de reprovações. Eles se sabem bons, honestos, generosos. Sabem também que tudo isso, mesmo sendo tão magnífico quanto é, ainda não significa amor, nem significa que se queimem nesse fogo. Não se queimam, e isso que os une dura mais ainda.” “E quanto a você e eu? Estamos nos queimando?”, perguntei, mas nesse preciso instante ela estava distraída, e seu olhar também parecia o olhar de alguém surpreso pelo mundo, pelo mero fato de encontrar-se nele.

Segunda, 26 de agosto

Contei a Esteban. Blanca tinha ido almoçar com Diego, de modo que estávamos sozinhos ao meio-dia. Foi um grande alívio constatar que ele já sabia. Jaime o havia informado. “Olhe, papai, eu não consigo entender totalmente nem creio que seja a melhor solução, isso de você se unir a uma moça tantos anos mais nova. Mas uma coisa é certa: não me atrevo a julgá-lo. Sei que, quando vemos as coisas de fora, quando não nos sentimos envolvidos nelas, é muito fácil proclamar o que é mau e o que é bom. Mas, quando estamos metidos no problema até o pescoço (e eu estive assim muitas vezes), as coisas mudam, a intensidade é outra, aparecem profundas convicções, inevitáveis sacrifícios e renúncias que podem parecer inexplicáveis para quem apenas observa. Tomara que você fique bem, não superficialmente bem, mas bem mesmo. Tomara que se sinta ao mesmo tempo protetor e protegido, uma das mais agradáveis sensações que o ser humano se pode permitir. Eu me lembro muito pouco de mamãe. Na realidade, é uma imagem verdadeira à qual se sobrepueram as imagens e as lembranças dos outros. Já não sei qual dessas lembranças é exclusivamente minha. Só uma, talvez: ela penteando-

se no quarto, com seu cabelo comprido e escuro lhe escorrendo pelas costas. Como vê, o que recorde de mamãe não é muito. Mas, com o tempo, fui-me habituando a considerá-la algo ideal, inalcançável, quase etéreo. Ela era muito bonita. Não era? Compreendo que por certo essa representação minha tem pouco a ver com o que mamãe verdadeiramente foi. No entanto, é assim que ela existe para mim. Por isso, fiquei um pouco chocado quando Jaime me disse que você andava com uma moça. Fiquei chocado mas admito o fato, porque sei que você estava muito só. E agora admito mais ainda, porque acompanhei seu processo e vi você reviver. Portanto, não o julgo, não posso julgá-lo; e mais, gostaria muito de que você tivesse acertado e se aproximasse o máximo possível da boa sorte.”

Terça, 27 de agosto

Frio e sol. Sol de inverno, que é o mais afetuoso, o mais benévolo. Fui até a Plaza Matriz e me sentei num banco, depois de abrir um jornal sobre o cocô dos pombos. Diante de mim, um operário municipal limpava a grama. Fazia isso com parcimônia, como se estivesse acima de todos os impulsos. Como me sentiria eu, se fosse um operário municipal limpando a grama? Não, essa não é minha vocação. Se eu pudesse escolher outra profissão diferente desta que tenho, outra rotina diferente desta que me desgastou durante trinta anos, nesse caso escolheria ser garçom de café. E seria um garçom ativo, memorioso, exemplar. Buscaria suportes mentais para não esquecer os pedidos de todos. Deve ser magnífico trabalhar sempre com caras novas, falar livremente com um sujeito que hoje chega, pede um café, e nunca mais voltará por aqui. Gente é algo formidável, divertido, potencial. Deve ser fabuloso trabalhar com gente, em vez de trabalhar com números, com livros, com planilhas. Mesmo que eu viajasse, mesmo que fosse embora daqui e tivesse a oportunidade de me surpreender com paisagens, monumentos, caminhos, obras de arte, nada me fascinaria tanto como a Gente, como ver passar a Gente e esquadrihar seus rostos, reconhecer aqui e ali expressões de felicidade e de amargura, ver como se precipitam todos rumo aos seus destinos, em insaciada turbulência, em esplêndida azáfama, e dar-me conta de como avançam, inconscientes de sua brevidade, de sua insignificância, de sua vida sem reservas, sem jamais se sentirem encurralados, sem admitir que estão encurralados. Creio que, até agora, eu nunca havia tido consciência da presença da Plaza Matriz. Devo tê-la atravessado mil vezes, talvez tenha amaldiçoado, em outras muitas ocasiões, o desvio que é preciso fazer para contornar o chafariz. Eu a vi antes, claro que a vi, mas não me havia detido para observá-la, para senti-la, para captar seu caráter e reconhecê-lo. Fiquei um bom tempo contemplando a alma agressivamente sólida do Cabildo, a face hipocritamente lavada da Catedral, o desalentado cabecear das árvores. Creio que nesse momento afirmou-se definitivamente em mim uma convicção: eu sou deste lugar, desta cidade. Nisso (e provavelmente em nada mais), creio que devo ser um fatalista. Cada um é de um só lugar na terra e ali deve pagar sua cota. Eu sou daqui. Aqui pago minha cota. Esse que passa (o de sobretudo comprido, orelha de abano, passo capenga e raivoso), esse é meu semelhante. Ainda ignora que eu existo, mas um dia me verá de frente, de perfil ou de costas, e terá a sensação de que entre nós existe

algo secreto, um recôndito laço que nos une, que nos dá forças para nos entendermos. Ou talvez esse dia nunca chegue, talvez ele não atente nunca para esta praça, para este ar que nos faz próximos, que nos emparelha, que nos comunica. Mas não importa; seja como for, é meu semelhante.

Quarta, 28 de agosto

Só me restam quatro dias de licença. Não sinto falta do escritório. Sinto falta de Avellaneda. Hoje fui ao cinema, sozinho. Vi um filme de caubói. Até o meio, consegui gostar; a partir dali, cansei-me de mim mesmo, da minha própria paciência.

Quinta, 29 de agosto

Pedi a Avellaneda que faltasse ao escritório. Eu, seu chefe, autorizei-a e basta. Ela ficou o dia inteiro comigo no apartamento. Imagino a bronca de Muñoz, com dois funcionários a menos na seção e toda a responsabilidade sobre seus ombros. Não somente imagino como compreendo. Mas não importa. Estou numa idade em que o tempo parece e é irre recuperável. Tenho de me agarrar desesperadamente a esta razoável ventura que veio me buscar e me encontrou. Por isso é que não posso me tornar magnânimo, generoso, não posso colocar as preocupações de Muñoz acima das minhas. A vida se vai, está indo agora mesmo, e eu não consigo suportar essa sensação de escape, de encerramento, de final. Este dia com Avellaneda não é a eternidade, é só um dia, um pobre, indigno, limitado dia, que todos nós, de Deus para baixo, condenamos. Não é a eternidade, mas é o instante, que, afinal, é o único sucedâneo verdadeiro da eternidade. Portanto, tenho de acelerar, tenho de gastar esta plenitude sem nenhuma reserva, sem previsão alguma. Talvez depois venha o ócio definitivo, o ócio assegurado, talvez haja depois muitos dias como este, e eu pense então nesta pressa, nesta impaciência, como num ridículo esgotamento. Talvez, só talvez. Mas este Enquanto Isso traz o alívio, a garantia daquilo que é, daquilo que está sendo.

Fazia frio. Avellaneda ficou o dia inteiro de suéter e calça comprida. Assim, com o cabelo preso, parecia um rapazinho. Eu disse que ela parecia um pequeno jornalista. Ela, porém, não me prestou muita atenção. Estava preocupada com seu horóscopo. Um ano atrás, alguém lhe fez o horóscopo e lhe previu o futuro. Ao que parece, nesse futuro figurava seu atual emprego e, sobretudo, figurava eu. “Homem maduro, de muita bondade, meio apagado mas inteligente.” Que tal? Esse sou eu. “O que você acha? É possível prever o futuro, assim, sem mais nem menos?” “Eu não sei se é possível, mas, de qualquer maneira, me parece uma armadilha. Não quero saber o que vai me acontecer. Seria horrível. Já imaginou que vida assustadora, se a gente soubesse quando vai morrer?” “Pois eu gostaria de saber quando vou morrer. Se fosse possível conhecer a data da própria morte, a pessoa poderia regular seu ritmo de vida, gastar-se mais ou

gastar-se menos, de acordo com o saldo que lhe restasse.” A mim, isso parecia monstruoso. Mas a previsão diz que Avellaneda terá dois ou três filhos, que será feliz, mas ficará viúva (bah), e morrerá de uma doença circulatória, ali pelos 80 anos. Ela se preocupa muito com esses dois ou três filhos. “Você quer ter?” “Não estou muito certo.” Ela percebe que minha resposta é a prudência em pessoa, mas, quando me olha, sei que quer ter filhos, pelo menos um. “Não fique triste”, digo, “se você ficar triste, sou capaz de encomendar gêmeos.” Sabe o que penso, sofre por isso e se agarra ao vaticínio. “E não lhe importa a viuvez, ainda que seja uma viuvez clandestina?” “Não me importa, porque minha credulidade não chega a esse ponto. Sei que você é indestrutível, que as predições passam ao seu lado, sem tocá-lo.” Simplesmente uma mocinha encarapitada no sofá, com as pernas encolhidas, e a ponta do nariz vermelha de frio.

Sexta, 30 de agosto

Durante a licença, escrevi todos os dias. Reintegrar-me ao trabalho vai me custar um grande esforço. Esta licença foi um bom aperitivo para minha aposentadoria. Blanca recebeu hoje uma carta de Jaime, rancorosa, violenta. O parágrafo que ele me dedica diz assim: “Diga ao velho que todos os meus amores foram platônicos. Portanto, quando tiver pesadelos em que apareça minha imunda pessoa, ele pode virar-se para o outro lado e respirar tranqüilo. Por enquanto.” É muito ódio concentrado para que seja verdadeiro. Vou acabar pensando que este filho me ama um pouco.

Sábado, 31 de agosto

Avellaneda e Blanca se encontravam sem que eu soubesse. Blanca soltou sem querer uma frasezinha reveladora e tudo ficou a descoberto. “Não queríamos lhe contar, porque estamos aprendendo muito sobre você.” No princípio isso me pareceu uma brincadeira miserável, mas depois me comovi. Não tive outro remédio senão imaginar as duas moças intercambiando suas respectivas imagens incompletas sobre este sujeito simples que sou eu. Uma espécie de quebra-cabeça. Há curiosidade nisto, claro, mas também há carinho. Avellaneda, por sua vez, mostrou-se muito culpada, pediu-me perdão, disse pela centésima vez que Blanca era estupenda. Agrada-me que sejam amigas, por mim, através de mim, por minha causa, mas às vezes não posso evitar a sensação de estar sobrando. Na realidade, sou um veterano de quem duas jovens estão se ocupando.

Domingo, 1º de setembro

Acabou-se a farra. Amanhã, outra vez no escritório. Penso nas planilhas de vendas, na borracha de apagar, nos livros copiadores, nos talões de cheques, na voz do gerente, e meu estômago fica revirado.

Segunda, 2 de setembro

Receberam-me como um salvador: com todos os problemas sem resolver. Parece que veio um fiscal e armou uma confusão tremenda sobre uma bobagem. O pobre do Muñoz se afoga num copo d'água. Santini estava mais maricas do que de costume e me fez uns trejeitos bastante escandalosos. Este também será platônico? Comenta-se que, em vista da minha negativa, trarão um subgerente de outra companhia. Martínez está bramindo de raiva. Hoje, pela primeira vez depois da borrasca, a Valverde apareceu. Ela balançou o traseiro com um entusiasmo digno de melhor causa.

Terça, 3 de setembro

Pela primeira vez, Avellaneda me falou do seu antigo namorado. Ele se chama Enrique Ávalos e trabalha no Município. O namoro só durou um ano. Exatamente, de abril do ano passado até abril deste ano. “É boa pessoa. Ainda o estimo, porém...” Percebo que sempre temi esta explicação, mas também percebo que meu maior temor era que não viesse nenhuma. Se Avellaneda se atrevia a mencioná-lo, era porque o assunto já não importava tanto. De qualquer modo, todos os meus sentidos ficaram atentos a esse Porém, que me soava a música celestial. Porque o namorado tivera suas vantagens (idade, aspecto, o mero fato de chegar primeiro) e talvez não tivesse sabido aproveitá-las. A partir desse Porém, começavam as minhas, e eu, sim, estava disposto a aproveitá-las, ou seja, a solapar o terreno do pobre Enrique Ávalos. A experiência me ensinou que um dos métodos mais eficazes para derrotar um rival no vacilante coração de uma mulher é elogiar sem restrições esse mesmo rival, é mostrar-se tão compreensivo, tão nobre e tolerante que o próprio interessado se sinta comovido. “Verdade, eu ainda o estimo, mas estou certa de que não poderia ser nem medianamente feliz com ele.” “Bem, por que tanta certeza? Você não disse que ele é boa pessoa?” “Claro que é. Mas não basta. Nem sequer posso acusá-lo de ser muito frívolo e alegar que sou muito profunda, porque nem eu sou tão profunda para me incomodar com uma boa dose de frivolidade, nem ele é tão frívolo para não se comover com um sentimento verdadeiramente intenso. As dificuldades eram de outra ordem. Creio que o obstáculo mais intransponível era que não nos sentíamos capazes de nos comunicar. Ele me exasperava; eu o exasperava. Possivelmente, ele me amava, vá-se saber, mas o certo é que tinha uma habilidade especial para me ferir.” Estupendo. Precisei fazer um grande esforço para que a satisfação não me inflasse as bochechas, para fazer a cara preocupada de alguém que na verdade lamentasse que tudo aquilo tivesse acabado numa frustração. Até tive forças para advogar pelo meu

inimigo: “E você chegou a pensar se não tinha também um pouco de culpa? Vai ver que ele a feria simplesmente porque você estava sempre esperando que ele a ferisse. Viver eternamente na defensiva não é, com toda a certeza, o método mais eficaz para melhorar a convivência.” Então ela sorriu e disse apenas: “Com você, eu não preciso viver na defensiva. Sinto-me feliz.” Isso já era superior às minhas forças de contenção e fingimento. A satisfação se derramou por todos os meus poros, meu sorriso chegou de orelha a orelha, e já não me importou dedicar-me a arruinar para sempre os prestígios ainda sobreviventes do pobre Enrique, um maravilhoso derrotado.

Quarta, 4 de setembro

Muñoz, Robledo, Méndez me falaram com insistência de Avellaneda, do quanto ela havia trabalhado bem durante minha licença, de quão boa colega havia demonstrado ser. O que está acontecendo? Como se terá comportado Avellaneda nestes dias, para que esses insensíveis se mostrem emocionados? Até o gerente me chamou e, entre outros assuntos, soltou esta frase distraída: “Que tal essa moça que o senhor tem em sua seção? Tenho boas informações sobre o desempenho dela.” Formulei um elogio comedido, no tom mais convencional do mundo. Mas o *Caranguejo* acrescentou: “Sabe por que lhe perguntei? Porque talvez a traga para cá, como secretária.” Sorrii mecanicamente, eu sorrii mecanicamente. Por trás do meu sorriso, pelo menos, havia palavrões a granel.

Quinta, 5 de setembro

Creio que nisto sentimos de modo igual. Temos uma imperiosa necessidade de nos dizer tudo. Eu falo com ela como se falasse comigo mesmo; na realidade, ainda melhor do que se falasse comigo mesmo. É como se Avellaneda participasse da minha alma, como se estivesse encolhida num cantinho da minha alma, esperando minha confiança, reclamando minha sinceridade. Ela, por sua vez, também me diz tudo. Em outro momento, sei que eu teria acrescentado aqui: “Pelo menos, assim creio”, mas agora não posso, simplesmente porque não estaria certo. Agora sei que ela me diz tudo.

Sexta, 6 de setembro

Vi Vignale na confeitaria, muito escondido numa mesinha do fundo, com uma jorzinha bastante vistosa. Cumprimentou-me com um grande aceno, como se quisesse me confirmar que se lançou à aventura em grande escala. Assim, de longe, aquele par me pareceu um tanto lastimável. De repente, vi-me pensando: “E eu?” Claro que Vignale é

um tipo grosseiro, empolado, mal-educado... Mas e eu? Como sou para quem me olha de longe? Saio muito pouco com Avellaneda. Nossa vida transcorre no escritório e no apartamento. Temo que minha resistência a sair com ela se baseie, antes de tudo, num vigiado temor a ficar mal. Não, não pode ser. Num momento em que Vignale estava falando com o garçom, a moça lançou-lhe uma olhada dura, de desprezo. Avellaneda não me olharia assim.

Sábado, 7 de setembro

O amigo de Esteban marcou encontro comigo. É praticamente certo que minha aposentadoria esteja pronta dentro de quatro meses. É curioso: quanto mais me aproximo do descanso, mais insuportável me parece o escritório. Sei que me restam apenas quatro meses de lançamentos, contralanchamentos, balancetes, contas de ordem, declarações de renda. Mas daria um ano de vida para que esses quatro meses se reduzissem a zero. Bem, pensando melhor, não daria um ano de vida, porque agora minha vida tem Avellaneda.

Domingo, 8 de setembro

Esta tarde fizemos amor. Já havíamos feito muitas vezes e, no entanto, não o registrei aqui. Mas hoje foi algo maravilhoso. Nunca em minha vida, nem com Isabel nem com ninguém, eu me senti tão perto da glória. Às vezes, penso que Avellaneda é como um molde que se instalou no meu peito e o está ampliando, deixando-o em condições adequadas para sentir mais a cada dia. O fato é que eu ignorava ter em mim essas reservas de ternura. E não me importa que esta seja uma palavra sem prestígio. Tenho ternura e me sinto orgulhoso de tê-la. Até o desejo se torna puro, até o ato mais definitivamente consagrado ao sexo se torna quase imaculado. Mas essa pureza não é hipocrisia, não é afetação, não é aparentar que eu só viso à alma. Essa pureza é amar cada centímetro da pele dela, é aspirar seu cheiro, é percorrer seu ventre, poro a poro. É levar o desejo até o ápice.

Segunda, 9 de setembro

Na seção de Vendas, prepararam um trote sanguíneo para um tal de Menéndez, rapaz ingênuo, supersticioso, apostador inveterado, que entrou na empresa fazendo parte do mesmo grupo que Santini, Sierra e Avellaneda. O caso é que Menéndez comprou um bilhete inteiro para a loteria de amanhã. Disse que desta vez não iria mostrá-lo a

ninguém, por ter o palpite de que, se não o mostrasse, o número iria sair para o prêmio máximo. Mas esta tarde veio o cobrador do Peñarol, e Menéndez, ao abrir a carteira para pagar, deixou por alguns segundos o bilhete sobre o balcão. Ele não se deu conta, mas Rosas, um cretino em permanente estado de alerta, anotou mentalmente o número e de imediato espalhou a informação. A brincadeira que prepararam para amanhã é a seguinte: combinaram com o dono da lotérica em frente para que, em determinada hora, anote na lousa o número 15.301 no lugar do primeiro prêmio. Só por uns minutos, depois ele o apagará. O homem gostou tanto da idéia que, contra o previsto, concordou em colaborar.

Terça, 10 de setembro

Foi terrível. Às 14h45, Gaizolo chegou da rua e disse em voz alta: “Putá merda, que raiva. Apostei no um até o sábado passado, e ele me sai justamente hoje.” Lá do fundo, veio a primeira pergunta prevista: “Ah, então deu final um? Você se lembra dos dois Algarismos?” “Zero um”, foi a resposta malandra. Então, Peña saltou de sua escrivaninha: “Rapaz, eu joguei no 301”, e acrescentou em seguida, dirigindo-se a Menéndez, que trabalha diante do janelão: “Vamos, Menéndez, dê uma olhada lá na lousa. Se tiver saído o 301, estou feito.” Parece que Menéndez virou a cabeça com toda a parcimônia, na atitude de quem ainda está se contendo para não se iludir. Viu os grandes e nítidos Algarismos do 15.301 e, por um momento, ficou paralisado. Creio que, nesse instante, deve ter pesado todas as possibilidades e também descartado qualquer possível trapaça. Ninguém, exceto ele, conhecia o número. Mas o itinerário do trote terminava ali. O plano estabelecia que, nesse momento, todos, em equipe, viriam curtir a cara dele. Só que ninguém havia previsto que Menéndez desse um pulo e saísse correndo lá para os fundos. A versão de algumas testemunhas é que o infeliz entrou sem bater no gabinete do gerente (o qual, nesse momento, atendia a um representante de uma firma americana), praticamente jogou-se em cima deste e, antes que o gerente pudesse conter o próprio assombro, tascou-lhe um sonoro beijo na careca. Eu, que já tardiamente me dei conta deste último lance, entrei atrás dele no gabinete, agarrei-o pelo braço e puxei-o à força para fora. Ali, em meio às caixas de Pernos e Pistões, enquanto ele se sacudia numas gargalhadas elétricas que eu nunca poderei esquecer, disse-lhe quase aos gritos a verdade verdadeira. Senti-me horrível ao fazer isso, mas não havia outro remédio. Jamais vi um homem desmoralizar de maneira tão irremediável e repentina. Menéndez fraquejou das pernas, abriu a boca sem conseguir fechá-la, e depois, só depois, tapou os olhos com a mão direita. Sentei-o numa cadeira e entrei no gabinete do gerente para explicar o episódio, mas o cretino não podia tolerar que o representante americano tivesse presenciado sua humilhação: “Não se dê o trabalho de me explicar uma história inacreditável. Esse imbecil está demitido.”

Isso é o mais horrível: Menéndez está efetivamente demitido e, além disso, amargurado para sempre. Aqueles cinco minutos de ilusão frenética vão ser indelévels. Quando os outros souberam da notícia, foram em delegação à gerência, mas o *Caranguejo* é inflexível. Este deve ter sido o dia mais triste, mais pesado, mais deprimente de todos os

muitos anos que passei no escritório. Na última hora, porém, a confraria dos cruéis teve um gesto bondoso: enquanto Menéndez não achar outro emprego, o pessoal decidiu contribuir com uma pequena porcentagem, até completar o total do salário dele, e entregar-lhe o dinheiro. Mas houve um obstáculo: Menéndez não aceita o presente, ou a reparação, ou lá como se prefira chamar. Também não quer falar com ninguém do escritório. Pobre sujeito. Eu mesmo estou me repreendendo por não o ter posto de sobreaviso desde ontem. Mas ninguém podia imaginar que sua reação fosse ser tão fulminante.

Quarta, 11 de setembro

Depois de amanhã é meu aniversário, mas Avellaneda já me mostrou seus presentes. Primeiro me deu o relógio de ouro. Coitadinha. Deve ter consumido integralmente suas economias. Depois, um pouco encabulada, abriu uma caixinha e me mostrou o outro: uma conchinha de caracol alongada, de linhas perfeitas: “Peguei-a em La Paloma, no dia em que fiz 9 anos. Veio uma onda e deixou isto aos meus pés, como uma gentileza do mar. Creio que foi o momento mais feliz da minha infância. Pelo menos, é o objeto material de que mais gosto, que mais admiro. Quero que seja sua, que você a guarde consigo. Acha ridículo?”

Agora, a conchinha está na palma da minha mão. Vamos ser bons amigos.

Quinta, 12 de setembro

Diego é um preocupado e, por sua influência, Blanca está se tornando outra preocupada. Esta noite, conversei longamente com os dois. Sua preocupação é o país, sua própria geração, e, no fundo de ambas as abstrações, sua preocupação se chama Eles Mesmos. Diego quer fazer algo rebelde, positivo, estimulante, renovador; não sabe bem o quê. Até agora, o que sente com intensidade máxima é um inconformismo agressivo, no qual ainda falta um pouco de coerência. Parece-lhe funesta a apatia de nossa gente, a carência de impulso social, a democrática tolerância ante a fraude, a reação ignorante e inócua ante a mistificação. Ele acha assustador, por exemplo, que exista um matutino com 17 editoriais que escrevem como um *hobby*, 17 rentistas que, de um bangalô em Punta del Este, clamam contra a horrível praga do descanso, 17 almofadinhas que usam toda a sua inteligência, toda a sua lucidez, para preencher de habilidosa convicção um tema no qual não acreditam, uma diatribe que, no fundo de si mesmos, consideram injusta. Revolta-o que as esquerdas carreguem, sem dissimular muito, um fundo de aburguesada acomodação, de rígidos ideais, de módico embuste. “O senhor vê alguma saída?”, pergunta Diego e volta a perguntar, com franca e provocadora ansiedade. “Quanto a mim, de minha parte, não a vejo. Há pessoas que entendem o que está acontecendo, que consideram absurdo o que está acontecendo, mas se limitam a lamentar. Falta paixão, esse

é o segredo deste grande globo democrático em que nos transformamos. Durante vários lustros, fomos serenos, objetivos, mas a objetividade é inofensiva, não serve para mudar o mundo, nem sequer para mudar um país de bolso como este. Falta paixão, e paixão gritada, ou pensada aos gritos, ou escrita aos gritos. É preciso gritar nos ouvidos das pessoas, já que sua aparente surdez é uma espécie de autodefesa, de covarde e malsã autodefesa. É preciso conseguir acordar nos outros a vergonha de si mesmos, substituir neles a autodefesa pela auto-repulsão. No dia em que o uruguiaio sentir repulsão pela sua própria passividade, esse dia se transformará em algo útil.”

Sexta, 13 de setembro

Completo hoje 50 anos. Ou seja, a partir deste dia estou em condições de me aposentar. Uma data que parece sentenciada para fazer balanço. Mas eu estive fazendo balanço o ano inteiro. Detesto os aniversários, as alegrias e as dores a prazo fixo. Parece-me deprimente, por exemplo, que em 2 de novembro devamos chorar em coro pelos nossos mortos, que no 25 de agosto nos emocionemos ao simples indício da bandeira nacional. Ou se é ou não se é, não importa o dia.

Sábado, 14 de setembro

Ainda assim, a data de ontem não passou em vão. Hoje, em vários momentos do dia, pensei: “Cinquenta anos”, e minha alma despencou até o chão. Fiquei diante do espelho e não pude evitar um pouco de piedade, um pouco de comiseração por este tipo enrugado, de olhos fatigados, que nunca chegou nem chegará a nada. O mais trágico não é ser medíocre, mas inconsciente dessa mediocridade; o mais trágico é ser medíocre e saber que se é assim e não se conformar com esse destino que, por outro lado (isso é o pior), é de rigorosa justiça. Então, quando eu estava me olhando no espelho, apareceu sobre meu ombro a cabeça de Avellaneda. E o tipo enrugado, que nunca chegou nem chegará a nada, viu seus olhos se iluminarem, e por duas horas e meia esqueceu que havia completado 50 anos.

Domingo, 15 de setembro

Ela ri. Eu pergunto: “Você faz idéia do que significam 50 anos?”, e ela ri. Mas, no fundo, talvez se dê conta de tudo e vá depositando várias coisas nos pratos da balança. No entanto, é boa pessoa e não me diz nada. Não menciona que chegará um instante inevitável no qual eu a olharei sem sexo, em que sua mão na minha mão não será um

choque elétrico, em que conservarei por ela o suave carinho que se tem pelas sobrinhas, pelas filhas dos amigos, pelas mais remotas atrizes de cinema, um carinho que é uma espécie de condecoração mental mas que não pode ferir nem ser ferido, não pode provocar cicatrizes nem acelerar o coração, um carinho manso, apazível, inócuo, que parece uma antecipação do monótono amor de Deus. Então olharei para ela e não poderei sentir ciúme, porque terá passado a época das tormentas. Quando, no céu deserto dos 70, aparece uma nuvem, já se sabe que é a nuvem da morte. Esta deve ser a frase mais piegas, mais ridícula, que já deixei cair nesta caderneta. A mais verdadeira, quem sabe. Por que será que o verdadeiro é sempre um pouco piegas? Os pensamentos servem para edificar a dignidade sem evasivas, o estoicismo sem claudicação, o equilíbrio sem reservas, mas as evasivas, as claudicações, as reservas estão de tocaia na realidade, e nos desarmam, nos afrouxam, quando ali chegamos. Quanto mais dignos forem os propósitos a cumprir, mais ridículos parecem os propósitos não cumpridos. Olharei para ela e não poderei sentir ciúme em relação a ninguém; só ciúme em relação a mim mesmo, ciúme ante este indivíduo que sente ciúme de todos. Saí com Avellaneda e meus 50 anos, passei com ela e com eles ao longo da Dieciocho. Quis ser visto com ela. Creio que não cruzei com ninguém do escritório. Mas, em contraposição, fui visto pela mulher de Vignale, por um amigo de Jaime, por dois parentes dela. Além disso (que horrível além disso!), na Dieciocho com Yaguarón cruzei com a mãe de Isabel. É incrível: anos e anos passaram sobre meu rosto e sobre o dela, e, no entanto, quando a vejo, meu coração continua sofrendo um baque; na realidade, mais do que um baque, um salto de raiva e impotência. Uma mulher invencível, tão admiravelmente invencível que o mínimo a fazer é tirar-lhe o chapéu. Ela me cumprimentou, com a mesma reticência agressiva de vinte anos atrás, e depois literalmente envolveu Avellaneda numa longa olhada, que era ao mesmo tempo diagnóstica e desenganadora. Avellaneda percebeu a sacudidela, apertou meu braço e perguntou quem era. “Minha sogra”, respondi. E é verdade: minha primeira e única sogra. Porque, mesmo se eu me casasse com Avellaneda, mesmo se nunca tivesse sido o marido de Isabel, esta altíssima, poderosa, decisiva matrona de 70 anos teria sido sempre e até sempre minha Sogra Universal, inevitável, predestinada, minha Sogra que procede diretamente daquele Deus de terror que oxalá não exista, quanto mais não seja para me recordar que o mundo é isso, que o mundo também se detém às vezes para nos contemplar, com um olhar que também pode chegar a ser diagnóstico e desenganador.

Segunda, 16 de setembro

Saimos do escritório quase juntos, mas Avellaneda não quis ir para o apartamento. Está resfriada. Então fomos à farmácia, e eu lhe comprei um xarope expectorante. Depois tomamos um táxi e deixei-a a duas quadras de sua casa. Ela não quer correr o risco de que seu pai fique sabendo. Caminhou alguns passos, voltou-se e me fez um aceno alegre com a mão. No fundo, nada disso é muito importante. Mas no gesto havia familiaridade, havia simplicidade. E nesse instante senti-me confortado, tive certeza de que entre ela e mim existe uma comunicação, desvalida, talvez, mas tranqüilamente certa.

Terça, 17 de setembro

Avellaneda não foi ao escritório.

Quarta, 18 de setembro

Santini retomou as confidências. Sujeito repugnante e ao mesmo tempo divertido. Diz que a irmã já não vai dançar nua para ele. Tem namorado. Avellaneda não veio também hoje. Parece que sua mãe telefonou quando eu não estava, e então falou com Muñoz. Disse que a filha está com gripe.

Quinta, 19 de setembro

Hoje, sim, comeci a ter saudade de Avellaneda. Na seção, andaram falando sobre ela, e de repente sua ausência me foi insuportável.

Sexta, 20 de setembro

Hoje, de novo, Avellaneda não veio. Esta tarde fui ao apartamento e em cinco minutos tudo me ficou claro. Em cinco minutos desapareceram todos os escrúpulos: vou me casar. Mais do que todos os argumentos que eu mesmo vinha me apresentando, mais do que todas as conversas com ela, mais do que tudo isso, o que vale é esta ausência. Como estou acostumado a ela, à sua presença!

Sábado, 21 de setembro

Confessei minha decisão a Blanca e deixei-a feliz. Tenho de dizer a Avellaneda, tenho de dizer, porque agora, sim, encontrei toda a força, toda a convicção. Mas hoje ela também não foi trabalhar.

Domingo, 22 de setembro

Ela não poderia me enviar um telegrama? Proibiu-me de ir à sua casa, mas se amanhã, segunda, não aparecer, vou descobrir de qualquer jeito algum pretexto para visitá-la.

Segunda, 23 de setembro

Meu Deus. Meu Deus. Meu Deus. Meu Deus. Meu Deus. Meu Deus. Meu Deus.

Sexta, 17 de janeiro

Faz quase quatro meses que não anoto nada. No dia 23 de setembro, não tive coragem para escrever isto.

Em 23 de setembro, às três da tarde, o telefone tocou. Rodeado de empregados, formulários, consultas, eu atendi. Uma voz de homem disse: “É o senhor Santomé? Quem está falando é um tio de Laura. Uma notícia má, senhor. Verdadeiramente, uma notícia má. Laura faleceu esta manhã.”

No primeiro momento, recusei-me a entender. Laura não era ninguém, não era Avellaneda. “Faleceu”, disse a voz do tio. Essa palavra é um nojo. *Faleceu* significa apenas um trâmite: “Uma notícia má, senhor”, dissera o tio. E o que ele sabe? O que sabe de como uma notícia má pode destruir o futuro e o rosto, e o tato, e o sonho? O que ele sabe, hein? A única coisa que ele sabe é dizer: “Faleceu”, algo tão insuportavelmente fácil assim. Seguramente, estava dando de ombros. E isso também é um nojo. Foi por isso que cometi algo tão horrível. Com a mão esquerda, fiz uma bola com uma planilha de vendas, com a direita aproximei o fone da minha boca e disse lentamente: “Por que não vai à merda?” Não me lembro bem. Parece-me que a voz perguntou várias vezes: “Como disse, senhor?”, mas eu também repeti várias vezes: “Por que não vai à merda?” Então me tiraram o telefone e falaram com o tio. Creio que gritei, resfoleguei, disse bobagens. Mal conseguia respirar. Sentí que me desabotoavam o colarinho, que me afrouxavam a gravata. Houve uma voz desconhecida que disse: “Foi um choque emocional”, e outra voz, esta sim, conhecida, a de Muñoz, que começou a explicar: “Era uma funcionária que ele apreciava muito.” Nessa nebulosa de sons, havia também soluços de Santini, uma explicação extremamente tosca de Robledo sobre o mistério da morte e as rituais instruções do gerente para que se enviasse uma coroa. Por fim, Sierra e Muñoz conseguiram me meter num táxi e me trouxeram para casa.

Blanca abriu a porta, assustadíssima, mas Muñoz logo a tranqüilizou: “Não se preocupe, senhorita, seu pai está ótimo. Sabe o que houve? Faleceu uma colega e ele se impressionou muito. E com razão, porque era uma moça extraordinária.” Ele também disse: “Faleceu.” Bom, talvez o tio, Muñoz e os outros façam bem ao dizerem “faleceu”, porque isso soa tão ridículo, tão frio, tão distante de Avellaneda, que não pode feri-la, não pode destruí-la.

Então, quando me vi em casa, sozinho no meu quarto, quando até a pobre Blanca me

retirou o consolo do seu silêncio, movi os lábios para dizer: “Morreu. Avellaneda morreu”, porque *morreu* é a palavra, *morreu* é o desmoroamento da vida, *morreu* vem de dentro, traz a verdadeira respiração da dor, *morreu* é o desespero, o nada frígido e total, o abismo puro e simples, o abismo. Então, quando movi os lábios para dizer: “Morreu”, então vi minha imunda solidão, isso que havia restado de mim, que era bem pouco. Com todo o egoísmo de que dispunha, pensei em mim mesmo, no remendado ansioso que eu agora passava a ser. Mas, ao mesmo tempo, essa era a mais generosa forma de pensar nela, a mais total de imaginá-la. Porque até o dia 23 de setembro, às três da tarde, eu tinha muito mais de Avellaneda do que de mim. Ela havia começado a entrar em mim, a transformar-se em mim, como um rio que se mistura demais com o mar e por fim torna-se salgado como o mar. Por isso, quando movia os lábios e dizia: “Morreu”, eu me sentia trespassado, despojado, vazio, sem mérito. Alguém tinha vindo e decretado: “Despojem esse sujeito de quatro quintas partes do seu ser.” E me haviam despojado. O pior de tudo é que esse saldo que agora sou, essa quinta parte de mim mesmo em que me transformei, continua tendo consciência, no entanto, de sua pouquidão, de sua insignificância. Restou-me uma quinta parte dos meus bons propósitos, dos meus bons projetos, das minhas boas intenções, mas a quinta parte que me restou da minha lucidez é o bastante para eu me dar conta de que isso não serve. A coisa se acabou, simplesmente. Eu não quis ir à casa dela, não quis vê-la morta, porque era uma desvantagem indecorosa. Que eu a visse e ela, não. Que eu a tocasse e ela, não. Que eu vivesse e ela, não. Ela é outra coisa, é o último dia, ali posso tratá-la de igual para igual. É ela descendo do táxi, com o remédio que eu lhe havia comprado, é ela caminhando uns passos e voltando-se para me dedicar um gesto. O último, o último, o último gesto. Choro e me agarro a ele. Naquele dia, escrevi que nesse instante tive certeza de que entre ela e mim existia uma comunicação. Mas a certeza existia enquanto ela existia. Agora meus lábios se movem para dizer: “Morreu. Avellaneda morreu”, e a certeza está extenuada, a certeza é uma coisa impudica, indecorosa, que nada tem a fazer aqui. Voltei ao escritório, claro, para que os comentários me trespassassem, me apodrescessem, me fartassem. “A prima me disse que era uma gripe vulgar, simples, e de repente paf!, o coração falhou.” Integrei-me outra vez ao trabalho, resolvi assuntos, esgotei consultas, redigi informes. Sou verdadeiramente um funcionário exemplar. Às vezes, Muñoz ou Robledo ou o próprio Santini se aproximam de mim e tentam iniciar uma conversa evocativa, com prolegômenos deste tipo: “E pensar que este trabalho era feito por Avellaneda”, “Veja, chefe, esta anotação é de Avellaneda”. Eu então desvio os olhos e digo: “Bom, está bem, a vida continua.” Os pontos que ganhei em 23 de setembro, eu os perdi com acréscimo. Sei que murmuram que sou um egoísta, um indiferente, que a desgraça alheia sequer me afeta. Não importa que murmurem. Eles estão fora. Fora daquele mundo em que estivemos Avellaneda e eu. Fora deste mundo em que agora estou eu, sozinho como um herói, mas sem nenhuma razão para sentir coragem.

Quarta, 22 de janeiro

Às vezes, falo dela com Blanca. Não choro, não me desespero; simplesmente falo. Sei que

ali há um eco. É Blanca quem chora, quem se desespera. Diz que não pode acreditar em Deus. Que Deus me foi dando e tirando as oportunidades, e que ela não se sente com forças para acreditar num Deus de crueldade, num sádico onímodo. Eu, no entanto, não me sinto tão cheio de rancor. Em 23 de setembro, não só escrevi várias vezes: “Meu Deus.” Também o pronunciei, também o senti. Pela primeira vez na minha vida, senti que podia dialogar com Ele. Mas no diálogo Deus teve uma participação frouxa, vacilante, como se não estivesse muito seguro de si. Talvez eu tenha chegado perto de comovê-lo. Tive a sensação, além disso, de que havia um argumento decisivo, um argumento que estava junto de mim, diante de mim, e que, apesar disso, eu não conseguia reconhecer, não conseguia incorporar à minha alegação. Então, passado esse prazo que Ele me outorgou para que eu o convencesse, passado esse indício de vacilação e apocamento, Deus finalmente recuperou suas forças. Deus voltou a ser a todopoderosa Negação de sempre. Ainda assim, não consigo ter-lhe rancor, não consigo manuseá-lo com meu ódio. Sei que Ele me deu a oportunidade e que eu não a soube aproveitar. Talvez algum dia consiga agarrar esse argumento único, decisivo, mas a essa altura já estarei atrocemente desgastado e este presente, mais desgastado ainda. Às vezes penso que, se Deus jogasse limpo, também me teria dado o argumento que eu devia usar contra Ele. Mas não. Não pode ser. Não quero um Deus que me mantenha, que não decida confiar-me a chave para voltar, cedo ou tarde, à minha consciência; não quero um Deus que me brinde com tudo pronto, como poderia fazer um desses prósperos pais da Rambla, podres de dinheiro, com seu filhinho janota e inútil. Isso não. Agora, as relações entre mim e Deus esfriaram. Ele sabe que eu não sou capaz de convencê-lo. Eu sei que Ele é uma solidão longínqua, à qual não tive nem nunca terei acesso. Assim estamos, em margens opostas, sem odiar-nos, sem amar-nos, alheios.

Sexta, 24 de janeiro

Hoje, durante o dia inteiro, enquanto tomava o café-damanhá, enquanto trabalhava, enquanto almoçava, enquanto discutia com Muñoz, estive ofuscado por uma só idéia, desdobrada por sua vez em várias dúvidas: “O que ela pensou antes de morrer? O que eu representei para ela nesse instante? Terá recorrido a mim? Disse meu nome?”

Domingo, 26 de janeiro

Pela primeira vez reli meu Diário, de fevereiro a janeiro. Tenho de buscar todos os Seus Momentos. Ela apareceu em 27 de fevereiro. Em 12 de março, anotei: “Quando diz ‘senhor’, sempre pestaneja. Não é uma formosura. Bom, sorri passavelmente. Já é alguma coisa.” Eu escrevi isso, um dia eu pensei isso dela. Em 10 de abril: “Avellaneda tem algo que me atrai. Isso é evidente, mas o que é?” Bom, e o que era? Ainda não sei. Atraíam-me seus olhos, sua voz, sua cintura, sua boca, suas mãos, seu riso, seu cansaço,

sua timidez, seu pranto, sua franqueza, sua dor, sua confiança, sua ternura, seu sono, seu passo, seus suspiros. Mas nenhum desses traços bastava para me atrair compulsiva e totalmente. Cada atrativo se apoiava em outro. Ela me atraía como um todo, como uma soma insubstituível de atrativos, quicá substituíveis. Em 17 de maio, eu lhe disse: “Acho que estou apaixonado pela senhorita”, e ela respondeu: “Eu já sabia.” Continuo me dizendo isso, ouço-a dizendo isso, e todo este presente se torna insuportável. Dois dias depois: “O que eu estou buscando denodadamente é um acordo, uma espécie de combinação entre meu amor e sua liberdade.” Ela respondeu: “Eu gosto do senhor.” É horrível como doem essas quatro palavras. Em 7 de junho, beijei-a e à noite escrevi: “Amanhã pensarei. Agora estou cansado. Também poderia dizer: feliz. Mas estou por demais alerta para me sentir totalmente feliz. Alerta ante mim mesmo, ante a sorte, ante esse único futuro tangível que se chama amanhã. Alerta, ou seja: desconfiado.” No entanto, de que me serviu essa desconfiança? Por acaso eu a aproveitei para viver mais intensa, mais sôfrega, mais peremptoriamente? Não, sem dúvida. Depois adquirir uma certa segurança, pensei que tudo está bem se a pessoa tiver consciência de amar, e de amar com eco, com repercussão. Em 23 de junho, ela me falou dos pais, da teoria da felicidade criada por sua mãe. Talvez eu devesse substituir minha inexorável Sogra Universal por esta imagem boa, por esta mulher que entende, que perdoa. Em 28 de junho, ocorreu o fato mais importante da minha vida. Eu, nada menos que eu, acabei rezando: “Tomara que dure”, e, para pressionar Deus, bati na madeira com os nós dos dedos. Mas ficou demonstrado que Deus era incorruptível. Ainda em 6 de julho, permiti-me anotar: “De repente, tive consciência de que aquele momento, aquela fatia de cotidianidade, era o grau máximo de bem-estar, era a Ventura”, mas em seguida eu mesmo me dei bofetadas de alerta: “Tenho certeza de que o ápice é um breve segundo, um clarão instantâneo, e não há direito a prorrogações.” No entanto, escrevi isso hipocritamente, agora sei. Porque, no fundo, eu tinha fé em que houvesse prorrogações, em que o ápice não fosse somente um ponto, mas sim um longo e interminável planalto. Mas não havia direito a prorrogações, claro que não. Depois escrevi aquilo sobre a palavra “Avellaneda”, sobre todos os significados que ela possuía. Agora penso: “Avellaneda”, e a palavra significa: “Não está, não estará nunca mais.” Não agüento.

Terça, 28 de janeiro

Na caderneta há muitas outras coisas, muitos outros rostos: Vignale, Aníbal, meus filhos, Isabel. Nada disso importa, nada disso existe. Enquanto existiu Avellaneda, eu compreendi melhor a época de Isabel, compreendi melhor a própria Isabel. Mas, agora, Avellaneda não existe mais, e Isabel desapareceu atrás de uma espessa, de uma obscura cortina de abatimento.

Sexta, 31 de janeiro

No escritório, defendo tenazmente minha vida (minha morte) essencial, íntima, profunda. Ninguém sabe exatamente o que se passa comigo. Meu colapso de 23 de setembro foi, para todos, uma comoção explicável e mais nada. Agora já se fala menos de Avellaneda, e eu não puxo o assunto. Defendo-a com minhas poucas forças.

Segunda, 3 de fevereiro

Ela me dava a mão e eu não precisava de mais nada. Bastava isso para que eu me sentisse bem acolhido. Mais do que beijá-la, mais do que nos deitarmos juntos, mais do que qualquer outra coisa, ela me dava a mão, e isso era amor.

Quinta, 6 de fevereiro

A idéia me ocorreu numa destas noites e hoje eu a executei. Às cinco, fugi do escritório. Quando cheguei ao 368 e toquei a campainha, senti uma cocceira na garganta e comeci a tossir.

A porta se abriu, e eu estava tossindo como um condenado. Era o pai, o mesmo pai das fotos, porém mais velho, mais triste, mais cansado. Tossi ainda mais forte, para me sobrepor definitivamente à tosse, e consegui perguntar se ele era o alfaiate. Ele inclinou a cabeça para o lado e respondeu que sim. “Bom, eu queria mandar fazer um terno.” Ele me fez entrar no ateliê. “Nunca lhe encomende um terno”, dissera Avellaneda, “ele faz todos na medida do mesmo manequim.” Ali estava — impávido, escarninho, mutilado — o manequim. Escolhi o tecido, enumerei alguns detalhes, acertei o preço. Então ele se aproximou da porta do fundo e chamou sem gritar: “Rosa.” “Minha mãe sabe do Nosso Assunto”, dissera ela, “minha mãe sabe tudo sobre mim.” Mas o Nosso Assunto não incluía meu sobrenome, meu rosto, minha estatura. Para a mãe, Nosso Assunto era Avellaneda e um amante sem nome. “Minha mulher”, apresentou o pai, “e o senhor, como disse mesmo que se chamava?” “Morales”, menti. “Certo, o senhor Morales.” Os olhos da mãe tinham uma tristeza penetrante. “Ele vai fazer um terno.” Nenhum dos dois usava luto. Havia uma amargura leve, natural. A mãe me sorriu. Tive de olhar na direção do manequim, porque suportar aquele sorriso que havia sido de Avellaneda era superior às minhas forças. Ela abriu uma cadernetinha e o pai começou a tomar minhas medidas, a ditar números de dois algarismos. “O senhor é do bairro? Setenta e cinco.” Respondi que mais ou menos. “Pergunto porque sua cara me parece conhecida. Cinquenta e quatro.” “Bom, eu moro no Centro, mas venho aqui com muita freqüência.” “Ah, certo. Sessenta e nove.” Ela anotava automaticamente, olhando para a parede. “A calça caindo sobre o sapato, não é? Cento e sete.” Tenho de voltar na próxima quinta-feira, para a prova. Havia um livro em cima da mesa: Blavatsky. Ele precisou sair um momento. A mãe fechou a cadernetinha e me fitou: “Por que o senhor veio fazer um terno com meu marido? Quem o indicou?” “Oh, ninguém em especial. Eu tinha a informação de que

aqui morava um alfaiate, só isso.” Soou tão pouco convincente que me deu vergonha. Ela me fitou outra vez. “Ele agora trabalha pouco. Desde que minha filha morreu.” Não disse *faleceu*. “Ah, claro. E faz muito tempo?” “Quase quatro meses.” “Sinto, senhora”, disse eu, logo eu, que sinto essa morte não exatamente como uma dor, mas como uma catástrofe, como um desmoronamento, como um caos, e então tive consciência da mentira, porque dizer “Sinto”, pronunciar esses pêsames, tão frívolos, tão tardios, era simplesmente abominável, era quase o mesmo que dizer: “Faleceu.” E era abominável, sobretudo, porque eu os dizia à única pessoa que podia compreender meu verdadeiro pesar, que podia compreender a verdade.

Quinta, 13 de fevereiro

Era o dia da prova, mas o alfaiate não estava. O senhor Avellaneda não estava. Foi o que me disse sua esposa, quando eu já havia entrado. “Não pôde esperá-lo, mas deixou tudo pronto para que eu faça a prova.” Foi até o outro aposento e apareceu com o paletó. Ficou horrível. Era verdade, afinal, que ele fazia os ternos sob a medida do manequim. De repente, virei-me para um lado (na realidade, ela foi me virando com a desculpa de ir colocando alfinetes e fazendo marcas de giz) e fiquei diante de uma fotografia de Avellaneda que não estava na quinta-feira passada. O golpe foi repentino demais, brutal demais. A mãe me observava, e seus olhos registraram muito bem meu pobre estupor. Então ela depositou sobre a mesa os alfinetes sobrantes e o giz, e sorriu tristemente, já segura, antes de me perguntar: “O senhor... é?” Entre as primeiras palavras e a última houve um espaço em branco de dois ou três segundos, mas esse silêncio bastou para transformar a pergunta em algo transparente. Era obrigatório responder. E eu respondi, sem falar nada; com a cabeça, com os olhos, com todo o meu ser, disse que sim. A mãe de Avellaneda apoiou uma das mãos no meu braço, no braço ainda sem manga que emergia daquele inábil projeto de alinhavos. Depois me tirou lentamente o paletó e o depositou sobre o manequim. Neste, como o paletó caía bem! “O senhor quer saber, não é?” Eu tinha certeza de que no olhar dela não havia rancor, nem vergonha, nem nada que não fosse uma exausta e sofrida piedade. “O senhor a conheceu, o senhor a amava, e deve estar atormentado. Eu sei como se sente. Sente que seu coração é uma coisa enorme que começa no estômago e acaba na garganta. Sente-se desgraçado, e feliz por sentir-se desgraçado. Eu sei o quanto isso é horrível.” Falava como se tivesse reencontrado um antigo confidente, mas também falava com algo mais que sua dor atual. “Faz vinte anos que eu perdi alguém. Alguém que era tudo. Mas não morreu desta morte. Simplesmente, foi embora. Do país, da minha vida, sobretudo da minha vida. Esse tipo de morte é pior, posso lhe garantir. Porque fui eu quem pedi que ele se fosse, e até agora nunca me perdoei. Essa morte é pior, porque a gente fica aprisionada no próprio passado, destruída pelo próprio sacrifício.” Passou a mão pela nuca, e pensei que ela ia dizer: “Não sei por que estou contando isso ao senhor.” Mas, ao contrário, prosseguiu: “Laura era a última coisa que me restava dele. Por isso, sinto outra vez que o coração é algo enorme, que começa no estômago e acaba na garganta. Por isso sei o que o senhor está passando.” Puxou uma cadeira e sentou-se, extenuada. Perguntei: “E ela, o que sabia a

respeito?” “Nada”, foi a resposta. “Laura não sabia absolutamente nada. Sou a única dona da minha história. Pobre orgulho, não é?” De repente, eu me lembrei: “E sua teoria da felicidade?” Ela sorriu, quase indefesa: “Laura também lhe contou isso? Foi uma bela mentira, um conto de fadas para que minha filha não perdesse o pé, para que minha filha se sentisse viver. Foi o melhor presente que lhe dei. Pobrezinha.” Chorava com os olhos voltados para o alto, sem passar as mãos pelo rosto, chorava com orgulho. “Mas o senhor quer saber”, disse. Então me contou os últimos dias, as últimas palavras, os últimos momentos de Avellaneda. Isso, porém, nunca será anotado. Isso é Meu, incorruptivelmente Meu. Isso estará me esperando no meio da noite, em todas as noites, para quando eu retomar o fio da minha insônia e disser: “Amor.”

Sexta, 14 de fevereiro

“Eles se amam, disso tenho certeza”, dizia Avellaneda sobre os pais, “mas não sei se esse é o modo de amar que me agrada.”

Sábado, 15 de fevereiro

O amigo de Esteban me telefonou para avisar que minha aposentadoria está pronta. Em 1º de março, já não irei ao escritório.

Domingo, 16 de fevereiro

Esta manhã fui buscar o terno. O senhor Avellaneda estava terminando de passá-lo a ferro. A fotografia enchia o aposento, e não pude deixar de olhá-la. “É minha filha”, disse ele, “minha única filha.” Não sei o que respondi, nem me importa lembrar. “Morreu há pouco tempo.” Outra vez, eu me ouvi pronunciar: “Sinto.” “Coisa curiosa”, acrescentou ele em seguida, “agora penso que estive alheio a ela, que nunca lhe demonstrei o quanto necessitava dela. Desde que era pequenina, fui adiando a grande conversa que me havia prometido ter com ela. Primeiro eu não tinha tempo, depois ela começou a trabalhar, e, além disso, sou bastante covarde. Perceber-me sentimental me assusta um pouco, sabe? O fato é que ela agora não mais existe, e fiquei com essa carga no peito, com essas palavras que não chegaram a nascer e que poderiam ter sido minha salvação.” Por um momento, parou de falar e contemplou a foto. “Muitas vezes pensei que ela não havia herdado nem um só traço meu. O senhor vê algum?” “Um ar geral”, menti. “Pode ser. Mas na alma, sim, ela era como eu. Ou melhor, como eu fui. Porque agora me sinto vencido, e, quando uma pessoa se deixa vencer, vai-se deformando, vai-se transformando

numa grosseira paródia de si mesma. Veja, esta morte da minha filha foi uma mancada. Do destino ou do médico, não sei bem. Mas tenho certeza de que foi uma mancada. Se o senhor a tivesse conhecido, perceberia o que eu quero dizer.” Pestanejei umas dez vezes seguidas, mas ele não prestava atenção. “Só numa mancada pode-se liquidar uma moça assim. Ela era (como posso lhe explicar?) um ser limpo e ao mesmo tempo intenso e ao mesmo tempo envergonhado de sua intensidade. Era um encanto. Eu sempre tive a convicção de que não merecia essa filha. A mãe, sim, merecia, porque Rosa tem personalidade, Rosa é capaz de enfrentar o mundo. Mas a mim falta decisão, falta segurança. O senhor já pensou alguma vez em suicídio? Eu, sim. Mas nunca vou conseguir. E isso também é uma carência. Porque eu tenho todo o quadro mental e moral do suicida, menos a força de que se precisa para meter um tiro nas têmporas. Talvez o segredo resida em que meu cérebro tem algumas necessidades próprias do coração, e meu coração, algumas singularidades próprias do cérebro.” Mais uma vez ficou imóvel, agora com o ferro de passar erguido no alto, observando a foto. “Preste atenção nos olhos. Veja como eles continuam fitando, por sobre o cotidiano, por sobre a morte. Até parecem estar fitando o senhor.” A frase ficou sozinha. Fiquei sem fôlego. Ele ficou sem assunto. “Bom, está pronto”, disse, dobrando cuidadosamente a calça, “é um bom tecido penteado. Veja como se desamassa bem.”

Terça, 18 de fevereiro

Não irei mais ao 368. Na realidade, não posso ir mais.

Quinta, 20 de fevereiro

Faz tempo que não vejo Aníbal. Não sei nada de Jaime. Esteban se limita a me falar de temas gerais. Vignale telefona para o escritório e eu mando dizer que não estou. Quero ficar sozinho. No máximo, falar com minha filha. E falar de Avellaneda, claro.

Domingo, 23 de fevereiro

Hoje, depois de quatro meses, estive no apartamento. Abri o guarda-roupa. O perfume dela permanecia. Mas isso não importa. O que importa é sua ausência. Em certas ocasiões, não consigo captar os matizes que separam a inércia e o desespero.

Segunda, 24 de fevereiro

É evidente que Deus me concedeu um destino escuro. Nem sequer cruel. Simplesmente escuro. É evidente que me concedeu uma trégua. No início, resisti a acreditar que isso pudesse ser a felicidade. Resisti com todas as minhas forças, depois me dei por vencido e acreditei. Mas não era a felicidade, era só uma trégua. Agora, estou outra vez metido no meu destino. E ele é mais escuro do que antes, muito mais.

Terça, 25 de fevereiro

A partir de 1º de março, não anotarei mais nada nesta caderneta. O mundo perdeu o interesse. Não serei eu a registrar esse fato. Só existe um assunto sobre o qual eu poderia escrever. Mas não quero.

Quarta, 26 de fevereiro

Como preciso dela! Deus havia sido minha carência mais importante. Mas, dela, eu preciso mais do que de Deus.

Quinta, 27 de fevereiro

No escritório, quiseram organizar uma despedida para mim e não aceitei. Para não incorrer em grosseria, armei uma desculpa muito verossímil, à base de problemas familiares. A verdade é que não posso me imaginar como o insosso motivo de um jantar alegre, ruidoso, com bombardeios de pão e vinho derramado.

Sexta, 28 de fevereiro

Último dia de trabalho. Nada de trabalho, claro. Passei-o apertando mãos, recebendo abraços. Creio que o gerente transbordava de satisfação e que Muñoz estava realmente comovido. Ali ficou minha escrivãzinha. Nunca pensei que desprender-me da rotina me importasse tão pouco. As gavetas ficaram vazias. Numa delas, encontrei uma carteira de identidade de Avellaneda. Ela a deixara para que registrássemos o número em sua ficha

pessoal. Guardei-a no bolso, e aqui está. A foto deve ter uns cinco anos, mas quatro meses atrás ela era mais bonita. Outra coisa ficou clara, e é que a mãe está enganada: eu não me sinto feliz por sentir-me desgraçado. Sinto-me simplesmente desgraçado. Acabou-se o escritório.

A partir de amanhã, e até o dia da minha morte, o tempo estará às minhas ordens. Depois de tanta espera, isto é o ócio. O que farei com ele?

Montevideu, janeiro a maio de 1959.

1 Marcha patriótica uruguaia, com música de José Usera, que divide a autoria da letra com Nicolás Bonomi. (N. da T.)

2 Sigla de Administración Nacional de Usinas y Trasmisiones Eléctricas. (N. da T.)

3 Espécie de mil-folhas, quadrado, com recheio e/ou cobertura a gosto. (N. da T.)

4 Partidária das idéias de José Batlle y Ordóñez (1856-1929), fundador da Vanguardia Batlista e duas vezes presidente da República, o qual, entre várias outras medidas, promulgou leis laicistas, emancipando o Estado em relação à Igreja. (N. da T.)

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Epígrafe

Segunda, 11 de fevereiro

Sexta, 15 de fevereiro

Segunda, 18 de fevereiro

Terça, 19 de fevereiro

Quinta, 21 de fevereiro

Sexta, 22 de fevereiro

Sábado, 23 de fevereiro

Domingo, 24 de fevereiro

Segunda, 25 de fevereiro

Quarta, 27 de fevereiro

Quinta, 28 de fevereiro

Sexta, 1º de março

Sábado, 2 de março

Terça, 12 de março

Quarta, 13 de março

Sexta, 15 de março

Sábado, 16 de março

Domingo, 17 de março

Segunda, 18 de março

Terça, 19 de março

Quinta, 21 de março

Sexta, 22 de março

Domingo, 24 de março

Segunda, 25 de março

Quarta, 27 de março

Quinta, 28 de março

Sexta, 29 de março

Sábado, 30 de março

Domingo, 31 de março

Segunda, 1º de abril

Terça, 2 de abril

Quinta, 4 de abril

Sexta, 5 de abril

Sábado, 6 de abril

Domingo, 7 de abril

Terça, 9 de abril

Quarta, 10 de abril

Quinta, 11 de abril

Sexta, 12 de abril

Domingo, 14 de abril
Terça, 16 de abril
Quarta, 17 de abril
Quinta, 18 de abril
Sábado, 20 de abril
Segunda, 22 de abril
Quarta, 24 de abril
Sexta, 26 de abril
Domingo, 28 de abril
Segunda, 29 de abril
Terça, 30 de abril
Quarta, 1º de maio
Quinta, 2 de maio
Sábado, 4 de maio
Domingo, 5 de maio
Terça, 7 de maio
Quarta, 8 de maio
Quinta, 9 de maio
Sexta, 10 de maio
Sábado, 11 de maio
Domingo, 12 de maio
Segunda, 13 de maio
Quarta, 15 de maio
Quinta, 16 de maio
Sexta, 17 de maio
Sábado, 18 de maio
Domingo, 19 de maio
Segunda, 20 de maio
Terça, 21 de maio
Sexta, 24 de maio
Domingo, 26 de maio
Terça, 28 de maio
Quinta, 30 de maio
Sexta, 31 de maio
Domingo, 2 de junho
Terça, 4 de junho
Sexta, 7 de junho
Domingo, 9 de junho
Segunda, 10 de junho
Terça, 11 de junho
Sexta, 14 de junho
Sábado, 15 de junho
Domingo, 16 de junho
Quinta, 20 de junho
Sexta, 21 de junho
Sábado, 22 de junho

Domingo, 23 de junho
Segunda, 24 de junho
Terça, 25 de junho
Quarta, 26 de junho
Quinta, 27 de junho
Sexta, 28 de junho
Sábado, 29 de junho
Domingo, 30 de junho
Quarta, 3 de julho
Quinta, 4 de julho
Sábado, 6 de julho
Domingo, 7 de julho
Segunda, 8 de julho
Terça, 9 de julho
Quarta, 10 de julho
Sábado, 13 de julho
Segunda, 15 de julho
Quarta, 17 de julho
Quinta, 18 de julho
Sexta, 19 de julho
Sábado, 20 de julho
Domingo, 21 de julho
Segunda, 22 de julho
Terça, 23 de julho
Sexta, 26 de julho
Sábado, 27 de julho
Terça, 30 de julho
Quinta, 1º de agosto
Sábado, 3 de agosto
Domingo, 4 de agosto
Quarta, 7 de agosto
Quinta, 8 de agosto
Segunda, 12 de agosto
Quinta, 15 de agosto
Sexta, 16 de agosto
Sábado, 17 de agosto
Domingo, 18 de agosto
Segunda, 19 de agosto
Terça, 20 de agosto
Quarta, 21 de agosto
Quinta, 22 de agosto
Sexta, 23 de agosto
Sábado, 24 de agosto
Domingo, 25 de agosto
Segunda, 26 de agosto
Terça, 27 de agosto

Quarta, 28 de agosto
Quinta, 29 de agosto
Sexta, 30 de agosto
Sábado, 31 de agosto
Domingo, 1º de setembro
Segunda, 2 de setembro
Terça, 3 de setembro
Quarta, 4 de setembro
Quinta, 5 de setembro
Sexta, 6 de setembro
Sábado, 7 de setembro
Domingo, 8 de setembro
Segunda, 9 de setembro
Terça, 10 de setembro
Quarta, 11 de setembro
Quinta, 12 de setembro
Sexta, 13 de setembro
Sábado, 14 de setembro
Domingo, 15 de setembro
Segunda, 16 de setembro
Terça, 17 de setembro
Quarta, 18 de setembro
Quinta, 19 de setembro
Sexta, 20 de setembro
Sábado, 21 de setembro
Domingo, 22 de setembro
Segunda, 23 de setembro
Sexta, 17 de janeiro
Quarta, 22 de janeiro
Sexta, 24 de janeiro
Domingo, 26 de janeiro
Terça, 28 de janeiro
Sexta, 31 de janeiro
Segunda, 3 de fevereiro
Quinta, 6 de fevereiro
Quinta, 13 de fevereiro
Sexta, 14 de fevereiro
Sábado, 15 de fevereiro
Domingo, 16 de fevereiro
Terça, 18 de fevereiro
Quinta, 20 de fevereiro
Domingo, 23 de fevereiro
Segunda, 24 de fevereiro
Terça, 25 de fevereiro
Quarta, 26 de fevereiro
Quinta, 27 de fevereiro

Sexta, 28 de fevereiro